



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO (POSICI) DO
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

REGINA CÉLIA DE SÁ

**RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA: O ARQUIVO
DO JORNAL A TARDE**

SALVADOR
2010

REGINA CÉLIA DE SÁ

**RECUPERAÇÃO DA INFORMAÇÃO FOTOGRÁFICA: O ARQUIVO
DO JORNAL A TARDE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia (Ufba), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely M. Ceravolo

SALVADOR
2010

S111 SÁ, Regina Célia de.

Recuperação da informação fotográfica: o arquivo do jornal A Tarde/ Regina Célia de Sá – Salvador, 2010.

151f. : il. ; 30 cm.

Inclui anexos.

Orientadora: Prof^a Dr^a Suely Moraes Ceravolo

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2010.

1. Acervo fotográfico. 2. Indexação de imagens. 3. Fotojornalismo. I. Universidade Federal da Bahia. Instituto em Ciência da Informação. II. Ceravolo, Suely Moraes. III. Título.

CDU 77.01
CDD 770

TERMO DE APROVAÇÃO

REGINA CÉLIA DE SÁ

Recuperação da informação fotográfica: o arquivo do jornal A Tarde

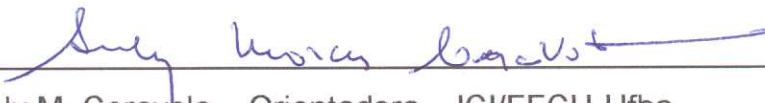
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia (Ufba), pela seguinte banca examinadora:



Profª Drª Nanci E. Oddone – ICI – Ufba



Profª. Drª. Maria de Fátima Talamo – PPG CI – ECA/USP



Profª Drª Suely M. Ceravolo – Orientadora – ICI/FFCH-Ufba

Salvador, 31 de agosto de 2010

ISSN 1516-9172
 R\$ 1,75 [BAHIA E SERGIPE]
 R\$ 4,00 [OUTROS ESTADOS]
 ANO 98 / Nº 33.068

A TARDE

www.atarde.com.br

FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

Salvador,
 quarta-feira,
 21 de outubro
 de 2009
 FECHAMENTO: 22h48

ESPORTE CLUBE

Sal grosso dá certo e Bahia deixa a zona de rebaixamento

Um dia depois da torcida dar um banho de sal grosso no CT do Bahia, o time quebrou a sequência de nove jogos sem vitória, na série B. A vítima foi o lanterna Campinense, que perdeu de 3 a 0, em Pituçu, após dois de seus jogadores terem sido expulsos. Com o triunfo, a equipe baiana saiu da zona de rebaixamento. O Vasco é lider isolado.

Roger e Leandro disputam a camisa 9 do Vitória



Nadson marcou o primeiro gol do Bahia, de pênalti, contra o Campinense, e correu para o abraço de seus companheiros

CONSUMO

Embasa renegocia dívida de 512 mil inadimplentes

A Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa) pretende renegociar a dívida de 512 mil consumidores, sem cobrar multas e juros. Os inadimplentes poderão dividir o saldo devedor em até 120 parcelas de, no mínimo, R\$ 5. O sindicato das donas-de-casa também defende a redução do valor das contas. Veja como quitar sua dívida com a Embasa **ECONOMIA B2**

CAPITAL ESTRANGEIRO

Taxação faz Bolsa cair e dólar subir

ECONOMIA B3

SAÚDE Só 32 dos 193 profissionais convocados pelo Reda se apresentaram. Programa Saúde Família é o mais prejudicado

Faltam 161 médicos na rede municipal

Levantamento inicial da Secretaria da Saúde de Salvador revela que há um déficit de pelo menos 161 médicos na rede municipal. A falta de profissionais ocorre devido à desistência da maioria dos 193 convocados para trabalhar pelo Regime Especial de Direito Administrativo (Reda). As

Unidades de Saúde Família (USF) e os Núcleos de Apoio à Saúde Família (Nasf) são as que mais sofrem com a ausência de profissionais. Médicos

alegam que não é vantajoso trabalhar nas unidades dos subúrbios e da periferia porque a remuneração de R\$ 3.200 mensais, segundo

eles, é baixa. Também reclamam da violência. Sem ver solução para o problema, a população sofre. Mirzete Gentil, 54, por exemplo, procurou

correr para a neta num posto em Paripe. Sem médicos, ela recorreu a um hospital particular, onde pagou R\$ 80 por consulta **SALVADOR A4**



Uma guerra sem fim

A guerra no Morro dos Macacos, no Rio, fez a 26ª vítima. Desde sábado, morreram 20 bandidos, três PMs e três inocentes. Ontem, o corpo de um suposto invasor da favela foi deixado em um carrinho de compras de mercado. Os governos estadual e federal trocam acusações, mas não conseguem resolver o problema **BRASIL B8**

INQUÉRITO

MP investiga contrato firmado entre ONG e governo estadual

O Ministério Público instaurou inquérito para apurar suspeitas de irregularidades do convênio firmado entre a Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Bahia (Sedur) com o Instituto Brasil de Preservação Ambiental para construção de 1.120 casas em 18 cidades. Segundo a promotora Rita Tourinho, construção de casas não pode ser objeto de convênio. **POLÍTICA B6**

AVALIAÇÃO NACIONAL

Suspeita de fraude no Enade

ULTIMAS B30

VIOLÊNCIA

Adolescente mata rival do pai dele

SALVADOR A9

FEIRA DE SANTANA

Acidentes: 40% envolvem motos

BAHIA B1

CLASSICAUTOS & MOTOR

Gol e Voyage ganham versões com câmbio automatizado **3**

Feira mostra as novidades no mercado de caminhões **455**



CADERNO 2 +

You Tube é usado para divulgar trabalho de cineastas **465**

As impressões de um espanhol sobre a Ladeira do Desterro **1**



Fotografar pessoas é violá-las, ao vê-las como elas nunca se vêem, ao ter delas um conhecimento que elas nunca podem ter; transforma as pessoas em objetos que podem ser simbolicamente possuídos

Susan Sontag

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Mario, meu pai, e a Celina, minha mãe, por todos os ensinamentos, histórias e curiosidades que me revelaram em cada fotografia estampada nos nossos álbuns de família. A minha irmã Rosely, uma amiga, para sempre vou querer andar de mãos dadas com ela na rua, como fazíamos quando crianças. Aos meus irmãos Rui e Sérgio, cuja integridade e honradez de ambos são exemplo a se seguir. Às minhas tias Áurea e Marizete, com amor. Aos meus sobrinhos Rodrigo, Juliana, Rafael e Rebeca, longe dos olhos, mas perto do coração. A Daniela e Carla, amigas-irmãs, atentas e zelosas como duas mães. A Suely, minha orientadora, cujo apoio, carinho, amizade incondicional e dedicação me trouxeram até aqui. A Lucy Pinheiro, que me ajudou a não perder o prumo nos momentos difíceis. A Suzana, a irmã loira, carioca sangue-bom, que, mesmo a distância, tem uma maneira especial de se fazer presente. A Joca, Jô, Beta, Help e Laura: cada uma, do seu jeito, sempre me abrindo as portas na hora precisa. A minha prima Glória, que esteve comigo nos dias mais difíceis de 2009 (agora, tudo bem!). E a Tânia Pessanha, quando tudo parecia difícil demais. Aos amigos e amigas de longas datas, nunca esquecidos: Vânia Parise, Marina Costa, Luciana Carvalho, Eduardo Dórea, Dita, Emilio Biggi (in memoriam). A todas as pessoas que conheci em Salvador e com as quais firmei laços de amizade eternos. A Susan Sontag, Roland Barthes e Boris Kossoy: sem eles, não teria aprendido tanto e a ousar enxergar além do instante decisivo de Cartier-Bresson. Ao meu querido Sergio: obrigada por ter segurado minha mão e dito: não vamos mais esperar.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação e Universidade Federal da Bahia (UFBA), pela confiança em acreditarem no meu trabalho de pesquisa e por terem aberto as portas para que eu pudesse desenvolver este estudo.

A todos os professores do ICI, com os quais tive imensa satisfação de participar das aulas e aprender sobre o universo da Ciência da Informação.

Aos meus queridos parceiros de mestrado, um dos melhores grupos de estudo que já tive na vida: não apenas pela competência e dedicação com que investiram nos seus estudos, mas também por nunca deixarem de lado uma das preciosidades da essência do ser humano: a capacidade de dividir conhecimento. E, claro, boas horas de riso e descontração, que ninguém é de ferro!

A Cleidiana Ramos, minha colega de redação e uma das pessoas que mais me incentivaram a investir no projeto de mestrado, justamente quando ela começava a desenvolver seu trabalho como pesquisadora no acervo do jornal. Cleidiana, pacientemente, me ouviu, deu ideias e se mostrou aberta a me apoiar, dando sugestões e mostrando alguns caminhos. Muito obrigada por tudo e pela confiança. E parabéns pelo belíssimo estudo que realizou na academia.

À direção de A Tarde, por ter permitido que eu realizasse a pesquisa nos arquivos da empresa.

A Indaiá Magalhães, que me deu as primeiras informações sobre a história do arquivo e que muito contribuiu para minha pesquisa.

Aos queridos Valdir, Rubens e Renato, pela paciência e dedicação em me “apresentar” os bastidores de um arquivo de jornal, cujas preciosidades em forma de fotografia são o bem mais precioso da história de A Tarde.

A todos os colegas da redação que eu conheci e que não mais trabalham na empresa, mas que deixaram uma parte de sua história registrada nas páginas hoje amareladas pelo tempo, mas que é única e inesquecível, pois compõe também a nossa memória.

Um agradecimento especialíssimo aos companheiros da redação que colaboraram para o enriquecimento da minha pesquisa por meio de questionários, entrevistas e dando ideias para melhor aproveitamento do estudo. E também pela ajuda, compreensão, apoio, palavras de incentivo e por acreditarem sempre na minha luta.

A Cristiano Burmester, mestre em Ciências da Comunicação. No dia 29/05/2008, escreveu: *“Olá Regina, bom dia! Obrigado por ter entrado em contato. Em anexo está uma cópia da dissertação. Mande notícias depois do término do seu projeto. Att., Cristiano F. Burmester”*. Mandarei sim, e obrigada pela ajuda acadêmica!

A querida Joice Cleide C. E. de Souza. No dia 03/06/2008, ela me enviou o primeiro e-mail, de pronto: *“Cara Regina, terei o maior prazer de trocar informações com você sobre o tema. Estou enviando em anexo minha dissertação. Abs, Joice”*. A partir desse dia em diante, Joice trouxe informações preciosas, enviou artigos e concedeu entrevistas. Uma joia rara que sabe compartilhar conhecimento.

A Marilda L. G. Lara, ao me surpreender com o seguinte e-mail, dia 30/07/2008: *“Já gravei. Prefere que eu envie ao seu endereço? Bj, Marilda”*. E ela enviou a dissertação em CD pelos Correios. Que posso dizer? Obrigada por tudo!

A Johanna W.Smit, que sempre me atendeu com muita atenção quando minha orientadora nos colocou em contato uma com a outra. Nossa primeira troca de e-mails aconteceu no dia 21/08/2008, conteúdo que relato na minha dissertação. Em outros momentos, ela também me ajudou a encontrar textos, sugeriu ideias etc. Muito obrigada, Johanna! Você foi a “leitura” mais interessante, criativa e leve que tive a honra de ter acesso.

A Miriam de Paula Manini, cujo importante trabalho sobre análise documentária de fotografias me foi prontamente enviado, dia 11/09/2008, para fins de pesquisa: *“Regina, segue cópia da minha tese em .pdf. Bom proveito e, por favor, mantenha-me informada sobre sua pesquisa. Att., Miriam Manini”*.

A Archimedes Amazonas, por ter dedicado horas preciosas para me ouvir e, mais do que isso, me ensinar a melhor maneira de elaborar uma parte (a mais técnica) da minha pesquisa de campo. As preciosas dicas de *Archie* chegaram na hora certa.

A Daniela Tosta, que trabalhou comigo na elaboração técnica dos questionários, montou os gráficos e apresentou os resultados pesquisados.

A todos os repórteres fotográficos que trabalham e que já fizeram parte da equipe do jornal A Tarde. Quem conhece aquele arquivo de longas datas sabe que “fotografia é um testemunho que se materializa a partir de um processo de criação, isto é, construção”, como escreveu Boris Kossoy.

Um especial agradecimento aos fotógrafos Carlos Casaes (editor de fotografia) e Lúcio Távora (repórter fotográfico), que me concederam entrevistas.

O crítico de arte Giovanni Morelli (1816-1891) disse, certa vez: "Nas fisionomias das pessoas, sempre existe alguma coisa sobre a história de suas épocas para ser lida, se soubermos como lê-las". São essas pessoas que, no instante decisivo, quando fotografadas, revelaram, em seus rostos, expressões e olhares, dor, alegria ou completa indiferença ao serem observadas, para o registro. E, como me disse Boris Kossoy, para que desvendemos os enigmas das imagens. Sem elas - e muito menos os fotógrafos que as registraram -, não teríamos nada aqui para compartilhar.

Não siga os antigos. Procure o que eles procuraram
Matsuo Bashô (1644-1694)

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a organização e representação do conhecimento, com foco nos ambientes fotográficos de armazenamento analógico e digital do jornal A Tarde. Na mídia impressa, a notícia tem significado ainda mais arrebatador quando a fotografia entra em cena. O profissional que trabalha como repórter fotográfico em uma redação busca captar as imagens que expressem o testemunho da verdade, a partir dos melhores ângulos e com força suficiente para representar bem o seu papel na edição do dia. Mais do que o velho ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras¹”, a fotografia, como documento, expressa o registro de um fato. E, como tal, deve ser preservado, com uma gama de informações que resulte em uma boa recuperação, para que não se perca em um mar de pastas empoeiradas de um arquivo. Ou mesmo em uma plataforma de armazenamento digital que não contemple as informações necessárias para que o objeto, produto de um trabalho jornalístico de equipe, fique comprometido por falta de tratamento adequado. Justificado pela necessidade atual de recuperar informações com rapidez e exatidão, o presente estudo pretende analisar o tratamento dado ao documento fotográfico nas plataformas analógica e digital e que facilite a organização dos referidos ambientes informacionais de imagens do jornal, objeto desta pesquisa.

Palavras-chave: Acervo fotográfico. Indexação de imagens. Fotojornalismo.

¹ A frase “Uma imagem vale mais do que mil palavras” (*Ein Bild sagt mehr als 1000 Worte*) é atribuída ao jornalista e escritor alemão Kurt Tucholsky (1890-1935).

ABSTRACT

The present work deals with the organization and representation of knowledge focusing photographic environments for analogical and digital platform of the A Tarde newspaper. Through printed media, the news have greater impact when photography is present. Professionals that work as photographic reporters search for images that express the truth witnessing, starting from better angles with enough strength to well represent his/her role on the edition. More than the old saying "one image is worth it more than a thousand words", the photography, as a document, express the recording of a fact. And, as such, it should be preserved, with a range of information that result in good maintenance so that it does not get lost in the middle of several dust-covered files, or even in a platform of digital files that do not contemplate necessary information so that the work that is a result of a team's work, becomes compromised by the lack of adequate treatment. Justified by the current need for recuperating quick and exact information, the present study intends to analyze how the photographic documents are being taken care of in the analogical and digital platforms and to make the organization of the referred Information Technologies environment of images of the newspaper easier.

Key words: Photographic collection. Image index. Photojournalism.

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

Figura 1 - Descrição da imagem	32
Figura 2 - Ciclo da informação	45
Figura 3 - Guerra do Vietnã	60
Figura 4 - Guerra do Vietnã	61
Figura 5 - Capa de uma edição do Caderno 2+ do jornal A Tarde	66
Figura 6 - Segunda Guerra Mundial	69
Figura 7 - Segunda Guerra Mundial	69
Figura 8 – Mecanismos internos da produção e recepção das imagens	71
Figura 9 - Imagem mostra uma das prateleiras do arquivo, com suas pastas	74
Figura 10 – Imagem mostra como as pastas eram guardadas nas estantes	75
Figura 11 – Imagem de uma das prateleiras no final do arquivo	75
Figura 12 – Imagem mostra um dos fichários existentes no arquivo	80
Figura 13 – Máquina de microfilmagem que pertencia ao jornal	81
Figura 14 – Imagem mostra que a foto foi rasgada	82
Figura 15 – A legenda da foto foi colada no verso da imagem	83
Figura 16 – Sequência de fotos feitas no modo digital	83
Figura 17 - Imagem do FotoStation	100
Figura 18 - Imagem do FotoStation	101
Figura 19 - Imagem do FotoStation	102
Figura 20 – Programa para solicitação de pesquisa de fotos	105
Figura 21 - Programa The Shell - Lista de Fotos de Agências	106
Figura 22 - Capa de uma edição do jornal	107
Figura 23 - Função de cada funcionário na redação	112
Figura 24 - Uso das plataformas de fotografia	112
Figura 25 – Solicitação de imagens do arquivo analógico	113

Figura 26 - Número de solicitações ao acervo analógico	114
Figura 27 - Solicitação nos arquivos e grau de satisfação do usuário.....	114
Figura 28 - Organização do arquivo analógico.....	115
Figura 29 - Utilização do arquivo analógico e problemas	116
Figura 30 - Solicitação de imagens	117
Figura 31 - Facilidade de acesso a imagens	117
Figura 32 - Pastas de fotos no arquivo analógico	118
Figura 33 - Estado de conservação das fotos	119
Figura 34 - O programa GN3 e outras mídias	119
Figura 35 - O Tark como fonte de pesquisa.....	120
Figura 36 - O Tark e as dificuldades na busca por palavras-chave	121
Figura 37 - Grau de conhecimento da ferramenta Tark.....	122
Figura 38 – O Tark e outras aplicabilidades	122
Figura 39 - O Tark e os resultados da pesquisa	123
Figura 40 - O sistema, para os usuários.....	123
Figura 41 - Problemas de informação.....	124
Figura 42 - As informações das fotos.....	124
Figura 43 - Recuperação e organização das fotos	125
Figura 44 - Usuários e outras bases de dados.....	126
Figura 45 - Usuários e outros jornais	126
Figura 46 - Modelo de identificação de fotos em outros jornais	127
Figura 47 - Outras avaliações sobre base de dados de fotografias.....	127

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Agência Estado (AE)

Agência France Presse (AFP)

Associated Press (AP)

Centro de Documentação e Informação (CDI)

Centro de Documentação (Cedoc)

Ciência da Informação (CI)

Compact Disc-Read Only Memory (CD-ROM)

Digital Versatile Disc ou Digital Video Disc (DVD)

Instituto de Ciência da Informação (ICI)

Joint Pictures Expert Group (JPEG)

Organização para a Libertação da Palestina (OLP)

International Press Telecommunication Council (IPTC)

Portable Document Format (PDF)

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (Posici)

Tecnologia da Informação (TI)

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco)

Universidade de São Paulo (USP)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. UM ZOOM NA COMPREENSÃO DA FOTOGRAFIA	26
2.1 Imagem: a tecnologia como meio de transporte	33
2.2 Que tipo de documento é este?	47
2.3 A força descritiva das palavras	52
3. FOTOGRAFIA: A MAIS COMPLEXA TRADUÇÃO	57
4. UMA PESQUISA DE CAMPO SE INICIA	72
4.1 A identificação dos documentos	72
• O espaço físico	73
4.1.1 A plataforma analógica	84
• A descrição das imagens no arquivo analógico	85
4.1.2 A plataforma digital e os “gargalos”	91
• As fotos das agências de notícias	98
5. HORA DE OUVIR A REDAÇÃO	109
5.1 O que disseram os entrevistados: os questionários	111
5.2 As entrevistas	128
5.3 A análise dos dados .	129
6. CONCLUSÃO	134
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	



VIDA Bebê recém-nascido encontrado por garri é salvo por populares e policiais

ABANDONO E SOLIDARIEDADE

O garri José Euclides varria um trecho da Avenida Luís Eduardo Magalhães, ontem pela manhã, quando encontrou, numa caixa de papelão, um bebê recém-nascido, todo emaranhado em panos e ainda com a placenta. Acenou, então, para uma viatura policial que passava. Começou uma angustiante operação de salvamento protagonizada por populares e acompanhada de perto por uma equipe de A TARDE **14** A 22 A 6

Número de abandonos tem crescido em Salvador **15**

Lei que permite parto anônimo tramita no Congresso **16**

DENUNCIA

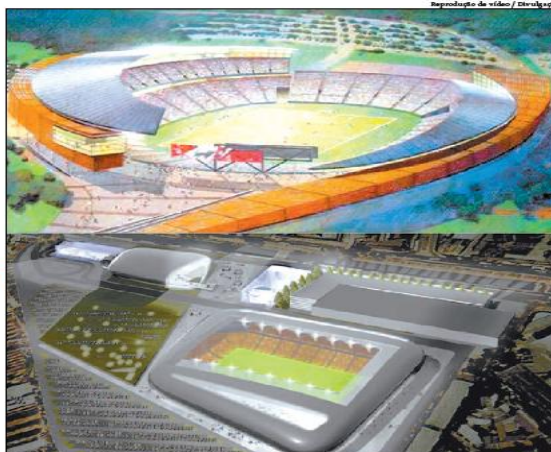
Deputados vão ser investigados por derrame de notas fiscais

A Corregedoria da Câmara vai analisar duas mil notas fiscais expedidas por empresas que prestaram serviços a deputados baianos e foram pagas com verba indenizatória. As firmas, que teriam endereço fantasma, cobriram gastos de R\$15 mil ao mês **POLÍTICA** **17**

CONCURSOS

Banco Central abre 500 vagas com salários de quase R\$ 13 mil

O Banco Central lançou dois editais com 500 vagas de níveis médio e superior. Os salários oferecidos pelo órgão federal chegam a R\$12.960. Prefeituras baianas oferecem 1.236 postos para todos os níveis de escolaridade **18**



Nova Arena da dupla Ba-Vi

Bahia e Vitória apresentaram ontem o projeto da Arena Salvador, com capacidade para 35 mil pessoas e que pode competir com a nova Fonte **ESPORTE CLUBES** **19**

VIOLÊNCIA

Policia militar mata colega de corporação por causa de ciúme

Ciúme teria sido o motivo mais provável do assassinato a tiros do soldado da Polícia Militar Carlos Moreira Franco, praticado pelo colega de farda Olson Santos Pardo. O crime aconteceu na madrugada de ontem no bairro de Valéria **SALVADOR** **20**

REAJUSTE

Mensalidades escolares terão aumento de até 9,5% para 2010

O reajuste médio das escolas particulares de Salvador será de 8% para 2010, contra uma previsão do Banco Central de que a inflação feche o ano em 4,3%. A TARDE visitou escolas e constatou reajustes de até 9,5% nas mensalidades do ano que vem **ECONOMIA** **21**

CADERNO 2+

Biografia do Led Zeppelin mostra o gigantismo do rock dos anos 70

A real dimensão dos episódios em torno do Led Zeppelin está no livro *Quando os gigantes caminhavam sobre a Terra*, considerado a biografia definitiva, escrita pelo jornalista inglês Mick Wall **22**



Jones, Plant e Page no Led

O tempo se escoava de maneira contínua: o passado sendo apenas um antigo presente, o presente sucedendo naturalmente ao passado. (...) O tempo tem por base o presente vivido, que passa, que é contração de instantes sucessivos independentes

André Rouillé

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo estudar o tratamento da informação aplicado ao acervo fotográfico do jornal A Tarde, em ambas as plataformas, analógica e digital. Antes de começar a descrever nosso texto, vamos contar um pouco sobre a história do acervo e como é a rotina de uma redação de jornal. É importante apresentarmos, mesmo que de maneira sucinta, como foi gestado o espaço onde estão guardadas as fotografias em papel e como funciona o fluxo de trabalho diário de uma redação, cuja meta diária é veicular informação.

O acervo analógico da empresa iniciou-se a partir de 1975, quando o jornal inaugurava a nova sede na Avenida Tancredo Neves. Até então, o jornal A Tarde funcionava em um prédio no centro da Cidade do Salvador, bem na Praça Castro Alves. Todos os jornais publicados pelo veículo até esta data foram devidamente microfilmados e uma cópia guardada em uma empresa especializada em segurança.

De material fotográfico analógico, a empresa possui hoje uma média de 70 mil pastas, cada uma armazenando algo em torno de seis fotos, mas é possível que o número de fotografias arquivadas seja até maior. Não há um número preciso de quantas fotos existem no arquivo, porque ainda não foi feito um levantamento da documentação armazenada naquele setor.

Uma coisa é certa: ali está registrada em imagens boa parte da história da Bahia. No entanto, como a empresa tem trabalhado no sentido de transformar todo esse material histórico que se encontra armazenado no modo analógico para o digital? Como pretende racionalizar a seleção do material analógico de valor histórico para o jornal dos registros fotográficos?

O que mais nos chama a atenção, neste momento e o que me motivou a pensar neste projeto de estudo, é que, embora a empresa já esteja se preparando para modernizar o acesso ao arquivo, ainda há o que se fazer no que se refere à seleção e organização do acervo, antes que seja, de fato, digitalizado e, indexado.

A organização do acervo, até o ano de 1978, baseava-se em um processo de arquivamento simples, onde as fotos eram catalogadas por fichas coloridas de acordo com os temas. As imagens e ou assuntos eram catalogados da seguinte forma: “nomes” recebiam a cor azul, por exemplo, assim como “coisas” e “lugares” eram arquivados também com fichas, cada uma com uma cor específica. Todavia, um novo sistema de catalogação de imagens era necessário.

A partir de 1978, o processo foi sendo organizado e Indaiá Magalhães² coordenadora do departamento, eliminou as fichas coloridas, revisou todas as imagens e textos e criou um novo sistema de arquivamento, baseado em fichário em ordem alfabética.

O método de arquivamento de imagens e textos que a empresa dispunha neste arquivo “analógico” não era muito diferente de outro existente em qualquer jornal, biblioteca, instituição pública ou outro modelo de organização que necessitasse preservar memória e informação: por meio de fichas numeradas, guardadas em pequenos armários e uma infinidade de cartões devidamente datilografados em ordem alfabética e numerados. Paradoxalmente, o velho modelo ainda é necessário, mesmo nos dias de hoje, onde as informações cabem na palma da mão, em minúsculos chips de computador.

A máquina de escrever dividia espaço com os computadores do arquivo, uma cena no mínimo curiosa para os visitantes que ali chegavam e já nasceram praticamente em frente a uma tela de um micro.

Assim como muitos jornais e empresas de comunicação, o jornal A Tarde passou, nos últimos anos, por um processo de migração de tecnologias, e a urgência de preservar a história é visível até os dias atuais.

A velha máquina de escrever ainda se fazia totalmente presente, até mesmo neste modelo de arquivo, hoje mais voltado a uma organização eficiente, com investimento na infraestrutura do espaço físico e de olho nas novas tecnologias. À época que iniciamos nosso estudo, o arquivo registrava mais de 48 mil fichas de entrada de documentos.

Ainda hoje, os profissionais da redação e da fotografia solicitam aos funcionários fotos que procuram para realizar um trabalho de edição e ou elaboração de projeto mais detalhado que contemple uma investigada nos registros do passado.

² Entrevista concedida à autora deste trabalho

Recentemente, para a elaboração de um caderno especial, os jornalistas solicitaram no arquivo analógico algumas imagens que pudessem exemplificar um fato histórico de uma determinada época. Atualmente, qualquer documento imagético que esteja ainda no modo analógico só é liberado mediante requisição encaminhada ao Centro de Documentação (Cedoc), que providencia a liberação do documento para ser acessado na plataforma digital. Com isso, evita-se que o material seja extraviado ou manuseado inadequadamente.

Para os visitantes, a parte do acervo cuja consulta é gratuita diz respeito aos textos. As fotos podem ser consultadas e até compradas – a depender de quem as solicita, o preço para adquirir as imagens pode variar – se para uso estudantil, comercial ou acadêmico, o valor é diferenciado. Em média, a empresa registra um número de dez visitantes por dia.

O processo de digitalização do acervo do jornal será uma maneira de preservação e resgate da memória baiana. Com a disponibilização do acervo em formato digital, não apenas os profissionais vão se beneficiar desta nova fase de pesquisa histórica de documentos e imagens, mas também historiadores e estudantes terão acesso a eles para realizar trabalhos, por exemplo.

O processo de digitalização das imagens do arquivo poderá acontecer a partir do resgate das edições dos jornais que passaram pelo processo de microfilmagem, o que corresponde a todo o acervo do jornal, de 1912 até 1999. Os rolos de microfilme³ são parte da história não apenas da empresa jornalística, como também da Bahia. Este trabalho – da digitalização das edições de todos os exemplares do jornal que foram microfilmados – já está em curso desde 2008.

Atualmente, a empresa mantém os rolos de microfilme armazenados em uma câmara fria, com temperatura em 17 graus centígrados, em um ambiente sem umidade. Uma cópia deste acervo microfilmado encontra-se em uma empresa de segurança especializada em arquivos e outros acervos importantes.

³ Microfilme é uma mídia analógica de armazenamento para livros, periódicos, documentos e desenhos. A forma mais padronizada é um rolo de filme fotográfico 35mm preto e branco. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Microfilme>>. Acesso em 10/11/2009.

Em uma redação, logo nas primeiras horas da manhã, os editores se reúnem para definir pautas que foram previamente programadas e viabilizar o andamento das matérias do dia, as especiais, as de fim de semana e as que surgem de última hora. Se acontecer, por exemplo, um acidente aéreo, a morte de alguma personalidade, a chegada do presidente da República na cidade ou qualquer fato marcante que possa, inclusive, mudar a manchete do jornal, novas decisões serão tomadas.

Algumas notícias podem, até mesmo, ser derrubadas em detrimento de outras. O fluxo de trabalho, jamais. As pautas de fotografia também são um processo importante na edição, pois são o que dão suporte à produção da página, bem como as infografias, os mapas ilustrativos em uma matéria, dentre outras inserções gráficas que se fazem presente em uma página de jornal.

Após a reunião de editores, repórteres e fotógrafos são acionados. Em muitos casos, as pautas já estão em andamento desde o dia anterior, porque foram previamente agendadas. Se o fato já está acontecendo, o editor responsável comunica na reunião. Muitas vezes, as equipes já estão na rua dando andamento à matéria. Uma equipe de plantão trabalha exclusivamente para atender às pessoas que se dirigem ao jornal. Outras cuidam de monitorar os telefonemas e denúncias, seja via e-mail ou carta postada no correio: assim, toda a informação que chega é encaminhada às editorias responsáveis.

Para dar suporte aos dados, o noticiário veiculado na internet, TV e rádio também alimentam a produção, bem como agências noticiosas e fontes. As notícias chegam o tempo todo, mas as equipes – repórteres, editores, fotógrafos, coordenadores de conteúdo - devem saber “conversar” para não perder o foco.

Após várias deliberações, os editores e diagramadores começam o trabalho do que se denomina “desenhar” a página. Na verdade, hoje não se desenha mais página. Usam-se programas específicos para este fim, de acordo com a necessidade da página disponível. O repórter e o fotógrafo entram no processo de apuração da notícia e passam aos editores as informações pertinentes ao assunto.

Ao longo do dia, todas as definições que foram tomadas resultam em um trabalho final que irá para as bancas. Para chegar a este produto, repórteres, diagramadores, fotógrafos, editores, coordenadores de redação e até mesmo o departamento de publicidade participaram, direta ou indiretamente, do processo de edição do jornal que irá para as bancas.

O leitor terá conhecimento a partir do que o jornal oferecer de atrativo na primeira página. Assim funciona uma edição de jornal. Após tudo pronto, um profissional, o secretário gráfico, terá como tarefa verificar todas as páginas, antes que elas sejam enviadas para o parque gráfico, onde começa a impressão.

Assim escrito, parece que tudo funciona como planejado. Todavia, em uma redação, as demandas são em tempo integral e, para se chegar a uma página pronta, muitos profissionais participam do processo, conforme aqui exposto. Tudo o que foi planejado tem de estar de acordo com os horários de fechamento, para que, lá na ponta, o leitor, o que compra o jornal, o que fez a escolha pelo produto, desfrute do jornal que levou para casa.

E, para que isso aconteça, temos que fechar a porta onde temos acesso ao dinâmico planejamento de uma edição de jornal e abrir as janelas que mostram os bastidores do processo inicial.

Para muitas pessoas, sem a produção de um texto, não se tem a notícia. Mas a imagem também é imprescindível. Enquanto o que é escrito tem a “tarefa” de detalhar a notícia, a foto é o registro do fato. Imaginemos, então, se as informações sobre essa fotografia não forem corretamente registradas?

O jornal A Tarde foi fundado em 1912 e, até 1999, conforme já dissemos, todas as edições armazenadas em rolos de microfilme foram, recentemente, digitalizadas. É a memória impressa que passou para a versão digital e que, hoje, já está à disposição do público. Trata-se de um século de história disponível para pesquisa por meio de novas tecnologias. Hoje, já é possível consultar o que antes estava armazenado em 467 rolos de 35 mm – cada um contendo cerca de três mil documentos. A publicação impressa, portanto, agora poderá ser consultada – trata-se de um processo de recuperação importante para a história não apenas da empresa, mas também para resguardar a memória da Bahia.

Como profissional da área, entendo que o projeto de recuperação desta primeira parte da história que a empresa veiculou ao longo do século 20 tem um motivo muito especial: a urgência em preservar os documentos em uma mídia atualizada. Mas a empresa ainda tem um longo caminho a percorrer, porque começa a implementar um centro de documentação com tecnologia, equipe e projetos que identifiquem as demandas para unir duas plataformas de armazenamento de fotografias: a analógica, que conhecemos como “o arquivo”, e a digital, visível aos funcionários da redação por intermédio de um programa de editoração.

Mas a pergunta que nos levou a abrir uma das janelas do conhecimento a respeito deste importante veículo de informação - que abriga, em sua base de dados digital, mais de 1,5 milhão de imagens no formato digital e perto de 100 mil pastas de fotos no formato analógico - foi: quais os critérios para a descrição do documento fotográfico de jornal que atenda à recuperação da informação? Conforme análise documental previamente realizada, a descrição, dentro dos critérios arquivísticos adotados pelo referido jornal, não atende a uma bem-sucedida recuperação da informação.

A pesquisa teve como objetivos mapear o processo da indexação do acervo fotográfico analógico e digital do jornal A Tarde, com vistas a identificar de que maneira é feita a sua descrição e recuperação da informação.

Realizamos, em seguida, um comparativo entre a indexação do acervo fotográfico analógico e digital da empresa, verificando os procedimentos adotados por outros jornais na indexação de fotografias. Por fim, analisamos, com esses parâmetros, as formas de indexação e recuperação da informação no jornal A Tarde.

Para realizar a pesquisa, procuramos outras empresas jornalísticas, a fim de obtermos algumas informações sobre o processo de migração de mídias. Do jornal O Globo, conversamos, por e-mail, em abril de 2009, com Joice Cardoso, então coordenadora do Centro de Documentação do Infoglobo. Ela nos contou que o processo de digitalização iniciou-se em 2003, com a gravação, em DVDs, de todo o material fotográfico produzido no modo digital. O acervo com data anterior a essa era digitalizado sob demanda, ou seja, a partir da solicitação de jornalistas ou para comercialização.

A primeira iniciativa daquela empresa, de digitalizar cromos de todos os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, partiu de um funcionário. Até aquela data, a coordenadora nos informou que o centro de documentação registrava 26 mil imagens digitalizadas. Ela nos contou também que a digitalização favoreceu, especialmente, no tocante à velocidade de atendimento e, melhor: com o trabalho, a empresa descobriu assuntos que, antes, não eram pesquisados por serem completamente desconhecidos até então.

Também pesquisamos o trabalho de digitalização de documentos de jornais como Diário de Pernambuco, o mais antigo jornal da América Latina, que já digitalizou todos os exemplares de 1825 até hoje. O jornal Extra, do Rio de Janeiro, disponibiliza edições entre os anos 1963 e 1969. São 160 mil fotos, 2,3 mil

caricaturas e 550 mil páginas. Já o Estado de S Paulo, fundado em 1875, digitalizou 650 mil páginas de 2001 até 2008. A revista Veja, fundada em 1968, começou, em 2007, a digitalizar edições em arquivo digital. São quase nove milhões de arquivos.

O jornal digitalizou 1,4 milhão de páginas, com uma média de 350 mil páginas a cada três meses. A próxima etapa: digitalizar parte do acervo analógico de fotos e reorganizar o atual arquivo digital de imagens.

Com o objetivo de realizar a pesquisa, buscamos conhecer autores e pesquisadores, para que nos trouxessem subsídios e contribuíssem com uma abordagem teórica focada no nosso estudo.

Elaboramos um tripé para o nosso referencial teórico que abarcasse a fotografia na construção da representação; a metodologia para pesquisa e análise iconográficas; os códigos formais e culturais que permeiam a fotografia (Kossoy); a visão pessoal e subjetiva daquele que observa a foto, pensa no passado mágico que nos propõe (Barthes); a fotografia como fenômeno de civilização, o seu lugar central na cultura contemporânea; como encaramos a representação da dor por meio das imagens (Sontag).

Realizamos estudos que nos levaram a compreender outras vertentes de uma mesma problemática, ora evidenciando a organização (ou a falta dela) de documentos imagéticos, ora nos remetendo à necessidade de tratamento e recuperação de informação, bem como a representação, digitalização de acervos e seus reflexos, técnicas fotográficas, o conceito de massa documental, análise e documentação de imagens, dentre outros temas amplamente apresentados. Citando alguns dos autores que nos forneceram o arcabouço teórico para este estudo, temos Johanna Smit, Marilda Lara, Ismael Murguía e Tânia Registro, F. W. Lancaster, Joice Cardoso, Izabella Torezan, Maria de Fátima Tálamo, Cristiano Burmester e Susanne Ornager.

Como método de investigação, nosso trabalho foi baseado em um estudo de caso, com a pesquisa classificada no nível descritivo, com o objetivo primordial de detectar as características do nosso estudo, bem como estabelecer, se necessário, relações entre variáveis. Para darmos prosseguimento à estratégica metodológica, nosso instrumento para coleta de dados foi a partir da elaboração de um questionário, com aplicação de um pré-teste. Realizamos ainda algumas entrevistas, com o intuito de nos trazer informação importante para a nossa pesquisa e, finalmente, para análise dos dados registrados nos questionários, utilizou a

ferramenta Excel, da Microsoft, com o propósito de extrair a estatística dos dados apurados para esta pesquisa.

Já o instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário e, para ajustes no instrumento de pesquisa, realizamos, no dia 3 de junho de 2009, um pré-teste com 17 funcionários, e teve por finalidade pré-testar cada instrumento antes de sua utilização. Assim fizemos e pudemos comprovar a importância de que tal instrumento visa desenvolver, primeiramente, os procedimentos de aplicação, bem como testar o vocabulário empregado nas questões, além de nos assegurar que as questões ou observações posteriores pudessem mensurar as variáveis que pretendíamos observar.

O universo da pesquisa foi composto por 79 funcionários da redação. Deste total, por indicação de uma estatística e baseada em uma escolha aleatória não probabilística por intermédio de sorteio, foram escolhidas 17 pessoas que trabalham no departamento redacional, conforme determinado pela estatística, pois esse número de pessoas seria suficiente para o pré-teste. Destas, apenas 12 responderam ao pré-teste e os outros não participaram por motivos diversos: férias, desligamento da empresa, licença médica, viagens etc. O pré-teste foi realizado sem que se precisasse contratar terceiros, bem como a aplicação dos questionários.

Houve uma contribuição importante para o ajuste do instrumento a partir das respostas e comentários dos respondentes. Um deles suscitou a dúvida quanto à utilização do termo indexação. A pergunta inicial era: “Já pesquisou fotos na base de dados de outro jornal? Caso conheça, o que achou do modelo de indexação da fotografia”. O respondente alegou que não saberia dizer, porque não sabia o significado da palavra indexação, o que nos levou a considerar que tal terminologia, de um modo geral, não fazia parte do universo dos jornalistas.

Todavia, podemos afirmar, tendo como respaldo os conceitos de Lancaster (2004, p. 6), que “a indexação de assuntos e a redação de resumos são atividades intimamente relacionadas, pois ambas implicam a preparação de uma representação de conteúdo temático dos documentos [...] e o indexador descreve seu conteúdo ao empregar um ou vários termos de indexação”.

Embora a explicação baseada nos conceitos utilizados pela Ciência da Informação seja adequada para entender o principal objetivo de um resumo, com vistas a indicar do que se trata o documento, optamos por reformular a questão, para melhor entendimento na hora de aplicar o questionário aos respondentes.

Portanto, a pergunta de número 15, de um total de 17, ficou assim apresentada: “No programa disponível para armazenamento das fotos, as informações anexas (índice/legenda/resumo) são completas?”.

O nosso estudo irá abarcar, no capítulo 2, que seria a abordagem para o entendimento da tecnologia, na visão de teóricos e estudiosos do tema, para, logo em seguida, no capítulo 3, apresentar estudos sobre a fotorreportagem no Brasil e no mundo, com exemplos em textos e imagens. Na quarta parte do estudo, vamos mostrar nosso trabalho em campo, mostrando, inclusive, as plataformas de dados tanto analógica quanto a digital, descrevendo o espaço físico e a aplicabilidade dos softwares e ferramentas ora em uso. No quinto bloco, trazemos as informações coletadas nas entrevistas e questionários aplicados na redação, com as respectivas análises desses dados.

MUNDO

Editor-coordenador
Rita Oliveira

mund@grupopos.com.br

ÁSIA China será segunda maior potência em 15 meses, prevê FMI

www.atarde.com.br/mundo



O cenário de destruição na chamada Zona Verde, em que se encontram embaixadas e escritórios do governo, mostra a dimensão do estrago causado pelas explosões

ORIENTE MÉDIO Dois carros-bomba com cerca de 650 kg de explosivos destroem parte de Bagdá

Violência explode no Iraque em ataque terrorista, com 147 mortos

Presidente Barack Obama diz que ataques atrasam o país

FOLHA PRESS
Bagdá

Um ataque terrorista deixou ontem ao menos 147 mortos e 700 feridos em Bagdá, capital do Iraque, com a explosão de dois carros-bomba carregados com cerca de 650 quilos de explosivos cada um.

Trata-se do maior atentado no país nos últimos dois anos. Os ataques ocorreram próximo à chamada Zona Verde, em que se encontram embaixadas e escritórios do governo – considerada uma das áreas mais seguras da cidade.

A primeira explosão veio às 10h30, na rua Haifa, do lado de fora do Ministério da Justiça. Imagens gravadas por telefone celular mostram a segunda explosão, dez minutos depois, com bolas de fogo seguidas de tiros de metralhadora. Relatos de jornalistas no local descrevem cadáveres mutilados e restos humanos espalhados pela área.

A polícia recolheu em sacos plásticos os documentos dos mortos. Carros de civis foram utilizados para transportar os feridos.

Eleições Líderes iraquianos afirmaram ontem que os ataques recentes visam a desestabilizar o cenário político nos meses

GRANDES ATENTADOS QUE ABALARAM O PAÍS

19/8/2009 102 mortos e mais de 500 feridos em série de ataques a ministérios

24/6/2009 Bomba deixa cerca de 98 mortos em mercado de Cidade Sadr, bairro pobre e xiita de Bagdá

24/4/2009 Suicídio de duas mulheres mata 71 do lado de fora de mesquita xiita em Bagdá

14/8/2007 Quatro caminhões explodem e matam mais de 250 no Norte do Iraque, no ataque mais sangrento desde o início da ocupação americana

18/4/2007 Uma série de atentados à bomba deixa 176 mortos em Bagdá

23/11/2006 203 morrem com a explosão de seis carros em Sadr

02/3/2004 Série de atentados no país deixa 180 mortos

FOLHA PRESS

que antecedem as eleições parlamentares de janeiro.

As explosões ocorreram em ruas abertas há poucos meses ao tráfego de carros. Na ocasião da abertura, o premiê Nouri al-Maliki havia afirmado que esse era um sinal de que a cidade estava voltando a ser calma – sua esperança para a reeleição, que agora pode estar mais distante.

O ápice da violência no país

foi em 2006, ano em que 27 mil civis morreram. Em 2008, o saldo foi de nove mil mortos, segundo a ONG Iraq Body Count. A questão da segurança no Iraque é de extrema importância para os Estados Unidos, que pretendem combater o terrorismo no Afeganistão e no Paquistão.

Em julho, o governo americano transferiu a responsabilidade da patrulha das ruas de

Bagdá ao governo iraquiano. O plano do presidente Barack Obama é retirar definitivamente as tropas dos EUA até o final de 2011. Com a recente escalada da violência na região, porém – as proximidades da Zona Verde foram alvo de atentado em 19 de agosto, com saldo de 102 mortos –, fica em dúvida a capacidade do governo local de manter a segurança da cidade.

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, disse ontem que os ataques suicidas a bomba em Bagdá eram “inaceitáveis” e uma tentativa de impedir o progresso do Iraque. “Esses atentados não servem a nenhum outro propósito, a não ser assassinar de homens, mulheres e crianças inocentes, e eles revelam apenas a agenda destrutiva e detestável de quem negaria ao povo iraquiano o futuro que ele merece”, disse Obama em um comunicado.

A Casa Branca informou que Obama telefonou para o premiê iraquiano, Nuri al-Maliki, e para o presidente Jalal Talabani depois dos ataques, prometendo apoio dos EUA. Obama disse que os atentados eram “ataques inaceitáveis contra o povo iraquiano”. “Essas tentativas de impedir o progresso do Iraque não são páreo para a coragem e a resiliência do povo iraquiano, e para sua determinação em construir instituições fortes”, disse ontem presidente Barack Obama.

Jalal Talabani, presidente do Iraque, também se pronunciou a respeito dos atentados no país. “Os perpetradores desses atos traiçoeiros e desprezíveis não estão mais escondendo seus objetivos, mas publicamente declaram estar atingindo o Estado”, declarou o líder iraquiano.

Nenhum grupo assume autoria do ataque

Nenhum grupo assumiu a autoria do ataque, mas explosões de carros são marca da insurgência sunita contra o governo dominado por xiitas. “Os atentados têm a marca da Al-Qaeda e de seus aliados que rechaçam ver que o Iraque recupere sua estabilidade”, afirmou à televisão o porta-voz do governo Ali al-Dabbagh.

“É obra de um grupo que se encontra no interior do Iraque e que coordena sua ação com grupos no exterior”, disse. Outra informação, pelas agências afirma que pelo menos 25 funcionários do conselho provincial de Bagdá foram mortos nas explosões de ontem.

Esse conselho cuida de uma ampla gama de serviços, como coleta de lixo e manutenção de escolas. Foram mortos também 35 funcionários do Ministério da Justiça do país.

“Os países vizinhos e dis-

tantes deveriam imediatamente abster-se, para sempre, de acolher, financiar e facilitar forças que abertamente proclamam sua hostilidade ao Estado iraquiano”, disse Talabani, em nota.

Insurgência O Iraque tem reclamado de que a Síria provera abrigo seguro para terroristas, enquanto cidadãos sunitas de outros países muçulmanos ajudariam a financiar a insurgência no Iraque. O Irã é acusado, por sua vez, de armar a milícia xiita. As explosões de ontem aconteceram dois meses depois dos atentados a bomba de 19 de agosto.

As duas explosões abalaram prédios na área perto do Rio Tigre

Ovelhas param ruas de Madrid

Pelo menos 500 ovelhas cortaram as ruas do centro de Madrid, ontem, em uma parada anual organizada pelos pastores espanhóis. A manifestação acontece como uma forma de protesto dos trabalhadores rurais daquele país. Os pastores reclamam o direito de usar rotas consideradas tradicionais e seculares para a manutenção da migração das ovelhas do norte para o sul, durante o inverno. Porém, devido às mudanças causadas pela crescente industrialização, ao longo do século passado, as rotas teriam sido prejudicadas.



Os animais tomam a capital espanhola

Usinas do Irã são inspecionadas

Quatro inspetores da agência nuclear da ONU começaram ontem uma visita de três dias a uma usina de enriquecimento de urânio recém-descoberta no Irã. A instalação, conhecida como Fordu, está sendo construída embaixo de uma colina, perto da cidade de Qom, a 150 km a sudoeste de Teerã. Os membros da Agência Internacional de Energia Atômica vão entrevistar os trabalhadores e coletar amostras do solo para verificar se o local seria usado para fins pacíficos. A instalação veio a conhecimento público em setembro.

Venezuela reforça fronteiras

A Venezuela resolveu aumentar o número de soldados na fronteira com a Colômbia após conflito entre facções colombianas que causou a morte de dez homens, que foram executados e encontrados no Estado de Teichira, oeste do país. As autoridades acreditam que os homens, faziam parte de um grupo de pessoas sequestradas há 11. As mortes ocorreram em meio às tensões entre os países, com acusações em torno da idoneidade da Venezuela em frear o fluxo de cocaína colombiana.

Extinto incêndio em refinaria

O incêndio que iniciou na madrugada de sexta-feira passada na refinaria da companhia Caribbean Petroleum Corporation (Copeco) de Cataño, a cerca de 10 km de San Juan, foi extinto, anunciou ontem o governador de Porto Rico, Luis Fortuño. O chefe do Executivo assinou o que todos os tanques de combustível da refinaria afetados pelo incêndio estão já apagados, embora esclarecesse que unidades de Bombeiros vão ser mantidas nas instalações em trabalhos de esfriamento durante os próximos dias.

Candidato afegão critica corrupção

O candidato opositor afegão Abdullah Abdullah apoiou ontem o pedido do general Stanley McChrystal, chefe militar americano no Afeganistão, de enviar mais tropas a seu país, embora tenha dito que a segurança não depende tanto dos soldados mas da eliminação da corrupção. Abdullah assegurou não ter muita fé no segundo turno que convocou o presidente Hamid Karzai após denúncias de fraude eleitoral. Disse que não apoiaria os resultados do segundo turno se Karzai não realizar reformas no processo eleitoral.

Tragados pela imagem (...), esses mortos se mostram completamente desinteressados pelos vivos: por aqueles que tiraram suas vidas; por testemunhas – e por nós. Por que deveriam procurar o nosso olhar? O que teriam a nos dizer?

Susan Sontag

2 UM ZOOM NA COMPREENSÃO DA FOTOGRAFIA

A proposta de digitalização do acervo analógico de fotos do jornal A Tarde impõe considerações de diferentes ordens. Não se trata somente de uma dimensão simbólica de atualização e ou modernização ou, dito de outro modo, de implantar um novo sistema tecnológico. A importância do acervo de fotos “antigas” parece acompanhar, até certo ponto, a trajetória institucional do periódico baiano.

A transposição de uma plataforma analógica para a digital não pode ser extensiva a todos os itens pelo custo e tempo despendidos e impõe o estabelecimento de critérios de seleção (portanto, de inclusão/exclusão) que só podem ser implantados se houver o completo domínio do atual arquivo.

Para isso, é necessário compreender o arranjo ao qual o acervo analógico está submetido, embora o espaço físico tenha sido recentemente reformado, com a aquisição, inclusive, de estantes deslizantes e novos equipamentos. Há até bem pouco tempo, o acesso ao arquivo era feito com base em um fichário rudimentar e o auxílio de funcionários guiados pelo bom senso.

Entendemos que a problemática maior centra-se na coadunação de um sistema antigo para um digital, desde que se construam estratégias de tratamento, organização e acesso à informação.

Diante do exposto, nosso estudo pretende mostrar alguns caminhos já percorridos por outros pesquisadores - e também por meio de estudos teóricos - no sentido de buscar o entendimento por meio de leituras que nos forneçam os eixos de compreensão necessários para entendermos a fotografia não apenas como fenômeno de civilização ou o seu lugar central na cultura contemporânea. Ou a fotografia como um elemento social dentro de determinados contextos socioculturais e, portanto, não somente como técnica - ainda que esta também se encontre relacionada a determinadas descobertas que tiveram sua época e mentores (ou seja, inserida no tempo/espaço) -, mas também para compreendermos os sistemas e significados que se repetem e estão em interação.

Também iremos mostrar que nossa lente esteve focada nos estudos da fotografia como documento e as informações visuais de um fragmento do real, o que já traz, em si, certa organização estética e ideológica.

E, para dar um *zoom* na compreensão da fotografia enquanto fonte para recuperação de informações, buscamos, a partir das nossas leituras, compreender o

que os pesquisadores apontaram como “problemas” frente à organização e tratamento de imagens fotográficas.

Smit (1987, p. 102) afirma que “o comportamento do usuário/pesquisador de imagens em fototecas é totalmente distinto do comportamento de alguém que procura um livro”. Lembramos que, para se ter visibilidade acerca do registro imagético, do estado da fotografia-documento, os ambientes de armazenamento de imagens necessitam compartilhar informação precisa. A autora destaca que procurar uma foto específica, mesmo que o indivíduo forneça detalhes importantes (uma velha senhora de óculos, usando vestido, sentada etc., por exemplo) nem de longe se aproxima das informações de um determinado autor que o usuário queira encontrar na biblioteca. O livro, por exemplo, apresenta estrutura e código metainformacionais que já estão amplamente incorporados ao seu uso enquanto documento; uma linguagem metainformacional socialmente compartilhada (a funcionalidade de uma orelha, da catalogação na fonte, das notas de rodapé etc.). Para as fotografias, ainda não existe algo parecido.

Segundo o que a estudiosa descreve neste trabalho, se um usuário busca e ou solicita, em um banco de imagem, a fotografia de um jovem pescador sentado na beira de um rio, não são raras as vezes em que ele poderá encontrar 30 ou 40 fotos sobre o assunto. Porém, dentre tantas imagens, talvez nenhuma delas atenda ao que necessita. O que acontece, por exemplo, se o usuário tiver em mãos várias fotos onde aparecem velhos pescadores em pé, ou, quando ele encontra uma fotografia de um jovem pescador, mas, a seu lado, uma menina brincando. Neste caso, o usuário não gostaria que a foto contemplasse outro elemento, apenas o jovem pescador sentado na beira de um rio. Smit reforça a ideia de que uma imagem jamais é completa aos olhos de quem a busca, e não se trata de uma questão de nível de especificidade.

O profissional que trabalha com imagens, diz a autora, inevitavelmente lida com um volume de informações, muitas vezes, menos evidente. “Como dar conta deste tipo de material? Cabe até analisar se é possível „analisar’ imagens...” (SMIT, 1987, p. 103).

Os questionamentos da autora acerca da importância de se descrever uma imagem são pertinentes. Há, verdadeiramente, uma dicotomia de opiniões, enfatiza Smit, ao partirmos para a análise da imagem, quando precisamos ver, de acordo com a estudiosa, com um olhar mais imparcial. Ou se leva em consideração que

analisar uma imagem não tem nenhum grau de especificidade e que, para armazená-la, as comprovadas técnicas de estudo documentário, segundo estudos da Ciência da Informação, dariam conta da problemática, ou, em outra vertente, parte-se do princípio de que as técnicas de análises de documentos escritos não são as melhores soluções para avaliar e ou descrever imagens. Todavia, a metainformação possui um código próprio, com sintaxe e semântica peculiares – seja para fins de preservação, uso ou acesso a um documento.

Trabalhar com imagem é vê-la, ainda segundo Smit, semelhante a uma auréola de espelho. A autora nos leva a perguntar se há, verdadeiramente, uma “transparência entre a imagem e o real”. Outro ponto a ser analisado refere-se aos resultados da transcodificação (de um código para outro) da imagem, aí embutidos alguns problemas, porque temos de admitir, sobretudo, que se trata de “traduzir” a foto em palavras, descrição, ressalta Smit, relativamente simples se comparada à análise de filmes e todas as informações neles contidos (fotografia, trilha sonora, áudio, dentre outros recursos midiáticos). Portanto, é até possível afirmar que, ao se traduzir uma foto em palavras, agrava-se as “arestas”.

O papel de um bibliotecário ou profissional que lida, diariamente, com ambientes informacionais é tentar se “aproximar” ao máximo do que tem em mãos. Todavia, quando se trata de análise documentária, não parece tarefa fácil – e, de fato, não é – a partir do momento em que esse olhar mais atento parecer inevitável e ultrapassa a aceção de documentação como técnica, para inseri-la em um quadro mais amplo de produção e consumo e da cultura da informação. O contexto de produção e consumo de informação é determinado histórica e socialmente, além de sofrer transformações de acordo com as mudanças culturais. A observação e avaliação documental seriam vistas de uma maneira diferente se comparássemos ao modo como trataríamos uma imagem e todas as informações técnicas e de interpretação nela contidas.

Entendemos que os problemas que surgem ao se transcrever um documento de um código para outro remetem à má interpretação do que se vê, o que acarreta falhas na seleção de informação agregada ao documento imagético. Portanto, a possibilidade de erro é percebida na análise da imagem. Afinal, realizar a leitura de um documento imagético implica, queiramos ou não, “traduzir” certos elementos dessa imagem.

A pesquisadora, neste estudo, remete a certos elementos essenciais para

abordar, à luz da Ciência da Informação, os significados da imagem “de um código icônico para um código verbal” (SMIT, 1987, p. 105). A autora traz como exemplo de transcodificação um objeto:

Ex: vejo uma “boina” e indexo “chapéu”, porque meu tesouro não prevê maiores detalhes. Esta transcodificação leva a discussões bastante interessantes e riquíssimas do ponto de vista semiológico, mas por ora nos limitaremos à constatação que ela realmente ocorre e que, forçosamente, estas limitações da tradução têm conseqüências no rendimento e no procedimento da análise, a começar pela utilização dos tesouros. (SMIT, 1987, p. 105)

Neste caso, deve-se levar em consideração que nem sempre o indexador terá conhecimento do que seja uma “boina”, um objeto muito semelhante a um chapéu, mas que, sem o conhecimento necessário, não terá condições de indexar a imagem corretamente – daí a necessidade de um vocabulário controlado.

A fotografia - enquanto elemento informacional - no instante em que passa a ser trabalhada para compor um acervo de um centro de documentação para consulta e registro histórico de determinado acontecimento ou personagem - carrega também os detalhes técnicos importantes enquanto produção de documento. Documento audiovisual difere do escrito e, portanto, exige um tratamento documentário específico.

Novamente, Smit (1987, p. 106) levanta a questão: se um documento escrito utilizar termos abstratos, estes podem, invariavelmente, causar limitações a respeito do significado da imagem e, como explica a autora, levar o usuário a um caminho oposto à realidade. “Simplificar”, no caso, levaria o usuário a deixar de lado outras informações. A autora dá um exemplo para que entendamos tal sistemática: ao descrever uma imagem, o usuário pode registrar termos concretos, como “peixes boiando na água, de barriga para cima”, quando, de fato, poderia atribuir simplesmente “poluição”, um termo mais abstrato. A escolha que o usuário faz é que determinará todo o contexto para tratar e recuperar a informação imagética, e, portanto, o uso de um descritor deve ser o mais próximo possível dos usuários.

Um dado importante que Smit (1987, p. 107) ainda destaca diz respeito às informações subliminares que, invariavelmente, são apresentadas a partir da legenda e ou dados referentes a uma imagem. A interpretação da imagem sugeriria, a seu ver, pontos de vista diversos, a depender dos elementos que compõem uma simples foto capturada em uma esquina qualquer de uma cidade.

Para exemplificar tal argumento, a autora, em seu artigo, cita um trabalho

publicado na mídia francesa pelo fotógrafo Robert Doisneau⁴ (1912-1994). O caso da legenda da foto que Smit nos conta é emblemático e, segundo a autora, acabou até nos tribunais, porque foram atribuídas quatro legendas diferentes quando da publicação da fotografia na mídia impressa. A força da interpretação da imagem a partir de uma legenda só imprime a máxima de que uma imagem, por definição, é polissêmica, como ressalta Smit no artigo. Na verdade, portanto, qualquer leitura de um documento é de natureza interpretativa, ou melhor, não pode escapar do contato com a subjetividade daquele que lê/interpreta.

A foto mostrava um balcão de bar com duas pessoas de frente para ele: um homem de meia-idade e uma jovem segurando um copo. Na cultura francesa dos anos 1940, segurar um copo era associado à degustação de vinho. Outros copos vazios estavam no balcão. A leitura dessa situação poderia ser feita pensando em quatro elementos, reforça a pesquisadora: a legenda, a interpretação de imagem, os conceitos e a tradição.

A primeira legenda publicada tratava a foto de uma forma “literal”, excetuando o fato de a pessoa que a fez ter descrito a moça como “uma jovem encantadora”. A segunda legenda foi atribuída a uma associação de combate ao alcoolismo, e sugeria que o casal tomava vinho e arruinava a saúde. A terceira legenda era semelhante a esta, mas fazia um julgamento: chamava a jovem de “infratora” de leis. Além disso, Smit diz que o homem e a jovem formavam um casal. A quarta legenda seria mais ousada, como aponta Smit, pois dizia que a foto dava a entender que haveria prostituição no Champs-Élysées⁵.

Vemos aí como existem, de fato, dificuldades em analisar uma imagem para efeitos de documentação (assim como qualquer outro documento), e que podem, inclusive, levar o usuário a conclusões errôneas de interpretação. Smit (1987, p. 108) enfatiza que o papel de quem identifica e analisa o que vê pode fazer toda a diferença quando se trata de recuperar a informação. É preciso entender que existe uma linha delimitando o que a imagem, de fato, mostra (denotação) e o que se enxerga ou se quer ver no momento em que a interpretamos (conotação).

⁴ O fotógrafo francês Robert Doisneau nasceu em Gentilly in the Val-de-Marne, no ano de 1912. Um dos mais populares fotógrafos da França, Doisneau era um apaixonado por registrar cenas do cotidiano das cidades. Também contribuiu para importantes publicações em revistas, assim como a famosa fotografia "O Beijo do Hotel de Ville". Ele disse: "As maravilhas da vida cotidiana são emocionantes, nenhum diretor de cinema pode organizar o inesperado que você encontra na rua". Faleceu em Paris, no ano de 1994.

⁵ Champs-Élysées, famosa avenida de Paris, onde estão localizados importantes museus e obras arquitetônicas da cidade, como o Arco do Triunfo, cartão-postal da capital francesa.

E, mesmo com um olhar mais atento, não são raras as vezes em que a legenda ou até o contexto desvia a atenção para uma análise mais conotativa da imagem. E, verificando uma imagem para efeito de tratamento e posterior recuperação, ainda segundo Smit (1987, p. 109), uma boa escolha é sempre realizada por comparação. Para a estudiosa, elencar 30 imagens seria uma média ideal – mais do que esse número confundiria o usuário. Menos de 30 não seria suficiente para o usuário fazer a escolha que considerasse certa.

O importante não é disponibilizar uma enormidade de fotografias, por assim dizer, mas sim permitir que o usuário encontre informações até o objeto pesquisado com maior precisão. Às vezes, um detalhe na fotografia, ou, melhor dizendo, no objeto ou na pessoa fotografada, é a resposta ao que a pessoa procura. Por isso, chegamos ao que a autora aponta como o equilíbrio para analisar uma imagem, sem uma especificidade exagerada, mas com amplitude suficiente para que, “a qualquer pergunta, se possa selecionar ao redor de 30 imagens que respondam à pergunta” (Smit, 1987, p. 109):

A exploração visual destas 30 imagens é suficientemente rápida (segundo cálculos de Abraham Moles, o olho abarca estas 30 imagens em meio segundo) para que uma seleção da “boa” imagem se faça com segurança e que uma série de detalhes não explicitados na pergunta possa, assim mesmo, ser levada em conta (a gola do vestido da velhinha, por exemplo).

Em um centro de documentação de jornal, como funcionaria o processo de descrição da imagem? O documentalista se depara com a pergunta: o que devo ou não descartar e descrever sobre esta imagem? Como descrever a imagem sem pecar por omissão e ou excesso? O que sobrecarregaria a catalogação da imagem? Smit (1987, p. 110) afirma que determinadas categorias de informações são imprescindíveis na descrição de uma imagem. A autora aponta para uma listagem elaborada por G. Bléry⁶, cujo propósito, além de analisar a imagem, é recorrer a

⁶ A representação indexal de imagens por termos em linguagem natural é um paradigma que emergiu por volta dos anos 1970 e suas experiências se apoiaram no modelo de análise de imagem preconizado por Ervin Panofsky (1955), com sua concepção das categorias pré-iconográficas, iconográficas e iconológicas. Tomando por base a proposta de Panofsky, Ginette Bléry (1981) criou um modelo de indexação de imagens com as seguintes facetas: objetos (quem), lugar (onde), tempo e espaço (quando), atividades e acontecimento (o que) e modos (como). Tal modelo foi utilizado também por Shatford (Spring 1986) e Johanna Smit (jul.-dez. 1996), em que as facetas antes referidas dialogam com aquelas apresentadas por Corinne Jörgensen (1996) sob as denominações de atributos perceptíveis, interpretativos e reativos diante da imagem. O primeiro (perceptível) responde diretamente a estímulos visuais; por exemplo, a cor, a textura, a forma e os próprios objetos componentes da imagem. O segundo (interpretativo) é aquele que exige do analista a aplicação de um nível de conhecimento geral sobre a imagem, além da capacidade de inferir acerca do estilo e modelo, quando se tratar de representações imagéticas relativas a peças ou objetos de arte. O

certas categorias específicas, e previamente elaboradas, para evitar que sejam omitidas informações importantes sobre o documento imagético. São seis itens:

1. Produção da imagem (vista aérea, alto contraste etc.)
2. Localização da imagem (descrição do lugar ou termos geográficos)
Ex.: Pico da Bandeira, uma danceteria etc.
3. Localização da imagem no tempo (ano, dia, horário etc.)
4. Seres vivos - informar com precisão (idade, sexo, raça, tipo de roupa etc.)
5. Descrição da ação dos seres vivos
Exemplo: astronauta em traje espacial se dirige ao foguete. Nesse caso, poderá haver ainda dupla indexação: nave sendo lançada.
6. Descrição do ambiente dos seres vivos (praia, bosque, montanha etc.)

Na indexação, a descrição da imagem não fugirá das seguintes perguntas, como exemplifica Smit (1996, p. 28-36):

QUEM	identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais etc.
ONDE	localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (p. ex. São Paulo ou interior de danceteria)
QUANDO	localização da imagem no “tempo” cronológico ou momento da imagem (p. ex. 1996, noite/verão)
COMO/O QUE	descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (p. ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII)

Figura 1 - Descrição da imagem

Fonte: adaptado de SMIT, 1996, p.28-36

terceiro (reativo) refere-se às sensações provocadas naquele que vê ou analisa o conjunto dos signos concorrentes para a constituição da imagem. PINTO, Virginia, 1998, apud Smit, 1996.

2.1 Imagem: a tecnologia como meio de transporte

Neste tópico, elaboramos uma reflexão sobre os caminhos percorridos por diversos pesquisadores acerca da fotografia, apresentando um quadro teórico e analítico sobre o tema estudado pelos autores. Ao revisitarmos conceitos e abordagens metodológicas sobre a fotografia, buscamos autores que focaram os questionamentos nas interfaces teóricas deste vasto campo de conhecimento.

Calmon e Alves (2005, p. 2-6) reforçam a importância de se analisar o estado de conservação de fotografias armazenadas em um ambiente analógico porque tais documentos, com o surgimento de novas formas de armazenamento, passaram a ter um papel importante nos processos de informação, preservação e divulgação de imagens. Todavia, quando se parte para analisar e entender processos e sistemas de preservação de documentos imagéticos em uma base multimídia, os autores ressaltam que é fundamental salvaguardar coleções armazenadas em plataformas analógicas deterioradas pelo tempo.

No projeto de digitalização de fotografias de uma biblioteca da Bahia, experiência que foi objeto de estudo dos pesquisadores, observamos que os desafios para preservar documentos fotográficos, muitas vezes raros e de difícil acesso a muitos usuários, exigem tratamento adequado e olhar atento ao objeto a ser recuperado para que se possa ter acesso ao conteúdo.

Os autores destacam que, nesse processo, é preciso elencar algumas ações. Não basta simplesmente decidir que um acervo fotográfico deve ser digitalizado, para que não se perca o conteúdo. No artigo, os estudiosos destacam três objetivos propostos pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco)* de alta relevância para a digitalização do material fotográfico da Biblioteca Lajoumim do Terreiro Pilão de Prata (Ilê Odô Ogê). Um deles seria permitir acesso ao conteúdo informacional que se encontra em suporte de difícil acesso aos usuários. Disponibilizar aos usuários tecnologias que ofereçam possibilidade de consulta em ambientes informacionais de grande demanda de uso também representou um dos objetivos da pesquisa; e, finalmente, preservar o acervo e reduzir o manuseio e acesso físico aos originais a partir de cópias de segurança dos originais seria outra proposta colocada em análise no estudo.

Com base nesses objetivos, os pesquisadores constataram que a perda de informação era evidente, porque, na análise das fotografias, a descrição do conteúdo das imagens era mínima, dificultando a identificação.

Assim como observamos no estudo realizado tendo como parâmetro a pesquisa de campo nos ambientes de armazenamento de dados do jornal A Tarde, Calmon e Alves também identificaram problemas semelhantes ao que encontramos nas plataformas fotográficas do periódico baiano.

Sobre as fotografias analisadas, identificaram legendas, notas ou dedicatórias que nem sempre correspondiam à imagem. Em alguns casos, viram a necessidade de entrevistar pessoas que trabalharam há mais tempo na instituição, com o objetivo de levantar informações sobre a origem das fotos, quem as fez, data, local e até mesmo o nome do fotógrafo, para auxiliar na descrição do conteúdo de cada fotografia do acervo.

Traçando um paralelo com o nosso estudo sobre a produção fotojornalística, realizamos algumas entrevistas com o objetivo de identificar os gargalos no departamento de fotografia, desde a realização da pauta até o armazenamento das imagens para posterior utilização no impresso.

Calmon e Alves (2005, p. 5-6) vão direto ao ponto quando identificam alguns dos problemas já evidenciados em trabalhos anteriores que versam sobre acervos fotográficos e a necessidade de tratamento e recuperação da informação, bem como as demandas a serem resolvidas para este fim quando a representação da informação e do conhecimento são peças-chave para analisar métodos de descrição de uma imagem fotográfica.

Voltamos, junto com os pesquisadores deste trabalho sobre digitalização de acervo fotográfico de uma biblioteca em Salvador, Bahia, às perguntas citadas por Smit (1987) para encontrar as respostas que todo documento imagético necessita: quem fotografou, quando, onde, o que e ou quem foi fotografado. Essa análise é importante porque permitirá a determinação do conteúdo da fotografia para a organização, armazenamento e recuperação.

Por outro lado, Silva (2006, p. 82) propõe uma leitura diferente quando se trata de preservação imagética. Ao aguçarmos nossa percepção visual, tomamos consciência de que as observações que fazemos acerca de uma imagem – quaisquer que sejam elas – reforçam a ideia do que enxergamos tal como uma impressão digital desse documento. Sobre preservação da memória visual, Silva

salienta que basta que prestemos atenção em algum objeto ou pessoa e logo “uma atenuação da consciência de todas as outras percepções sensoriais se processa”.

O autor ressalta também que, ao fixarmos o olhar para um mesmo objeto, seguramente determinadas inferências perceptivas, ligadas à memória de outros sentidos do ser humano, podem vir a modificar a impressão do que enxergamos e interpretamos.

Assim, na elaboração do primeiro tripé informacional neste estudo, partimos do princípio básico: a fotografia, enquanto documento, requer uma análise adequada para a sua preservação, seja em um ambiente analógico – para melhor tratamento dos dados, se for transferida para outra plataforma – ou mesmo digital. Vale salientar que discutimos aqui novas tecnologias para melhor tratar, organizar e recuperar documentos imagéticos, por isso, é fundamental que a ferramenta, sistema ou software para este fim seja devidamente programado e rapidamente capaz de fornecer os dados que o usuário busca. Silva (2006, p. 95) afirma que é possível comparar o universo fotográfico analógico com o digitalizado e nos apresentou argumentos que nos forneceram um arcabouço teórico capaz de nos aproximar dos estudos sobre fotografia.

Ao discutirmos um tema que nos remete a tratamento da informação, digitalização de acervos fotográficos e análise de documentação, é possível traçarmos paralelos entre o que é produzido no modo entendido como tradicional, analógico, e o universo digital. Quando se trata de uma fotografia do universo analógico, o pesquisador traz como exemplo um produto cuja dimensão física permite que o usuário toque esse objeto, sem auxílio externo.

Porém, Silva enfatiza que, devido ao material no qual a imagem é produzida – prata, corantes, papel, celuloide, gelatina, albúmen e colódio – a estabilidade inexistente. Pior: ações do tempo podem até mesmo destruir uma coleção inteira de fotografias, tais como ação de agentes químicos, local onde o material encontra-se armazenado etc. Nesse caso, se o ambiente for de intensa luz, umidade ou calor, poderá danificar o material fotográfico.

A depender do estado de conservação do material, o acesso e manuseio aos documentos imagéticos podem ser restringidos (e até mesmo tecnicamente desaconselhável), conforme explicou Silva, salientando ainda que a duplicação dessas imagens, cujo propósito seria permitir o acesso a usuários, não é garantia de estabilidade, além de gerar aumento de material armazenado. Tal reformatação

convencional - cujo objetivo principal é produzir negativos de segunda geração, cópias-contato e ampliações para consulta - não deixará de representar, nesse caso, uma ferramenta importante para que os acervos fotográficos sejam devidamente administrados.

Quando nos voltamos para as fotografias digitais, estas não possuem o que o autor denomina de ausência de um aspecto físico concreto, palpável, como o de um negativo em suporte filmico, pois são constituídas por bits.

Silva (2006, p. 95) ressalta que, para serem contempladas, exigem a utilização de equipamentos complexos. É de grande importância, porém, a rapidez e facilidade com que podem ser copiadas e inseridas em bases de dados com rápido e fácil acesso. Ele explica ainda que as imagens, para que possam ser contempladas, devem ser transpostas a partir da utilização de equipamentos mais complexos. Todavia, chamamos a atenção para um dado apontado pelo pesquisador, sobre o que, de fato, é relevante ao estudarmos como vislumbramos a tecnologia para armazenamento dos dados. A depender de como essas imagens foram tratadas nas bases de dados adotadas, os documentos serão mais facilmente recuperados, e com rapidez.

Cada foto, diz o pesquisador, poderá ser trabalhada, amplamente duplicada, para outros fins, diferentemente do que ocorre com as fotografias analógicas. Outro aspecto apontado pelo pesquisador é que as bases de dados digitais poderão armazenar mídias digitais, como CD-ROMs⁷ e Digital Versatile Disc (DVDs)⁸, fornecendo material a museus e arquivos. A ideia é que tais centros de cultura possam, logicamente, ser habilitados a distribuir imagens a um número maior de usuários, e, assim, promovendo a disseminação e preservação dos documentos.

Torezan (2007, p. 41-50) ressalta também a condição *sine qua non* exposta por Silva a respeito da preservação de documentos, ao observar vários ângulos da fotografia como fonte de informação, principalmente se o material foi produzido por um repórter fotográfico.

⁷ Compact Disc-Read Only Memory (CD-ROM) é uma tecnologia com capacidade de armazenar uma grande quantidade de informações em disco que pode ser lido no computador. CD-ROMs servem para guardar índices, periódicos, resumos, estatísticas e textos integrais. Em média, possui cerca de 700 megabytes de espaço em disco.

⁸ Digital Versatile Disc ou Digital Video Disc (DVD) é uma mídia de armazenamento de dados para aplicações multimídia, com capacidade muito maior que o CD e que já provou ser uma mídia de ótima qualidade para vídeos e recursos multimídia em geral. Tem capacidade para armazenar dados entre 4,7 GB a 17 GB.

A autora reforça que, para fins de catalogação, indexação ou mesmo como base para o entendimento do objeto/imagem, é importante saber diferenciar o título e a legenda de uma fotografia, pois um título, invariavelmente, não nos permite resumir/explicar o “conteúdo” de uma imagem: (...) “mas a faz ser entendida por seu significado principal, e, não bastante, a legenda serve como um breve resumo de uma visão mais ampla do foco principal” (TOREZAN, 2007, p.41).

Ainda segundo Torezan, ao analisarmos uma imagem, é importante observarmos que “a interpretação da interação entre documento produzido e conhecimento registrado se dá de forma subjetiva”. Frente ao documento, é possível que produção e registro de informação agreguem elementos visíveis e não visíveis. Nas observações da autora, podemos entender que, à luz da Ciência da Informação, a análise de uma imagem requer contornos precisos no tratamento informacional enquanto documento.

Para reforçar esse estudo, Manini (2007, p. 2) discute também modelos propostos pela Ciência da Informação e sobre quais parâmetros seria possível embasarmos as teorias para fins de representar o conteúdo informacional da imagem fotográfica. Segundo a pesquisadora, é importante entender como se dá o processo de indexação de documentos, especialmente os fotográficos, objeto de nosso estudo. Manini mostra que os pesquisadores podem entender o processo a partir de duas abordagens que tratam especificamente da problemática existente em torno da indexação de imagens: a primeira é conhecida como indexação com base no conteúdo e a segunda é conhecida como indexação com base em conceitos.

Ao voltarmos nossos olhos para a plataforma analógica e digital dos documentos imagéticos do jornal A Tarde, encontramos conteúdo e conceitos que se mesclam, como se as informações ali representando as imagens ora nos traziam o que procurávamos, ora nos deixavam à mercê da sorte.

E, em se tratando de indexação de imagens em uma plataforma de armazenamento fotográfico, especificamente de um jornal - onde as informações não param de chegar, provocando um volume de dados nem sempre corretamente ordenados a partir de um modelo de indexação que atenda à demanda diária -, Manini ainda indaga: “(...) o que indexar, como indexar e como recuperar, sob o ponto de vista tecnológico”.

Na avaliação da citada autora, o processo de indexação e recuperação de imagens pode ser entendido a partir de um diagrama, descrito da seguinte maneira:

imagem > | indexação > | representação < recuperação < expressão de busca < usuário. Trata-se de um processo de identificação simples, segundo entendimento da pesquisadora, mas que, na maioria dos mecanismos de busca de imagens fotográficas, encontramos informações extra-imagéticas indexadas, que não estão presentes na imagem: fotógrafo, título, data, descrição textual etc.

São dados relevantes, ressalta Manini, mas em momento algum podemos dizer que representam a informação que contempla a imagem. Por isso, é importante ressaltar que, para melhorar a recuperação de imagens fotográficas, é preciso que se represente de maneira correta a informação contida no documento imagético, o que, de fato, a imagem mostra, bem como sua expressão fotográfica (como a imagem mostra a informação).

Boccatto e Fujita (p. 2, 2006) analisam o enunciado de uma fotografia e de que maneira transferem informação. Na leitura científica da área, as autoras propõem um estudo do documento fotográfico, seus códigos e todo o poder informacional que o compõe. Segundo as autoras, como produtor de informação, o documento fotográfico viabiliza a disseminação de conhecimento. “Toda imagem tem um suporte e uma técnica e isso determina o seu significado”, bem como uma recuperação da informação satisfatória.

Enquanto tratamento documental, as autoras também traçam um esquema para analisar fotografias publicadas, respondendo às categorias:

Quem	Onde	Quando	Como	O que
------	------	--------	------	-------

Trata-se de um quadro demonstrativo muito citado por pesquisadores, baseados em um modelo de indexação de imagens desenvolvido por G. Bléry, conforme apresentamos anteriormente, para melhor entender a descrição do conteúdo do documento fotográfico. As categorias de análise documental, no contexto jornalístico, falaremos mais adiante, e vale salientar que o presente trabalho explicitou a informação anexada às legendas e resumos das fotos armazenadas em ambas as plataformas fotográficas - analógica e digital - do jornal.

Manini, Lima-Marques e Miranda (2007, p. 2) enfatizam a importância de analisar um processo e apresentar o que os autores conceituam de modelagem conceitual para indexação e recuperação de imagens no contexto de sistemas informáticos. Ao discutirem indexação com base em conteúdo e em conceitos - o

que deve ser indexado, como indexar e recuperar informação – os autores levantam três categorias de informações relacionadas à imagem: conteúdo informacional (o que a imagem mostra), técnica fotográfica e informação não-visual (fotógrafo, título, data etc.).

Embora o campo de pesquisa seja o sistema de recuperação na internet, as autoras destacam a importância de tema que o jornal deverá disponibilizar: a comercialização de imagens via internet. O artigo, com isso, aponta possíveis variáveis para indexar imagens para a plataforma virtual.

Verificamos, com base nos aspectos já estudados por Smit (1987, p. 102), que a técnica fotográfica deveria levar em conta o que é mostrado pela fotografia (o que chamamos também de conteúdo informacional); como a fotografia mostra (que nos remete de que maneira são disponibilizadas as informações a partir de uma escolha de método); e, por fim, onde a fotografia mostra (documento fotográfico enquanto objeto físico).

Manini, Lima-Marques e Miranda (2007, p. 2-3) reforçam: tanto o que é mostrado pela fotografia quanto como ela aparece “estão estreitamente relacionados à indexação de imagens fotográficas”. Porém, como podemos avaliar, no nosso estudo, e é o que os autores analisam também, determinadas informações que encontramos a partir do mecanismo de busca no programa utilizado pelo jornal que ora estudamos indexa descreve a legenda (o que seria o resumo/descritor da foto) com informações nem sempre presentes na imagem.

Manini, Lima-Marques e Miranda tratam do assunto como “informações extra-imagéticas”, as quais não estão diretamente presentes na imagem, tais como o nome do fotógrafo, o título que reporta à matéria, a data em que a fotografia foi publicada e a descrição textual do documento.

À luz da Ciência da Informação, poderíamos dizer que a descrição de imagens é o que define a recuperação da informação. Porém, segundo nos mostram os autores, não existe um modelo de indexação que nos leve com precisão às informações da imagem, mas sim técnicas capazes de recuperar ou levar o usuário ao que ele busca quando os dados mais importantes são apresentados. São as informações relevantes que, uma vez obtidas, esbarramos em um novo questionamento: tendo em mãos a lista de indexadores, o que é, de fato, imprescindível representar?

Manini, Lima-Marques e Miranda apontam também para diversas opções possíveis: palavras-chave, resumo textual, tesouro, ontologias etc. E de maneira ele formularia a expressão de busca que mais se adequasse ao que aquela plataforma imagética necessita? Conforme destacam os autores, há uma negligência no processo de transferência da informação imagética para a verbal, por conta do número excessivo de registros irrelevantes. Trata-se de um paradigma a busca baseada em palavras-chave.

De acordo com os pesquisadores, o problema de vocabulário se dá porque termos sinônimos e antônimos são inadequadamente interpretados, “o que torna difícil obter resultados semânticos na recuperação da informação”.

A indexação da imagem, destacam, é realizada levando em consideração apenas a legenda da fotografia. Mostraremos, mais adiante, que, de fato, plataformas imagéticas com um grande volume de informações a ser tratado registram problemas bem parecidos com os apontados por Manini, Lima-Marques e Miranda.

Consultamos Manini em agosto de 2008, porque encontramos referências em Torezan a um trabalho desenvolvido pela autora, intitulado “Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários”. De fato, a tese defendida por Manini, em 2002, ia de encontro aos estudos feitos pela autora, Lima-Marques e Miranda (sobre indexação de imagens) aqui mencionados:

Ainda que existam métodos e técnicas associados a este tipo de análise e mesmo que se pergunte quem está na fotografia, o que foi registrado, onde, quando e como, muitas vezes há falhas ou lacunas nas respostas. Por seu conteúdo histórico e valor informacional, o documento fotográfico requer cuidados especiais e um olhar especializado. A descrição e a extração de unidades de indexação (descritores ou palavras-chave) de uma fotografia demandam regras e métodos específicos. A metodologia proposta direciona a análise para o caráter indicial do documento fotográfico, bem como para a função e a importância do referente na determinação da indicialidade. (MANINI, 2002, p.4)

No contexto ora apresentado pelos pesquisadores – o de armazenamento de fotografias de um jornal - para que se chegue a uma recuperação de imagens fotográficas de maneira eficaz, é importante que se dê o devido tratamento ao representarmos o conteúdo informacional (o que a imagem mostra) e sua expressão fotográfica (como a imagem mostra).

Segundo os autores, enquanto a expressão fotográfica é produzida pelo fotógrafo com base na técnica fotográfica, “duas imagens sobre o mesmo objeto podem ter uma recepção diferente por causa da técnica fotográfica representada”. Portanto, enquanto documento, a fotografia exerce um papel de registro de um acontecimento.

Por outro lado, conforme Le Coadic (2004, p. 65), a análise de termos associados é um método que leva em conta as palavras-chave na indexação e, a partir do momento em que duas palavras-chave aparecem juntas em um banco de informações, os assuntos que representam devem estar associados. No presente estudo, a abordagem recaiu sobre o conteúdo para acesso à fotografia, ressaltando o resumo e informações pertinentes à indexação da imagem armazenada nas plataformas imagéticas que serviram de base a este projeto.

No trabalho apresentado por Souza (2007, p.1-157), intitulado “Avaliação de linguagem de indexação aplicada à informação jornalística: estudo de caso”, observamos alguns aspectos de análise documental semelhantes aos de nossa pesquisa. A autora apresenta um estudo de caso sobre a avaliação de linguagem de indexação aplicada à informação jornalística.

Como objeto de estudo, Souza tratou de analisar o vocabulário controlado de uma empresa jornalística do Rio de Janeiro. Em seu estudo, ela nos mostrou que a linguagem de indexação “nunca foi objeto de análise ou reflexão”, e, por isso mesmo, partiu para pesquisar um ambiente de jornal, adotando a editoria de Esportes do periódico carioca O Globo⁹ como amostra, por ser a área esportiva temática de grande apelo junto ao público.

Acreditamos que o trabalho de Souza foi o que mais se aproximou da nossa proposta de estudo porque, na pesquisa, ela retratou um ambiente jornalístico e avaliou a linguagem documentária para o segmento impresso. Souza (2007, p. 14) analisou a linguagem existente aplicada à informação jornalística a partir de uma amostra, de maneira que pudesse estender os resultados para os demais domínios no campo jornalístico.

⁹ O jornal O Globo, propriedade dos Diários Associados, foi adquirido pelo jornalista Irineu Marinho em 1925. À época, registrava uma tiragem de aproximadamente 33 mil exemplares diários. Após 21 dias da fundação do periódico, Irineu Marinho falece. Seu filho, Roberto Marinho, repórter e secretário particular do pai, deixou a direção da empresa nas mãos do jornalista Euclides de Matos, mas assumiu o controle da empresa após a morte de Matos, em 1931. A partir de então, Roberto Marinho criou um poderoso grupo de comunicação, as Organizações Globo, composta pela TV Globo, Rádio Globo, Editora Globo, Agência O Globo e demais veículos. Roberto Marinho faleceu em 2003, aos 98 anos.

Souza concluiu que, devido ao volume de informações que circula diariamente em um jornal, e, ainda que fechasse a discussão do seu estudo citando apenas a estrutura de uma editoria – no caso, a de Esportes, por ser, como explicou no trabalho, um assunto de grande apelo noticioso -, o que deve ser observado na linguagem documentária de indexação voltada para a informação jornalística é a "estudar a ‚fala‘ do usuário externo" e não descuidar de certos requisitos do software que influenciem diretamente no vocabulário. A diferença do Centro de Documentação e Informação (CDI) de O Globo de outros centros de documentação, como o que ora estudamos, é que o grupo investiu na elaboração de um vocabulário controlado próprio, restrito "aos usuários e profissionais de informação que com ele trabalham".

Busca-se, portanto, agregar valor e qualidade à informação veiculada pela empresa. O mercado de comunicação já entendeu que a necessidade de aprimorar o acesso e o conteúdo de seus produtos midiáticos é questão de sobrevivência aos novos tempos. Quanto ao software, no entanto, Souza (2007, p. 141) nos propõe:

Em um primeiro momento é necessário conhecer as funcionalidades do software usado na representação e recuperação da informação. Ele deverá apresentar relatórios sistemáticos e alfabéticos, para contemplar as diferentes necessidades dos usuários internos, em primeiro lugar, de modo a permitir melhor indexação do material pelos indexadores e mais uma facilidade de busca para o pesquisador. Outro aspecto a se destacar é o acesso ao vocabulário por parte do usuário interno, possibilitando a realização de pesquisas pontuais, usando as funcionalidades oferecidas pela linguagem de indexação.

Mendes (p. 12-14, 2004) destaca que a introdução do gerenciamento de dados informatizados é cada vez mais necessária, porque novos conteúdos midiáticos necessitam de um ambiente que não apenas preserve fotografias em suas plataformas de dados, como também facilitem a recuperação da informação ali armazenada. O pesquisador destaca em seu estudo o que mudou e o que precisa ser reestruturado, para que novas plataformas sejam incluídas com sucesso e a esperada revitalização dos documentos aconteça de fato em todos os segmentos.

Mendes traça paralelos com plataformas midiáticas para aprofundar a questão de recuperação e tratamento de documentos imagéticos como forma de exemplificar erros e acertos na migração de tecnologias, como softwares para indexação – quando assim se exige e se o objetivo é preservar dados.

Já Murguía e Registro (2004, p. 3-13) analisam a questão do tratamento fotográfico em um arquivo público e histórico. O trabalho nos levou a pensar na origem dos armazenamentos de fotos. Quando falamos em “origem”, queremos destacar que o olhar dos pesquisadores, para entender como os primeiros processos de tratamento de fotografias se deu, de fato, sempre esteve focado para a necessidade de incluir estudos na área da Ciência da Informação.

Dentre as questões apontadas pelos estudiosos, destacam-se tanto a problemática de se trabalhar com fotografias em arquivos e bibliotecas que necessitam de reformas estruturais, consecução e tratamento, como o conteúdo da imagem fotográfica. Para o nosso objeto de estudo, a questão tem relevância, uma vez que tivemos como ponto de partida a fase inicial do trabalho de digitalização dos documentos fotográficos do jornal A Tarde. Segundo os pesquisadores, talvez um dos principais entraves para se trabalhar com fotografias em arquivos (...) resvale na diversidade de técnicas, formatos e suportes para salvaguardar os documentos, bem como o modo de execução e tratamento. Além disso, os pesquisadores destacam a questão do conteúdo da imagem fotográfica, bem como o estado de conservação de documentos imagéticos, uma vez que o referido trabalho fez um levantamento sobre fotografias que datavam de 1892 a 1980.

No nosso entender, e corroborando com a ideia proposta pelos pesquisadores, é impossível falarmos em preservação, armazenamento e conservação de documentos fotográficos que estejam armazenados em uma plataforma – seja ela analógica ou digital – sem avaliarmos a elaboração de um sistema organizacional de documentos fotográficos, segundo os princípios apresentados pela arquivística, conforme ressaltaram os pesquisadores neste artigo. Não se pode vislumbrar qualquer tipo de entendimento do que é possível fazer para aprimorar o acesso a uma determinada plataforma sem um tratamento documental que tenha como elementos instrumentais o arranjo e a descrição. Para Murguía e Registro, ainda que se trate de uma massa documental importante, a construção de sentidos e significados tem maior relevância do que os conteúdos informativos das fotografias, estes retratados como elementos secundários.

A justificativa, segundo os pesquisadores, é tentar realizar um inventário sobre o fotografado, para que se consiga chegar ao conteúdo histórico de sua obra para melhor identificá-lo a partir do tratamento que fosse dado às imagens. No caso deste artigo, o trabalho foi sobre o arranjo arquivístico e a narrativa de imagens

baseados na vida e obra do pesquisador e historiador José Pedro de Miranda (1930-1999). Os autores do referido trabalho explicam, porém, que:

talvez o principal problema de trabalhar com fotografias em arquivos e bibliotecas, deva-se a dois fatores: a diversidade das suas técnicas, formatos e suportes para a sua guarda, consecução e tratamento; e o problema do conteúdo da imagem fotográfica. (...) A fotografia é crível em relação ao referente, atesta, portanto, a existência de uma realidade; mas ao mesmo tempo a fotografia é sempre interpretativa, porque deriva de uma escolha. Não se configura como um espelho da realidade e não guarda traços de total fidelidade a essa realidade. Na fotografia, a parcialidade é algo que está sempre presente no conteúdo da imagem.

Sobre as funções do documento, Rouillé (2009, p. 97) destaca que uma das principais atribuições da fotografia-documento, desde o seu surgimento, seria “a de erigir um novo inventário do real, sob a forma de álbuns e, em seguida, de arquivos”. Rouillé complementa que, enquanto a fotografia-documento, associada ao álbum de fotografia, nos primórdios da organização de documentos, serviu como um mecanismo para reunir e tesaurizar as imagens, para realizar o inventário do real, a fotografia ganharia espaço enquanto mecanismo para ver (óptico) e registrar as aparências (químico). Portanto, destaca o autor, elaborar um inventário fotográfico do real permite que se cruzem dois procedimentos de tesaurização: o das aparências, e o das imagens, por meio do álbum e arquivo.

Assim, diz Rouillé (p. 101, 2009), há uma sutileza delimitada, todavia clara, sobre a questão de ordenamento de documentos, porque “essa transformação-imagem do mundo não cessou de se aprofundar”. Em um quadro mais amplo, Rouillé reforça a necessidade irrefutável de haver o que o autor chama de “união fotografia-álbum, ou fotografia-arquivo”, que, inexoravelmente, “teve de ceder espaço às alianças fotografia-imprensa.

O álbum e o arquivo, associados à fotografia-documento, são utilizados para ordenar as imagens destacam os autores. Por isso mesmo, exercem papéis ao mesmo tempo opostos e complementares. Enquanto a fotografia tem o poder de fragmentar, álbum e arquivo recompõem os conjuntos, ordenam.

A fotografia-documento, no papel de informar, teria exercido um forte vínculo com a imprensa a partir do momento em que repórteres fotográficos partiam para *fronts* bélicos. Um dos clássicos exemplos seria a cobertura da guerra do Vietnã¹⁰.

Nas palavras de Mathew Brady¹¹, que, para muitos, é considerado o “pai do fotojornalismo”, a câmera fotográfica é o olho da história.

Maimone e Tálamo (2008, p. 5) pesquisam a área dos documentos imagéticos e apresentam um esquema onde a produção de conhecimento relaciona-se ao tratamento da informação. As pesquisadoras apresentam um estudo, à luz da Ciência da Informação, baseado em instrumentos de representação da informação, que contribui para o nosso trabalho, porque mostram que a informação é o resultado do tratamento documentário (em museus, bibliotecas e arquivos) para fins de recuperação, apontam as autoras. No gráfico abaixo, reproduzimos o ciclo da informação, conforme estudado pelas pesquisadoras. Neste gráfico, entendemos que existem dois grupos no processo organizacional: a informação que circula e o documento. Ainda de acordo com as autoras, a organização de documento é resgate não apenas da informação, como também da memória documentária.

Ciclo da Informação



Figura 2 - Ciclo da informação
Fonte: Maimone e Tálamo (2008, p. 5)

¹⁰ A guerra do Vietnã ocorreu entre 1959 e 1975 e contou com a intervenção direta dos Estados Unidos e da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Os soldados americanos, apesar de todo aparato tecnológico, tiveram dificuldades em enfrentar os soldados vietcongues (apoiados pelos soviéticos) nas florestas tropicais do país. Milhares de pessoas, entre civis e militares, morreram nos combates. Os EUA saíram derrotados e tiveram que abandonar o território vietnamita de forma vergonhosa em 1975. O Vietnã passou a ser socialista. Disponível em www.suapesquisa.com/guerrafria.

¹¹ O americano de origem irlandesa Mathew Brady (1822-1896) foi responsável por chefiar a equipe fotográfica que cobriu a Guerra Civil norte-americana e usou a expressão para designar a própria câmera fotográfica. As imagens feitas nos campos de batalha foram consideradas testemunhas oculares da História. A imagem fotográfica, segundo essa concepção presente no século 19, era assimilada a partir da crença de que as fotografias não passavam de janelas que se abriam para o mundo lá fora, expondo-o da maneira mais fidedigna possível. Ao longo do século 20, essa herança se atualizou por meio da fotografia de documentação social, a princípio associada às agências governamentais e, a partir dos anos 1930, com a modernização técnica da imprensa, às agências internacionais, a ponto de podermos contar a história do século 20 por intermédio de suas imagens.

Com base em estudo de caso sobre a fotografia (analógica e digital) na área publicitária, segmento em que Burmester (2006, p. 4) atua, encontramos contribuição no trabalho do pesquisador porque a maior motivação do publicitário nesta pesquisa baseou-se em sua experiência profissional. Fizemos contato com o publicitário em 2008, que prontamente nos atendeu e até sugeriu leituras que não tínhamos contato até então. Além disso, o foco de estudo do pesquisador possui temática semelhante ao que analisamos - *Fotografia - do analógico para o digital: um estudo das transformações no campo da produção de imagens fotográficas* -, e, portanto, tratamos de colher alguns dados que reforçassem nossas inquietações no que se referem ao campo das plataformas de armazenamento de dados, como é o caso das fotografias.

A pesquisa de Burmester foi concluída em 2006, mas vemos, naquele estudo, uma preocupação em entender como fazer com que a “massa documental”, nas palavras do autor, não continuasse a ser nada mais do que volumosas informações armazenadas em mídias já superadas, ao mesmo tempo em que ocorria a “explosão da informação”.

Além disso, percebemos, neste estudo, que o olhar de Burmester, como publicitário, esteve voltado às transformações com as quais os fotógrafos têm de lidar diante das novas tecnologias. Nas entrevistas que fez com profissionais que trabalharam com máquinas analógicas e digitais, o pesquisador ressaltou as significativas mudanças – até mesmo em termos de custos – que os fotógrafos observaram, ao longo dos últimos anos, com o advento das máquinas digitais.

Embora seja um ganho imediato e com menos chances de errar na hora do clique, por ser mais rápido fazer a escolha do que pode ou não ser publicado, ainda assim, os entrevistados foram unânimes ao afirmar que o investimento, tanto em tecnologia, softwares e constante atualização como profissional da área, exigência cada vez mais forte no mercado fotográfico, tem um preço, e alto.

2.2 Que tipo de documento é este?

Ainda que busquemos na literatura argumentos para explicar conteúdo e documentos, e, a despeito de que estamos tratando de plataformas erguidas em um ambiente informacional dinâmico, como o voltado para uma redação jornalística, podemos nos valer da afirmação contundente apresentada por alguns pesquisadores: enquanto que, de um lado da margem, enxergamos o conteúdo e a estrutura do documento, do outro lado do processo, porém, temos a Ciência da Informação “trabalhando a massa documental para torná-la acessível” (MIRANDA E SIMEÃO, 2003, p. 3), tendo como suporte as teorias, metodologias e tecnologias de análise e manipulação estrutural, destacam os pesquisadores.

Explosão da informação ou expansão da massa documental: não importa como se enxergue o fenômeno. Miranda e Simeão (2003, p. 4-7) acrescentam relevância ao analisarem um documento propondo um esquema de interesse à pesquisa em Ciência da Informação: que tipo de documento é este, qual o seu conteúdo, formato e suporte. A alteração de um deles pressupõe mudanças nos demais.

Os autores apontam para um estudo mais detalhado para compreendermos quais mudanças serão visíveis a partir do momento em que fotografias de uma plataforma analógica de fotografias – no nosso estudo, a do jornal A Tarde - migrar definitivamente para uma plataforma digital. Em primeiro lugar, os pesquisadores argumentam que todo documento, quando pensamos em informação registrada, está exposto a abordagens distintas, a depender do propósito de busca. Todavia, ressaltam também a possibilidade de enxergarmos duas direções complementares e interdependentes para tal afirmação: a primeira é voltada para o conteúdo e a segunda para a estrutura do próprio documento.

A ideia de massa documental, amplamente citada por autores que pesquisam a representação da informação e do conhecimento, pode ser entendida também, conforme explicam os autores, como o fenômeno da explosão da informação, seja ela de origem convencional ou virtual. Por isso que a Ciência da Informação entraria com o seu arcabouço teórico para compreendermos a natureza e uso social por meio de métodos quantitativos e qualitativos.

De fato, os autores chamam a atenção para outro aspecto: não se trata de encontrar a definição perfeita para documento, dentro dos conceitos da Ciência da

Informação, porque esta não poderia ser apontada como a “ressurreição pós-moderna da Documentação” (MIRANDA E SIMEÃO, 2003, p. 4).

Por isso, os pesquisadores sugerem uma “desconstrução” ao olharmos para o documento, e, assim, compreenderíamos melhor o “inteiro” desse objeto. A proposta, inclusive, valeria para os documentos imagéticos, em um esquema que abarcaria os seguintes temas: estudar o tipo de documento, seu conteúdo, formato e suporte, sendo que modificações em um dos elementos poderiam redefinir toda a estrutura anteriormente pensada.

Se a representação do conteúdo dos documentos encontra-se no topo do conceito de indexação, amparada pelo descritor, a linguagem de indexação e o termo de indexação, e, sendo o conteúdo dos documentos parte essencial nesse processo, conforme aponta Araújo Júnior (2007, p. 28), é importante que entendamos de que maneira a análise documentária entraria como um conjunto de procedimentos destinados a expressar o conteúdo dos documentos, para alcançarmos o que os especialistas buscam enfocar no entendimento, à luz da Ciência da Informação (CI), do que seria uma bem-sucedida recuperação da informação.

Lara (1993, p.133), por sua vez, em sua proposta de análise documentária, quando destaca, no estudo, a abordagem do tratamento da informação, avaliando a codificação e decodificação do conteúdo informacional, ressalta que, para que haja comunicação, o sistema de significação deve ser claro e explícito. Ainda segundo a pesquisadora, não havendo uma definição nos tesauros¹², a comunicação ficaria comprometida.

Por conta disso, seria impossível deixar de citar Lancaster (2004) como referência ao nosso entendimento, pois o autor nos serviu como um guia para interpretação do que realmente significam as atividades de indexação e redação de resumos com a finalidade de armazenar e recuperar informação de forma especializada.

A representação do conteúdo temático – tão intimamente ligada à indexação de assuntos e à redação de resumos – depende de qual caminho o resumidor irá redigir uma descrição narrativa ou síntese do documento, como explica o autor, assim como o indexador, cuja função é descrever seu conteúdo ao utilizar um ou

¹² Referem-se a um vocabulário controlado utilizado por pessoas que compartilham uma mesma linguagem em dada área de conhecimento. Servem como uma ferramenta de controle terminológico que tem por objetivo a padronização da informação.

mais termos de indexação, geralmente selecionados de um determinado vocabulário controlado.

Devido à complexidade do tema, Lancaster – considerado o “especialista” em estudos sobre indexação, para muitos estudiosos – nos fez compreender os significados das muitas propostas apresentadas pelos pesquisadores ora citados e que abordam a questão do tratamento da informação.

Seja utilizando como “termos de indexação” ou “descritores”, quando se trata de um documento, Lancaster (2004, p. 1) nos alerta para a necessidade de entendermos que índices e resumos são elaborados para se construir representações de documentos. Afinal, trata-se da organização de uma unidade de informação que será responsável pela “preservação, conservação, indexação, seleção, revisão e arquivamento de conteúdo jornalístico” (SOUZA, 2008, p. 2).

Lancaster (2004, p. 213-248), nessa obra, dedica um capítulo¹³ sobre indexação de imagens e nos apresenta alguns princípios que regem o tema. Nesse quesito, áreas que se encontram intimamente ligadas referem-se à indexação de assuntos e redação de resumos que são responsáveis pela preparação da representação do conteúdo temático dos documentos. Os resumos, por sua vez, indicam do que trata o documento e sintetizam seu conteúdo. Já os termos atribuídos pelo indexador servem como pontos de acesso mediante os quais um item é localizado e recuperado durante uma busca por assunto em um índice publicado ou numa base de dados.

No entender do teórico, a indexação de assuntos envolve duas etapas: a análise conceitual (de que trata o documento, qual o assunto), e a tradução (conversão da análise conceitual de um documento num determinado conjunto de termos de indexação). Portanto, quanto mais especializada a clientela de um centro de informação, maior a probabilidade de que a indexação possa e deva ser feita sob medida, ajustando-se com precisão aos interesses do grupo. Entendemos, portanto, que a indexação de imagens se diferencia a partir do momento em que identificamos demandas e públicos diferenciados, por se tratar de terminologia diversa para um público também específico.

No entanto, Alves, Valerio e Pigozzo (1998, p. 7) afirmam que a fotografia muito raramente traz alguma informação escrita e, quando isso acontece, nem sempre é totalmente correta ou descreve o conteúdo geral da imagem. Daí é que se

¹³ Capítulo 12 - Base de dados de imagens e sons

faz necessário pesquisar e voltar às perguntas que podem ser esclarecedoras para a descrição da origem do documento. “Pergunta-se: quem fotografou? Quando? Onde? O que e/ou quem foi fotografado?”. Encontramos, em nossas pesquisas, inquietações semelhantes e, muitas vezes, atestadas por parte dos usuários da redação do jornal quando estes solicitavam ou, por vezes, pesquisavam documentos imagéticos nas plataformas de dados de A Tarde.

Muitas vezes, é impraticável uma leitura completa para a compreensão de um documento, de sua origem, por exemplo, mas, ainda segundo Lancaster, a descrição de imagens com palavras, feita por seres humanos, denomina-se, em geral, indexação baseada em conceitos, e a indexação de imagens por seus atributos intrínsecos é baseada em conteúdos, conforme anteriormente citado. A indexação verbal implica na representação textual de uma imagem.

Ainda neste capítulo, Lancaster cita trabalhos de autores que estudam a integração de informações do texto com informações da imagem. Srihari (*apud* Lancaster), por exemplo, recorre ao reconhecimento da linguagem natural e compreensão da imagem. Segundo este autor, texto de legendas pode ser empregado para identificar pessoas em fotografias de jornais: quando a legenda é usada para tal, o texto dela é empregado para indexar a imagem automaticamente.

Todavia, ao observarmos o trabalho realizado nas plataformas de dados do jornal, vimos que, em muitos casos, os maiores problemas na recuperação da informação, hoje, encontram-se justamente na plataforma digital, porque o volume de dados que circula diariamente é infinitamente maior se comparado ao tratamento dedicado a esses documentos para posterior recuperação. Não podemos deixar de citar também que, a despeito de qualquer recurso que se disponha para este fim, a velocidade com que as informações chegam também prejudica a organização, e o problema que observamos esbarra justamente na rapidez com que as informações são disponibilizadas na plataforma digital e na quase impossibilidade de ajustar informação e tecnologia disponível.

Em quase uma década, desde que o jornal começou a disponibilizar conteúdo em novas plataformas digitais, apenas nos últimos três anos é que se observou, de fato, que era preciso tratar os dados de maneira correta, com profissionais especializados e tecnologia adequada. Um centro de documentação ganha força para aproximar mundos tão distantes: informação, organização e representação do conhecimento dentro do universo jornalístico.

Quando se trata de imagem, Lancaster nos leva a reconhecer seus atributos e nos faz questionar: como as pessoas vêem as imagens ou reagem elas? O aumento do interesse pela indexação e recuperação de imagens destina-se a descobrir os tipos de abordagem para recuperação de imagens e termos úteis para descrevê-las e indexá-las.

Para tanto, Lancaster (2004, p. 230-235) nos apresentou, neste capítulo, alguns estudiosos e seus experimentos com fotografias. Um deles foi Jörgensen¹⁴. No exemplo dado por Lancaster, Jörgensen solicitou que 48 mestrandos descrevessem e identificassem atributos de imagens que seriam úteis na recuperação e indexação: a partir da descrição de seis imagens, o grupo atribuiu termos previsíveis e coerentes com outros estudos anteriores (objetos, pessoas representadas, partes do corpo, cor, roupas, localização). O que de fato chamou atenção é que o grupo descreveu - muito mais do que o natural - a "história" da fotografia.

Lancaster também apresentou Heidorn¹⁵, que estudou a descrição em linguagem natural de objetos (fotos de árvores floridas). O que Lancaster nos conta sobre a experiência de Heidorn é que o grupo fez grande uso de analogias nas descrições das fotos (exemplo: uma planta parecida com uma borboleta).

Burke¹⁶ foi citado por Lancaster porque o primeiro analisou a classificação de fotografias (teoria do construto pessoal, técnica importada da psicoterapia) – alto nível de coerência para distinguir as fotografias umas das outras.

O'Connor et al.¹⁷, segundo Lancaster, realizaram um estudo de observação de imagens para registrar reações que um grupo de estudantes sentia diante das imagens. A hipótese levaria em conta que tais reações seriam uma fonte útil de escritores para a organização dos documentos imagéticos, com o firme propósito, portanto, de facilitar a recuperação futura, conforme explicou Lancaster. Seria, assim, a indexação focada no usuário. Neste estudo, o grupo foi instado a redigir legendas e anotassem palavras ou frases capazes de descrever o que a imagem continha e também o que sentiram diante delas. O resultado do estudo é que, na

¹⁴ Jörgensen, C. Indexing images: testing an image description template. *Proceedings of the American Society for Information Science*, 33, 1996, 209-213.

¹⁵ Heidorn, P. B. The identification of index terms in natural language object descriptions. *Proceedings of the American Society for Information Science*, 36, 1999, 472-481.

¹⁶ Burke, M. The use of repertory grids to develop a user-driven classification of a collection of digitized photographs. *Proceedings of the American Society for Information Science and Technology*, 38, 2001, 76-92.

¹⁷ O'Connor, B. C. et al. User reactions as access mechanism: and exploration based on captions for images. *Journal of the American Society for Information Science*, 50, 1999, 681-697.

indexação, havia ocorrência de antonímia (o que um pensava era oposto ao que o outro via). Lancaster ressalta que:

embora o uso de termos de ‚reação‘ talvez seja útil na indexação e recuperação de imagens, pelo menos como suplemento a termos mais convencionais, descritivos, (...) é claro que teriam de ser fornecidos por uma amostra representativa de observadores, a fim de captar diferentes interpretações e pontos de vista.

Lancaster destaca também a análise de Greisdorf e O’Connor¹⁸, que concluem: “termos de consulta de base afetiva/emocional parecem ser uma categoria descritiva importante na recuperação de imagens”. A observação que Lancaster faz sobre o estudo dos pesquisadores e conclusão que chegaram diante do que observaram a partir das reações do grupo é que o emprego de determinadas palavras e a carga de reações emocionais diante de uma imagem não quer dizer que, em um ano, por exemplo, esse mesmo grupo teria reação idêntica para descrever uma imagem.

Por ser uma visão totalmente subjetiva na descrição de documentos imagéticos dentro de um estudo aplicado, Lancaster (2004, p. 232) ressalta que usuários de uma base de imagens dificilmente fariam ou solicitariam uma busca baseada em termos “afetivos/emocionais” do tipo “estou à procura de uma fotografia de árvores que sugira a ideia de ‚forte‘”, como exemplificou.

2.3 A força descritiva das palavras

Chegamos a Ornager, que pesquisou as necessidades de jornalistas na utilização de um arquivo de imagens de jornal. Enviamos um e-mail para a pesquisadora informando que havíamos encontrado referências sobre os estudos que ela realizou ao lermos Lancaster, cujo texto citado por ele referia-se à recuperação da informação e base de dados de imagens em jornal. Segundo descreve a autora (apud. Lancaster), a recuperação eficaz de imagens exige métodos baseados em conceitos e conteúdos. A parceria imagem-consulta nem sempre substitui a força descritiva das palavras (melhor para conceitos abstratos).

A pesquisadora pergunta: como seria possível criar uma imagem-consulta que representasse ‚ciúme‘? A autora, neste artigo, retrata os avanços na

¹⁸ Greisdorf, H.; O’Connor, B. C. Modelling what users see when they look at images: a cognitive viewpoint. *Journal of Documentation*, 58, 2002, 6-29.

organização do conhecimento a partir de uma experiência em um jornal da Dinamarca, estudo apresentado em uma conferência internacional ocorrida naquele país. Ela nos enviou o artigo na íntegra, mas fez uma observação: o artigo, embora escrito há cerca de 14 anos, ou seja, bem datado, é muito atual em sua essência, porque são poucas as pessoas que são interessadas ou discutem o tema indexação de imagens, mesmo hoje em dia.

Portanto, levando em conta o estudo de Ornager (1994, p. 211) e as observações que fez no e-mail¹⁹ que nos enviou, vimos que seria oportuno citar o trabalho da pesquisadora sobre fotojornalismo. A autora avaliou o seguinte: os usuários dos arquivos de periódicos são, em sua maioria, jornalistas. Embora possuam a mesma bagagem educacional, a demanda de cada um deles pode variar de acordo com a área que cobrem. A análise da pesquisadora nos mostra que os usuários podem ser classificados em cinco grupos:

1. Os que vão direto ao ponto ao solicitar uma foto, porque já sabem exatamente o que querem;
2. Os que estão dispostos a ir fundo na pesquisa e não se importam em pesquisar e escolher eles mesmos a foto;
3. Os que fazem um relato sobre a história e estão abertos a sugestões;
4. Os que entregam a história para o arquivo e desejam que o pesquisador encontre a foto, porque, afinal, conhece o arquivo melhor do que eles;
5. Os que só se preocupam com o tamanho da foto para preencher um espaço vazio na página que será publicada no jornal.

De acordo com os conceitos estudados e apresentados por Ornager, cada um dos grupos incidirá sobre certos aspectos da fotografia e, para responder as suas perguntas, é necessário levar em conta as demandas de cada usuário. Enquanto que, para um usuário, a pesquisa certamente levará mais tempo para ser concluída, por não se tratar de uma descrição muito específica do que exatamente a pessoa solicita, para outro, no entanto, exigirá menos esforços, porque, ao pesquisador, só foi pedido um tamanho específico de uma imagem, a partir de uma descrição superficial.

¹⁹ Ver Anexo 1.

As demandas dos usuários, obviamente, são diversas, a depender de qual assunto aquela pessoa vai tratar em sua página de jornal. Na maioria dos arquivos, explica Ornager, 50% das solicitações se referem a nome de pessoas, enquanto que a outra metade inclui temas; destes, 20% são considerados consultas difíceis, exigindo do pesquisador mais detalhes do usuário, a fim de encontrar a foto que ele necessita. Exemplos que podem definir essa subjetividade têm a ver com fotografias onde apareça uma imagem que demonstre solidão, pessoas deprimidas devido ao desemprego, impotência, ciúme etc.

Na nossa experiência em solicitações de fotografias nas duas plataformas do jornal A Tarde, o exemplo dado por Ornager demonstra similaridade com a realidade brasileira. As mesmas demandas dos usuários são observadas no estudo realizado no arquivo do jornal. Ao utilizarmos termos menos objetivos como os relatados acima, tanto o usuário quanto o pesquisador leva mais tempo para encontrar uma fotografia que atenda ao que se quer retratar.

Lancaster (2004, p. 235, apud Trant) também explica, assim quando relatamos os estudos de Smit, que a descrição textual permanece sendo a chave da recuperação de imagens. Para tanto, o autor destaca a necessidade de uma norma sobre como descrever imagens em base de dados.

Na indexação de imagens baseada em conteúdo, encontramos diversidade nas aplicações de recuperação. Citemos, pois, o exemplo dado, mais uma vez, por Lancaster (2004, p. 234). Quando se trata da necessidade de um usuário, o pesquisador recorre a Markkula e Sormunen²⁰.

Os autores realizaram um estudo sobre demanda de fotografias por parte de um grupo de jornalistas e concluíram: há pouca necessidade de métodos de recuperação baseados em conteúdo, mas explicam: jornalistas externam necessidades muito simples (exemplo: fotografia de objetos ou pessoas cujo nome era conhecido). No entanto, Lancaster explica que não fica claro até onde isto teria sido influenciado por limitações conhecidas na indexação do arquivo fotográfico. Neste caso, haveria falta de estrutura organizacional ou ambiguidade de temas? Podemos citar como exemplo uma simples busca de foto feita no arquivo analógico do jornal A Tarde. Ao solicitar uma foto que representasse um beijo, encontramos na

²⁰ Markkula, M.; Sormunen, E. End-user searching challenges indexing practices in the digital newspaper photo archive. *Information Retrieval*, 1, 2000, 259-285.

pasta do referido setor uma foto de Yasser Arafat²¹ beijando uma pessoa. Arafat estava “guardado” na pasta correta? Evidentemente que não. Por algum motivo, o documento foi armazenado em um local que, dificilmente, caso outro usuário solicitasse uma foto onde o ex-líder da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) aparecesse beijando alguém, outra pessoa teria a mesma sorte.

Portanto, acreditamos que buscas baseadas em conceitos continuarão a predominar sobre as exigências dos usuários em coleções de arquivos de imagens.

E é justamente por isso que as demandas menos informais exigem um método baseado em conteúdo. Porém, o ideal, aponta Lancaster, seria um sistema híbrido: busca verbal usada para recuperar imagens relevantes e estas serviriam como suporte para encontrar outras semelhantes com base em características de conteúdo. Método ideal de recuperação de imagens seria aquele que, ainda segundo os estudos de Lancaster, combinasse acesso convencional por meio de texto (termos de indexação ou narrativa descritiva) com o cotejo de imagens (comparação, confronto). Já a busca com palavras (batalha, ataque, luta) recuperaria uma imagem sobre determinado tipo de cena, que poderia ser usada como insumo para localizar outras iguais.

Para tanto, uma abordagem possível seria o tesouro visual, para armazenar imagens representativas junto com rótulos verbais - ou sem eles.

²¹ Yasser Arafat (1929-2004) nasceu no Cairo, Egito. Foi líder da Autoridade Palestina e presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), líder da Fatah, a maior das facções da OLP, anteriormente uma organização terrorista, e co-detentor do Nobel da Paz.

ISSN 1516-9117
 R\$ 1,75 [BAHIA E SERGIPE]
 R\$ 4,00 [OUTROS ESTADOS]
 ANO 98 / Nº 33-117

www.atarde.com.br
A TARDE
 FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

Salvador,
 quarta-feira,
 9 de dezembro
 de 2009
 FECHAMENTO: 22h55

CONFIRA HOJE! **PROVA APLICADA DO ENEM 2009** **HOJE: 4º CADERNO**
COMPLETA, CORRIGIDA E COMENTADA **MATEMÁTICA**
 COM 1000 PROBLEMAS COMENTADOS
CURSO ANÁLISE



Fogo destrói mata atlântica

Incêndio já consumiu 50 hectares de mata nativa do Parque Nacional do Descobrimento, em Prado, extremo sul da Bahia. O parque abriga espécies da flora e da fauna em extinção. Cinquenta e nove brigadistas combatem o fogo **BAHIA A5**

CRIMES Jovens mortos em suposto tiroteio com PMs na Baixa da Egua

Feriado violento: 13 mortes em 24 horas

Entre a noite de segunda-feira e as 19 horas de terça-feira, 13 mortes violentas foram registradas em Salvador e na região metropolitana. Constam das estatísticas dois homens, identificados como Júnior e Biel, mortos em suposto confronto com policiais militares no Engenho Velho da Federação. Em Barra do Pojuca, Mata de São João, o corpo de Ezequiel Rosa Pina, 50 anos, foi encontrado carbonizado. O feriado também foi violento no trânsito da capital. Treze acidentes deixaram nove pessoas feridas, uma delas em estado grave **SAVADOR A4**

IMPOSTO DE RENDA

Saiba como sair da malha fina

ECONOMIA B1

CORRUPÇÃO

Processos duram até 10 anos

POLÍTICA B3

CLIMA

Países em desenvolvimento protestam contra a Dinamarca

O vazamento de um texto da Dinamarca, que preside a conferência climática, recomendando limite de emissão de gases para países em desenvolvimento causou polémica. Países como o Brasil dizem que a proposta impede qualquer acordo **ESPECIAL B9**

FLAMENGO

Ex-nadadora é eleita presidente

ESPORTE CLUBE 3

SAO PAULO

Temporal para cidade e mata 6

BRASIL B5

JORNALISMO

Prêmio Esso: revista Muito entre as três melhores do País

A revista Muito, publicada no jornal A TARDE aos domingos, ficou entre as três melhores do País em criação gráfica, no Prêmio Esso 2009. A reportagem *Tinindo Trincando* optou pela estética das histórias em quadrinhos para contar a trajetória dos Novos Baianos. O trabalho vencedor nessa categoria foi o da revista Época sobre o acidente do voo 447 da Air France **ÚLTIMAS B10**



A padroeira da Bahia

Sete mil pessoas participaram da festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Bahia. Na saída da procissão, um raio de sol iluminou a imagem **ESQUENTE A9**

CLASSIAUTOS

Inovação nos freios faz Honda CBR 1000 ganhar prêmios nacionais

A Honda CBR 1000 RR Fireblade inovou com o sistema de freios ABS, solução pioneira para modelos esportivos no Brasil. Mais passado, ganhou os principais prêmios como moto esportiva 2009 **10**

CADERNO 2 +

Revólver vira tema de exposição contra a violência

A exposição 2.234, que será aberta amanhã, no Casarão, pretende transformar o revólver em símbolo de não violência. O título da mostra refere-se aos mortos por arma de fogo na RMS em 2008 **1, 4 e 5**



João compôs músicas para ajudar na venda de camarões

PERSONAGEM

João do Camarão faz sucesso há 10 anos na Praia do Porto da Barra

O ex-taxista João Arnaldo Oliveira Soares ganhou fama e bom padrão de vida ao se transformar no João do Camarão, que há dez anos vende espetinhos nas areias do Porto da Barra. Ele e seus 10 ajudantes comercializam 600 tira-gostos por dia. João também vende CDs com músicas que compôs **ESQUENTE A8**

FOGO NO MINI PREÇO

Desabrigados por incêndio estão vivendo em motel em Amaralina

Vizinhos do supermercado Mini Preço, cujas casas foram afetadas pelo incêndio no estabelecimento, estão abrigados no Hotel Milênio, que funciona como motel, em Amaralina. Rosana Almeida, 41 anos, diz que está tendo dificuldades para se adaptar e que não sabe qual será o seu destino **SAVADOR A7** **EDITORIAL A3**

Existe melhor exercício para reviver o passado que a apreciação solitária de nossas próprias fotografias? A experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo, retratado por ocasião das mais corriqueiras e importantes situações de seu passado, leva à reflexão que tem a fotografia na vida das pessoas
Boris Kossoy

3 FOTOGRAFIA: A MAIS COMPLEXA TRADUÇÃO

A fotografia, quando vista em um ambiente como o de uma empresa jornalística, como é o caso do nosso estudo, requer uma observação mais atenta, porque se trata de fotorreportagem, registro documental e informação captada diariamente pela câmera. Por isso, observamos a pertinência de citar, dando inicialmente e em um quadro mais amplo de compreensão, Sontag (2007, p. 15), que analisa a fotografia como fenômeno de civilização e legítima representante da cultura contemporânea. A estudiosa apresenta uma reunião de ensaios sobre o tema e aponta a fotografia como um elemento social inserido em determinados contextos socioculturais e históricos.

A fotografia é analisada não somente como técnica, ainda que esta também se encontre relacionada a determinadas descobertas que tiveram sua época e mentores (ou seja, inserida no tempo/espaço). A autora apresentou relevância a este trabalho ao analisar a imagem não apenas como arte inserida no cotidiano, mas também aprofundadas reflexões sobre a fotografia como documento e notícia.

Enquanto objeto impresso, frisa a autora, em seu estudo, perde muito da sua essência, da realidade a que esteve inserida. Podendo ser, posteriormente, reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas e adulteradas, além de caírem nas mãos do tempo e sofrerem com a ação inexorável do desgaste, uma fotografia em papel “se solta à deriva num passado flexível e abstrato, aberto a qualquer tipo de leitura” (SONTAG, 2007, p. 86). É como se a foto acarretasse certo favorecimento à realidade, como se o mundo, diz Sontag (2007, p. 95) fosse trazido lá de fora para dentro das fotos.

A pesquisadora faz uma leitura sobre as informações contidas nas fotografias e que são essenciais para recuperação da história. Segundo Sontag (2007, p. 33):

toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio. A sabedoria suprema da imagem fotográfica é dizer: „Aí está a superfície. Agora, imagine – ou, antes, sinta, intua – o que está além, o que deve ser a realidade, se ela tem este aspecto’. Fotos, que em si mesmas nadam podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia.

Sendo a autora referência em estudos históricos e documentais sobre fotografia, a estudiosa mostrou que, a despeito de nosso conhecimento de mundo,

da nossa capacidade de interpretar informações textuais e imagéticas de maneira distinta, o que é, de fato, um atributo inerente ao ser humano, Sontag (2007, p. 109) afirma: “Toda foto é um pedaço do mundo, significa que não sabemos como reagir a uma foto (...) antes de sabermos qual parte do mundo é aquela”.

Ainda segundo a autora, a fotografia também é representada como sinônimo de uma relação superficial com o passado, um instrumento de memória, conforme cita Sontag (2007, p. 181). Teria o “poder”, inclusive, de fazer com que as fotos fossem consideradas apenas como uma invenção bem-vinda que permitisse satisfazer a um desejo imediato – registro familiar, nascimento de um filho ou o preenchimento de nossos álbuns pessoais. A autora dá como exemplo ainda um retrato emoldurado na parede, que desperta no observador a possibilidade de abrir janelas e memórias afetivas. Todavia, essa relação com a fotografia - enquanto possibilidade de um mero registro de fundo emocional – apresenta contornos mais complexos quando se trata de “ver” muito mais do que a singularidade que o tema remete.

Olhando a partir de determinada “janela” para creditar o pertencimento de uma foto, Barthes (1984, p. 26-27) retoma o modo como a fotografia transforma sujeito em objeto. O pesquisador amplia, portanto, a compreensão dos sistemas e significados que se repetem e estão em interação entre o imaginário e o que se observa enquanto *spectator*. Barthes (194, p. 49) diz:

Como a Fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre *alguma coisa* que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão -, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico.

Assim, Barthes estabelece uma correlação entre dois processos óticos de reprodução da imagem: a câmara clara (imagem copiada pelo homem); e a câmara escura (reproduzida mecanicamente, sem a interferência humana). O autor também traz luz e entendimento acerca da descrição da imagem fotográfica – mais especificamente a representação do real (processo descritivo, imagem objetiva) – e de que maneira são feitas as interpretações da imagem (o processo interpretativo, imagem subjetiva).

O processo interpretativo das imagens – especialmente as que são publicadas em um jornal – tem um peso significativo na linha de pesquisa deste

trabalho. Barthes (1984, p. 40) também analisa o como “sentimos”, “tocamos”, “olhamos” e “pensamos” uma fotografia partindo do primeiro olhar. Sensações que levam a uma série de perguntas, como a imagem captada pelo repórter fotográfico do jornal: é a mesma que lhe foi sugerida na pauta do dia? Como é vista essa fotografia? O que ela transmite? Como nos toca? De que maneira foi interpretada? O que a legenda da foto publicada no jornal diz ou quer passar, de fato, ao leitor?

São questões que remetem a decisões e, por que não dizer, a sentimentos – estes, por sinal, um motivador de manchetes e destaques na edição diária, na medida em que servem como apelo midiático. Barthes (1984, p.40), inclusive, reporta esse pensamento a partir de uma experiência relatada em seu livro:

Eu folheava uma revista ilustrada. Uma foto me deteve. Nada de muito extraordinário: a banalidade (fotográfica) de uma insurreição na Nicarágua: rua em ruína, dois soldados com capacete em patrulha; em segundo plano, passando duas freiras. Essa foto me agradava? Me interessava? Me intrigava? Nem mesmo isso. Simplesmente, ela existia para mim.

O que Barthes nos apresenta remete a um estudo analisado ao longo desta pesquisa e que serviu de recorte e embasamento para entender como são tratadas as fotografias em plataformas imagéticas de jornal, tanto analógica como digital. Para tanto, e seguindo a reflexão que esbarra no olhar questionador, e, ao mesmo tempo, que transmita um sentimento, conforme mostra Barthes em seu estudo, fotografias de conflitos bélicos podem servir de exemplo para esse exercício. Por meio dos estudos de Barthes, é possível refletir acerca do tema e de que maneira as fotos que tocam nessa ferida da sociedade são retratadas e compreendidas para posterior tratamento nas plataformas informacionais.

Voltamos a Sontag (2005, p. 20-21), porque a autora também questiona “a consciência do sofrimento”, algo construído, sobretudo na forma, como ela diz, em que as câmeras registram. Seria, portanto, a capacidade de “traduzir” o apelo emocional, algo estabelecido, sobretudo na forma. Na foto, enquanto explode o sofrimento e é compartilhado por muitas pessoas, o mesmo vulcão de raiva e indignação torna a aplinar a dor. “Ao contrário do relato escrito (...), uma foto só tem uma língua e se destina potencialmente a todos” (SONTAG, 2005, p. 21).

Para que seja possível compreender qual relação essa força do “recordar” a fotografia carrega e que “fere mais fundo” (SONTAG, 2005, p. 23), de acordo com a autora, a experiência maior estaria registrada nas plataformas analógica e digital de

jornal. Para Sontag, “a foto é como uma citação (...). Cada um de nós estoca, na mente, centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente”.

Olhando para essa direção, poderíamos exemplificar assim: imaginemos que vamos solicitar junto aos profissionais de pesquisa de fotografias das plataformas de dados imagéticos uma foto que se refira à guerra do Vietnã. Vamos precisar de uma foto que identifique um momento marcante do conflito. O que viria imediatamente a nossa mente? A imagem da menina correndo, em desespero, após ser atingida por uma bomba de napalm? O soldado que executa, diante da câmera, um prisioneiro? Como a nossa memória visual nos ajudaria a nos aproximar do tema? De que maneira e em qual nível de precisão poderíamos nos referir a esses momentos tão marcantes da história? Queremos mostrar a dor do outro, mas, para visualizá-la, vamos buscar elementos que possam recuperar essa informação de maneira rápida e eficiente. Não é tarefa fácil.

Imaginemos a cena: “Por favor, preciso de uma foto do Vietnã daquela garotinha correndo após ser atingida por bomba de napalm”. E se o nosso pesquisador desconhecer o que seria uma bomba de napalm ou, pior, nem tenha a menor ideia do que seja tal foto? Guerra do Vietnã. Ataque norte-americano com bombas de napalm atinge aldeia. Em 1972, a foto de Hung Cong Ut ganhou mundo ao retratar a menina Kim Phuc (centro) correndo nua com o corpo queimado:



Figura 3 - Guerra do Vietnã
Fonte: Ten Photographs, set., 2009

Como observa Kossoy (2007, p. 146-147), o surgimento da fotografia fez disparar também uma máquina do tempo, porque se tem ali registrada a imagem, porque nela se mostra a realidade, principalmente quando ultrapassa a barreira iconográfica, como a citada anteriormente e a que mostramos a seguir:

Guerra do Vietnã. Vietcongue sendo executado em Saigon, 1968. Foto de Eddie Adams, da Associated Press²², ganhador do Prêmio Pulitzer. Adams disse: “O general matou o vietcongue. Eu matei o general com minha câmera”.

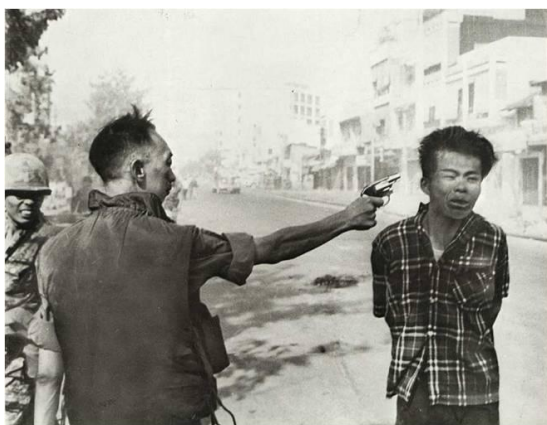


Figura 4 - Guerra do Vietnã

Fonte: No Caption Needed, jan, 2010

Nessa linha, o estudo histórico da fotografia feito por Barthes – o da interpretação (iconologia), mostrando o papel da fotografia enquanto memória e a releitura que se faz da imagem - vai ao encontro do que é apresentado por Sontag (2005, p. 23), que analisa a intersecção do que é notícia, arte e a representação da imagem publicada em jornais, sobretudo quando retrata a “dor dos outros”, em milhares de ângulos, em guerras e conflitos. Segundo Sontag:

(...) numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de apreender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio. Cada um de nós estoca na mente centenas de fotos, que podem ser recuperadas instantaneamente.

De fato, ao se buscar na memória imagens em revistas, livros, jornais ou até mesmo na internet, as que carregam impacto visual são as que remetem a

²² A Associated Press (AP) é uma agência de notícias internacional, com sede em Nova York. Disponibiliza informações em todas as mídias e formatos. Fundada em 1846, fornece também notícias em tempo real aos assinantes de seu conteúdo. A AP recebeu 49 prêmios Pulitzer, e também tem 30 Pulitzers na categoria fotografia, mais do que qualquer organização de notícia.

situações de fundo emocional, as que retratam guerras, atentados, vítimas, execuções e acidentes. Sontag aponta para esta direção e reforça o papel da imprensa enquanto mídia formadora de opinião e o impacto que representa no cotidiano das pessoas. “A caçada de imagens mais dramáticas (como, muitas vezes, são definidas) orienta o trabalho fotográfico e constitui uma parte da normalidade de uma cultura em que o choque se tornou um estímulo primordial do consumo e uma fonte de valor” (SONTAG, 2005, p. 23).

Na abordagem teórica sobre recuperação da informação descrita por Kossoy (2003, p. 17-19) discute a questão da fotografia como um elemento que carrega informações visuais de um fragmento do real, o que já traz uma organização estética e ideológica. Todavia, o estudioso alerta sobre a emblemática representação da fotografia enquanto documento histórico e resgate de conhecimento de uma cena passada. Ao descortinar as inúmeras possibilidades teóricas e metodológicas, o autor cerca o tema complexo que vem a se configurar dentro do estudo histórico da fotografia.

Segundo o estudioso, fotos – os fragmentos do mundo - não reconstituem os fatos do passado; lida-se, assim, com fragmentos desconectados. Kossoy (2003, p. 29) analisa alguns pontos básicos para entender o impacto que a fotografia provocou desde o seu surgimento. Mais importante, porém, enfatiza o autor, seria o tratamento que foi dado a ela ao longo do tempo.

Kossoy também faz um alerta: a fotografia, em tempos tão visuais e instantâneos ora vivenciados, ainda não alcançou em sua plenitude o status de documento. E ressalta: “(...) no sentido tradicional do termo, sempre significou o documento escrito, manuscrito, impresso na sua enorme variedade” (KOSSOY, 2003, p.28).

Portanto, não basta simplesmente a tomada de decisão para que uma plataforma imagética ganhe investimentos em tecnologia e profissionais especializados para tratar as informações imagéticas que necessitam de imediata atualização. Devemos, contudo, observar o que diz Kossoy:

As instituições que guardam este tipo de documento devem perceber que, à medida que esta se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e, portanto, menos úteis serão ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções.

Kossoy (2003, p. 32) credits ao documento fotográfico um papel de destaque nunca antes alcançado, mas que, nas últimas décadas, tem sido tratado de forma diferenciada, talvez buscando o entendimento necessário para resguardar conhecimento. De acordo com o historiador, são as imagens documentos insubstituíveis cujo potencial deve ser explorado. Seus conteúdos, entretanto, jamais deverão ser entendidos como meras ilustrações ao texto. As fontes fotográficas jamais deixarão de abrir novas possibilidades de investigação e descobertas, pois são fontes inesgotáveis de informação visual.

O caminho mais apropriado seria, segundo o autor, sistematizar essas fontes fotográficas, estabelecendo metodologias adequadas de pesquisa e análise para a decifração de seus conteúdos e, por consequência, da realidade que os originou. A informação visual ganharia muito mais do que manchetes estampadas em jornais. Seria elevada à categoria de registro do que já foi escrito e fotografado.

Por isso, e, em função do volume de informações imagéticas que, em grandes bases de dados, como a de jornais, só tende a crescer, especialmente quando publicado, Kossoy (2003, p. 42) observa que o objeto-imagem - nomeado pelo autor como de primeira geração, o original - é, em sua essência, um objeto museológico. Teríamos que, irremediavelmente, focar na importância do produto, além do valor histórico intrínseco. A propósito dessa teoria, o autor destaca o que poderíamos observar mais adiante como a “segunda geração” – que recai na produção da imagem nos mais variados meios de publicação. De objeto museológico, a fotografia passaria, então, a ser “um instrumento de disseminação da informação histórico-cultural”.

Lança-se, portanto, um questionamento: por que as empresas que lidam diariamente com documentos imagéticos não compõem uma base necessária para a organização de arquivos sistematizados de imagens? O custo para manter atualizada essa base de dados seria um dos entraves, mas, conforme aponta Kossoy, são. “(...) iconotecas destinadas a preservar e difundir a memória histórica. Por isso que a multiplicação da informação abre espaço também para que a fotografia alcance uma função social maior, opinião defendida pelo estudioso e que aqui abraçamos, apoiados na experiência diária em lidar com as plataformas de dados imagéticos do jornal. Trata-se, sobretudo, de aprimorar conhecimento, para que não se percam, porque Kossoy (2003, p. 156) nos diz:

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. (...) De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido. Os assuntos registrados nesta imagem atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos em lugares desconhecidos.

Voltando à procedência e trajetória do documento fotográfico, em um esforço contínuo para compreender suas origens, é importante observar que não basta simplesmente “olhar” e apontar erros e acertos. Kossoy (2003, p. 74-75) vai mais longe ao verificar os caminhos percorridos pela imagem que se busca ser resgatada e, assim, fazer com que o usuário seja bem-sucedido na busca. Não apenas ele terá condições de interpretar e determinar, com certa imparcialidade, a origem do documento, como também resgatará informações essenciais – se tal documento está sem data, se está armazenada em local incorreto, se as poucas informações que guardam são errôneas ou imprecisas e, o que é pior, inexistentes.

Kossoy ressalta, porém, que o fato de determinadas imagens consultadas carecerem de dados que tragam luz a sua origem e história não fazem delas pedaços de papel completamente perdidos. Ao contrário do que possa parecer, “elementos para o estudo da procedência da fonte poderão ser obtidos através dos diferentes critérios sugeridos na etapa da heurística”.

Não é possível supor que uma fotografia basta-se por si mesma. Abdicar do signo escrito, segundo Kossoy (2003, p. 78), enquanto processo de conhecimento, é um engano. Kossoy (op cit. Jean Keim) ressalta: se a foto é julgada como um documento se deseja apresentá-la como tal, a informação sobre o documento é tudo. Mesmo assim, muitos consideram que a foto já diz tudo. A depender do destino reservado ao documento imagético – educativo, informacional ou até mesmo para um trabalho de pesquisa –, tudo o que for possível abarcar como informação não deve, jamais, ser dispensado.

Ao analisarmos o conteúdo escrito nas imagens em ambas as plataformas (analógica e digital) para posterior indexação, ainda tomando como parâmetro as plataformas de dados imagéticos aplicados a um arquivo de um jornal, podemos afirmar que é possível encontrar uma série de dados que não contemplam um padrão descritivo que nos ajudasse a entender que critérios foram adotados para indexar as fotos. Não que a intenção fosse a de avaliar a qualidade do método

adotado ao longo dos anos em uma empresa de comunicação.

É imprescindível, para um estudo sobre fotografias e o tratamento dado a elas, examinar cuidadosamente as imagens em busca de informações escritas, como bem observou Kossoy (2003, p. 86). O estudioso cita desde nomes de ruas, cartazes afixados nas paredes anunciando certo acontecimento, enfim, qualquer indício que possa esclarecer a origem do documento. Qualquer dado é útil para determinar a origem da foto e até mesmo o autor dela. É o que Kossoy (2003, p. 87) intitula como cruzamento de informações:

Somente pelo contínuo cruzamento de informações existentes (implícitas e explícitas) nos caracteres externos e internos do objeto-imagem poder-se-á determinar com precisão os componentes do processo que geraram essa fonte histórica. Qualquer que seja a fotografia a ser submetida ao exame técnico-iconográfico, a inter-relação entre os caracteres externos e internos deve ser constantemente realizada

Em uma redação de jornal, até a obtenção da imagem final, um repórter fotográfico terá de tomar inúmeras decisões, mesmo que ele saia munido de material básico para a realização da tarefa de registrar um acontecimento a que foi previamente pautado. É o que nos diz Kossoy (2003, p. 113), por mais isento que o profissional for à interpretação do conteúdo fotográfico, o passado, inevitavelmente, será visto de acordo com o que o fotógrafo interpretou, pois ele poderá optar por um determinado aspecto para a abordagem do conteúdo.

Entre o assunto e sua imagem que se torna viva, uma série de interferências atravessou o caminho do clique, a ponto de até alterar a informação que o fotógrafo teve em primeira mão. “(...) tal fato é particularmente observado no fotojornalismo impresso, cujas imagens, uma vez associadas ao signo escrito, passam a „orientar’ a leitura” de quem comprou determinado jornal e escolheu um assunto de seu interesse. Interessante a observação de Kossoy (2003, p. 114), que vê o documento visual como testemunha do trabalho do fotógrafo enquanto filtro cultural. A fotografia, de qualquer modo, será sempre uma interpretação.

Analisar uma fotografia é, de fato, ter pela frente outra realidade: observar e contextualizar no mundo a fonte imagética reforça a ideia de que se está diante de um documento, sim, mas do instante contínuo, nele contido um registro visual, informações multidisciplinares e, sem pestanejar, mostrando o seu passado. Pensando nisso, Barthes (1984, p. 127) relata algo muito simples de se entender sobre a metafísica de uma imagem. Para o estudioso, a fotografia “não fala *daquilo*

que não é mais, mas apenas com certeza *daquilo que foi*”. E a essência da fotografia tem por princípio ratificar o que ela representa, ressalta Barthes (1984, P. 127).

Kossoy (2002, p. 42-43) faz um estudo sobre imagem fotográfica e sua importância como documento/representação. A reflexão que o pesquisador dá prosseguimento nos leva ao que denomina como “tramas e realidades” a serem interpretadas em dimensões plurais: a do fotógrafo, a do fotografado e, também, aquele que a vê.

Um bom exemplo deste instante mágico que se traduz, cientificamente, como processo de construção da interpretação, que, segundo Kossoy (2002, p. 44), se funde na evidência fotográfica e “que é elaborado no imaginário dos receptores” é o que se segue, mas poderíamos elencar milhares de outros. Este é um dos mais atuais e remonta ao nosso objeto de pesquisa e ao que Kossoy se refere, como mostramos a seguir:



Figura 5 - Capa de uma edição do Caderno 2+ do jornal A Tarde
Fonte: A Tarde, 26/10/2010

Nesta página publicada pelo jornal A Tarde, identificamos o que Kossoy traduz como *construção da interpretação*: é o olhar do leitor, o olhar de quem estaria “em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos”.

Receber e interpretar a imagem que ora damos como exemplo nos faz pensar que carregamos e construímos imagens mentais a todo instante, queiramos ou não. No momento em que esta imagem foi registrada, temos como referencial as informações básicas do registro jornalístico aqui descrito: trata-se da abertura de uma exposição de arte, com foco no trabalho do artista francês Rodin. Peças do escultor chegaram a Salvador e ficarão na cidade por três anos. Compõem a mostra moldes originais feitos em gesso pelo artista. Os valiosos objetos poderão ser vistos pelo público no Palacete das Artes, situado no bairro da Graça.

Essas são as informações básicas extraídas do texto da página. Todavia, o que de mais impactante é possível perceber além da notícia? O repertório cultural particular de cada um. E, como diz Kossoy (2002, p. 44), a depender dos estímulos que uma imagem pode nos proporcionar, teremos um comportamento diferente, e, inevitavelmente, reagiremos de forma distinta. Segundo Kossoy, o que determinada imagem causar em nosso ser, sem que percebamos, estaremos interagindo com ela – “(...) num processo de recriação de situações conhecidas ou jamais vivenciadas”.

Reinterpretando a imagem, o leitor, obviamente, observa também a imagem. Tenta recriar mentalmente o que o fotógrafo viu ao clicar o instante em que o operário, cuidadosa e expressivamente, foca seu olhar na peça “O Beijo”²³. O que o funcionário do museu quer nos dizer com aquele olhar? Admiração, zelo ao objeto, curiosidade e certa emoção por estar tão próximo daquela secular escultura? Em que medida a obra o emociona, o toca ou o instiga? São esses os significados captados naquele instante? Por outro lado, teria o fotógrafo “pedido” ao funcionário que olhasse para a peça, para que pudesse captar aquele encontro? Não teria, nesse caso, o olhar do repórter fotográfico “imaginado” uma cena e a produzido para que pudéssemos entendê-la como uma interpretação conveniente? Quem

²³ *O Beijo* é uma escultura que ganhou vida própria, mas faz parte da *Porta do Inferno*, objeto de arte de proporções colossais idealizado pelo artista francês Auguste Rodin, em 1880. Museu Rodin, Paris.

responde é o pesquisador Kossoy:

A imagem fotográfica, com toda a sua carga de “realismo”, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro (expressivo) da aparência... fonte, pois, de ambigüidades

Por isso mesmo, Kossoy (2002, p, 46-47) defende a ideia de que a imagem fotográfica, para quem a vê (receptor), ultrapassa o fato que representa. São contínuos processos de construção de realidades. A realidade passada é, segundo o autor, fixa, imutável, irreversível, e se refere ao assunto ora retratado, sem deixar de citar também a produção da representação. Já o registro criativo do assunto seria a própria fotografia, a segunda realidade, que nos leva ao conceito documental do objeto. Embora seja fixa e imutável, carrega o peso de múltiplas interpretações. É o que Kossoy nomeia como um “fascinante processo de construção de realidades”. Vamos a dois exemplos clássicos da História:

Segunda Guerra Mundial, ilha de Iwo Jima, Japão, 1945: foto de Joe Rosenthal, que flagrou o instante em que soldados americanos ergueram a bandeira dos Estados Unidos na ilha japonesa. Imagem representa o poder norte-americano e um marco na propaganda ideológica de Tio Sam²⁴. Com esta foto, Rosenthal ganhou o Prêmio Pulitzer.

²⁴ Tio Sam é uma personificação nacional dos Estados Unidos. A ideia tomou forma em 1812. Segundo consta na história, Tio Sam teria sido uma criação de soldados americanos no norte de Nova York. Os soldados recebiam barris de carne com as iniciais U.S (United States, que significa Estados Unidos, em português) estampadas. Teriam brincado com a ideia de as iniciais US significarem Uncle Sam (Tio Sam), uma espécie de referência ao proprietário da companhia fornecedora de carne, Samuel Wilson. Com o tempo, o apelido se tornou tão popular que até que uma revista americana o teria batizado como simbolo americano. Em 1870, o cartunista Tomas Nast desenhou oTio Sam dos americanos, e, ao que tudo indica, há quem credite a fisionomia dele com o rosto de Abraham Lincoln, considerado um herói nacional. Em 1917, o artista James Flagg acrescentou um dedo em riste ao desenho de Tio Sam, contendo a seguinte frase: “I Want You” (que, em português, significa:“Eu Quero Você”), que havia sido encomendado pelas Forças Armadas Americanas, a qual recrutava soldados para a Primeira Guerra Mundial. Posteriormente, na Guerra do Vietnã também. Nota da autora: algumas informações foram extraídas do endereço <http://www.brasilecola.com/geografia/tio-sam.htm>.



Figura 6 - Segunda Guerra Mundial
Fonte: SFGate.com, ago., 2006

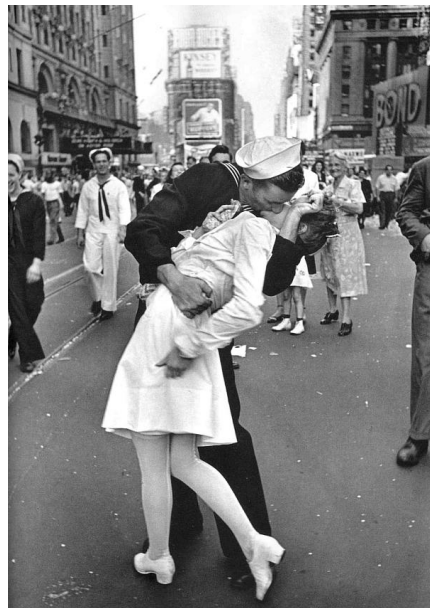


Figura 7 - Segunda Guerra Mundial
Fonte: The Digital Journalist

A famosa fotografia que identificamos na Figura 7, que ficou conhecida como “O beijo da vitória”, sela o final da Segunda Guerra Mundial. Flagrante do fotógrafo Alfred Eisenstaedt, na Times Square, para a revista Life, em Nova York, no dia 14 de agosto de 1945.

Levanta-se, assim, a história particular que Kossoy relata em seus estudos. O que se vê, portanto, são imagens representativas de um tempo. Porém, ao se olhar à margem da realidade do que elas foram, podemos reinterpretar conforme “sentimos”, em um contínuo e interminável processo de construção e criação de novas realidades. A foto captada pelas lentes de Joe Rosenthal poderia representar um sentimento de amor à pátria, em uma campanha publicitária que remetesse a uma data festiva norte-americana, por exemplo. Já “O beijo da vitória”, de Alfred Eisenstaedt, estaria aberta a milhares de interpretações, como, de fato, tem sido ao longo de décadas.

Não seria o caso de “aproveitar” esta mesma imagem para ilustrar uma campanha publicitária para o Dia dos Namorados? Não poderíamos interpretar o beijo apaixonado como o melhor presente para o ser amado? E se, igualmente, a foto tivesse sido produzida pelo fotógrafo, como um pedido ao casal que por ali passava?

Uma única imagem reúne, em seu conteúdo, uma série de elementos icônicos que fornecem informações para diferentes áreas do conhecimento: a fotografia sempre propicia análises e interpretações multidisciplinares. (KOSSOY, 2002, p. 51)

Kossoy (2002, p. 47) propõe analisar o conflito constante entre o que vemos e o que é invisível aos nossos olhos, mas carregado de lembranças pessoais (emocionais) ou fragmentos de referências contínuas a que somos, involuntariamente, submetidos ao longo de nossas vidas.

O que se estabelece, nessa dicotomia de ininterruptos sentimentos, é uma “*tensão perpétua*”: o espírito do receptor se vê diante de uma imagem fotográfica e elabora códigos imagéticos para representá-las, como mostra o quadro abaixo elaborado por Kossoy para ilustrar os mecanismos internos de produção e recepção de imagens:

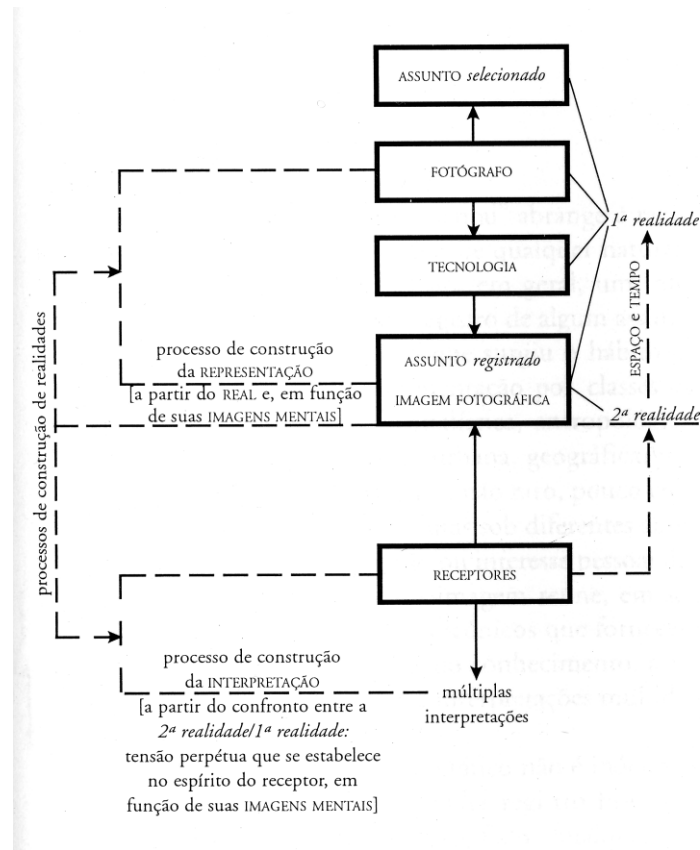


Figura 8 – Mecanismos internos da produção e da recepção das imagens – processo de construção de realidades
 Fonte: KOSSOY, 2002, p. 49

Portanto, na construção de realidades, no que tange à elaboração do signo fotográfico, a análise de Kossoy reflete a importância da criação documental de uma realidade, a que se enxerga como concreta. Porém, é representação e carrega o peso de conflitar com a realidade material, a que Kossoy reporta como objetiva. Neste momento, chegamos à importância da indexação, que seria, nesta edificação descritiva da palavra, o subjetivo da fotografia, porque entendemos que o confronto de realidades no processo de construção da interpretação se estabelece, conforme o quadro apresentado por Kossoy, e remete a múltiplas interpretações. Portanto, com essas inquietações, seguimos para a pesquisa de campo.

4. UMA PESQUISA DE CAMPO SE INICIA

4.1 A identificação dos documentos

Em abril de 2008, iniciamos uma visita mais detalhada ao arquivo de fotografias do jornal A Tarde. O sentimento maior foi de curiosidade e muitas questões nos vieram à cabeça. Por onde pesquisar? O que gostaríamos de enfatizar nos nossos registros? Onde encontraríamos as perguntas que nos inquietavam? Teríamos respostas para elas? Na época em que começamos a pesquisa de campo, a equipe que cuidava da organização e manutenção dos documentos na plataforma analógica do jornal era formada por Indaiá Magalhães, coordenadora do setor, e três profissionais responsáveis pelo arquivamento das fotos: Rubens Coelho, Valdir Ferreira e Renato Martins.

Tivemos o cuidado, em nosso estudo de campo, em formular algumas perguntas, mas já sabendo, de antemão, quais seriam as respostas. Foram perguntas-chave, do tipo: há quanto tempo vocês trabalham aqui mesmo? A rotina de trabalho mudou muito desde que os computadores foram instalados? Os funcionários da redação costumam requisitar muitas pesquisas de fotografias?

Entre uma pergunta e outra, fizemos questão de frisar que os questionamentos nos ajudariam a entender melhor o trabalho deles naquele departamento e o modo como as fotos estavam arquivadas. Queríamos deixar claro que nossa vontade era conhecer melhor o espaço em que trabalham e onde recebem os consulentes e usuários.

A história do arquivo do jornal instalado na nova sede da empresa, hoje no bairro Caminho das Árvores, remonta os anos 1970, conforme relata Ramos (2009, p.21):

O Arquivo A Tarde é um centro de documentação rico, mas ainda pouco explorado mesmo pelos profissionais da Redação do jornal. Estima-se que lá estão armazenadas cerca de 100 mil pastas, englobando as que contêm textos e fotografias. A organização do departamento, que é chamado de Arquivo, começou em 1975. Formada em História, Indaiá Magalhães, a atual diretora do setor, foi convidada pelo redator-chefe de A Tarde na época, Jorge Calmon (1915-2006), para organizar o material de pesquisa que o jornal possuía. Até então, segundo a diretora, não existia um sistema de catalogação funcionando na empresa. O material ficava guardado em uma sala, mas sem nenhum tipo de sistematização para pesquisa. Quando ela foi convidada, em 1975, para assumir a organização do acervo, a sede do jornal tinha acabado de ser transferida da Praça Castro Alves, no Centro da cidade, para a sua atual sede no Caminho das Árvores. O local onde

eram guardadas as fotografias demorou quase um ano para sair do antigo endereço, o que acabou produzindo a perda do arquivo de clichês, placas de chumbo que eram utilizadas para a reprodução das imagens nas páginas do jornal.

O arquivo instalado na sede do Caminho das Árvores, originalmente, era em outro andar do jornal. Há pouco mais de dez anos, estava instalado próximo à Redação. Devido à crescente demanda de material fotográfico e de outros documentos, o jornal viu a necessidade de mudança para um local maior, no piso térreo da empresa. A sala onde hoje abriga o atual Centro de Documentação (Cedoc) era o espaço onde antes havia um refeitório.

- **O espaço físico**

O ambiente era composto por um balcão de entrada, quatro mesas de escritório e dois computadores, um deles instalado na mesa da coordenadora. Havia duas impressoras. Os computadores estavam ligados em rede e permitiam que os funcionários do departamento executassem as principais tarefas diárias, como acessar e-mails, checar informações, digitalizarem documentos etc.

No canto direito da sala, havia uma pequena estante com algumas mídias (CDs com documentos digitalizados). Um armário de ferro ocupava a parte lateral direita do arquivo. Alguns jornais do dia – os principais do País e da cidade, bem como revistas de grande circulação nacional - são enviados para o arquivo, que têm a responsabilidade de distribuí-los aos editores e dirigentes do grupo.

Recentemente, o arquivo passou por uma ampla reforma no espaço físico, que levou cerca de um pouco mais de um ano para ser concluída. O propósito dessa reformulação tem por objetivo abrigar o Centro de Documentação da empresa.

Ramos²⁵, repórter especial de A Tarde, foi a primeira pesquisadora a ter acesso à plataforma analógica de fotografias da empresa. Recentemente, concluiu sua dissertação de mestrado que versava sobre a representação imagética das religiões afro-brasileiras, cuja documentação esteve por décadas armazenadas no arquivo do jornal sem nunca terem sido analisadas. Tivemos acesso ao trabalho da estudiosa e obtivemos algumas informações sobre a atual organização do Centro de Documentação do jornal. Em sua pesquisa, entrevistou o coordenador do Centro de

²⁵ RAMOS, Cleidiana Patrícia Costa. **O Discurso da Luz** (Imagens das Religiões Afro-Brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde). Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2009.

Documentação do Grupo A Tarde (Cedoc) da empresa, Maurício Villela, profissional que já trabalhou no desenvolvimento de novas estruturas midiáticas para abrigar importantes documentos de jornais como Jornal do Brasil e O Globo, ambos com sede no Rio de Janeiro. Conforme revelou Ramos (2009, p. 24), em conversa com o coordenador e que também tivemos o cuidado de realizar, para entendermos como seria feita a digitalização dos documentos.

Porém, antes de a nova estrutura ficar pronta, o que ocorreu no começo de 2010, tivemos que percorrer os caminhos que nos levariam às primeiras pastas que guardavam todo o material fotográfico do jornal. As estantes que formavam a área de armazenamento do arquivo para guardar caixas, pastas ou envelopes – o que denotava uma falta de padronização para embalagens - eram organizadas por estantes de ferro com dupla face, cada uma com nove prateleiras e capacidade para armazenar, em média, dez pastas, feitas de envelope pardo grande, cortado ao meio. Os envelopes eram guardados em pastas plásticas transparentes, azuis ou verdes, do tipo classificador. Em algumas prateleiras, havia apenas o armazenamento em papel pardo. Um dos funcionários explicou que eram abertos²⁶ de 50 a 80 assuntos (pastas) por semana.



Figura 9 - Imagem mostra uma das prateleiras do arquivo, com suas pastas

Foto: Regina de Sá, 27/10/2008

²⁶ Jargão utilizado pelo funcionário do arquivo para identificar as pastas de fotografias com novos assuntos.

correspondia à classificação, enquanto que os fichários estavam organizados em ordem alfabética por assunto.

Mas havia falhas nesse roteiro. Um caso exemplar pode ser ilustrado com o assunto Esporte, que é um dos temas com a maior quantidade de fotos armazenadas. As pastas que guardam as imagens iam do número 0 a 500, enquanto que, no fichário aparecia o nome principal da pessoa/lugar ou, na expressão comum no jornal, o “nome de guerra”, como Garrincha²⁷.

Se quiséssemos afunilar a busca por, por exemplo, Garrincha, encontraríamos uma pasta exclusiva referente a esse jogador. Isso ocorreu, como explicou um dos funcionários antigos, porque essa separação só foi feita depois que o jogador passou a ganhar notoriedade nacional e internacional, pois, antes, o material a ele referente compartilhava espaço em pastas que continham outros esportistas. Esse critério para o desdobramento temático decorreu dos próprios funcionários em vista da procura por determinados assuntos, valendo também para nomes de pessoas, lugares, acontecimentos etc. ou certas cidades baianas, como Feira de Santana, cidade de grande porte no Estado.

O destaque para a cidade advém de sua importância regional, e também pela presença de um repórter e um fotógrafo na sucursal o que abriu maiores possibilidades para registrar fotos e fatos com notoriedade, diferentemente do que acontece em um município onde a empresa carece de um correspondente. Por essa razão, o volume de imagens sobre a cidade é maior, fazendo com que se abrissem pastas exclusivas.

O método adotado para registro e armazenagem das fotos prossegue em outros assuntos e temas, e, caso houvesse a necessidade de expandir com temas afins, a solução encontrada pelos funcionários - já que a questão espaço passou a ser um grande problema naquele setor - é ir “juntando” assuntos em pastas individuais. Por exemplo: uma pessoa da redação poderia requisitar uma pasta que contivesse fotos de “lustres de cristal” e encontrar armazenada outra contendo fotos de assunto totalmente diverso, como “trio elétrico”, por exemplo, demonstrando que o arquivo cresceu sem uma devida política de tratamento, organização e mesmo com diretrizes para uma política de informação com vistas ao usuário.

²⁷ Manuel Francisco dos Santos, o Mané Garrincha ou Garrincha (1933-1983), jogador de futebol. Garrincha - O Anjo de Pernas Tortas - foi um dos heróis da conquista da Copa do Mundo de 1958 e, principalmente, da Copa do Mundo de 1962 quando, após a contusão de Pelé, se tornou o principal jogador do time brasileiro.

O sistema utilizado pelo arquivo possuía uma lógica que só mesmo os atuais profissionais do setor poderiam desvendar, apesar de haver uma “ordem” no método de arquivamento. Mas há outros fatores que dificultavam o acesso e denotava a ausência de uma política de organização do arquivo, caso da numeração que daria direção do fichário às prateleiras, ou da notação para a localização. Verificamos que algumas prateleiras não possuíam sequer numeração ou identificação, bem como determinadas pastas. Ao questionarmos se não haveria dificuldade em encontrar a informação/pasta que se procurasse, um funcionário afirmou que “praticamente já se acostumou com o lugar onde estão coisas”, e que é possível encontrar o material sem dificuldade.

E, segundo explicações de um funcionário na época, a numeração não mais correspondia ao fichamento. A primeira estante mostrava a seguinte numeração: da pasta número 1 a 1.252. Na fileira seguinte, a numeração registrava as pastas de número 396 a 3.013. Após, havia o número 3.004 e parava por aí. Nas estantes seguintes, a numeração não existia mais. Nas caixas dessas estantes, havia uma sequência que começava com o número 114-120 e seguia até a caixa 1.160. Na próxima estante, havia outra pasta com o número 1.160 até 4.379. Logo depois, a numeração prosseguia de 438 até 4.388 e, finalizando, as pastas numeradas iam de 11.641 a 11.793 (esta última tratava-se de um envelope de papelão).

Alguns jornais antigos encerravam essa “lógica” numérica de caixas para, em seguida, encontrarmos mais alguns jornais velhos e recortes de revistas. Nas seguintes, iniciava-se uma sequência de pastas numeradas com o tema “Futebol”, (pastas de 01-10 até 512). “Jogadores” era o assunto que se seguia (eram 43 caixas, mas fora de ordem numérica). O que vimos a seguir foram quatro pastas, cujo assunto, “Tênis Nacional”, estava sem uma ordem correta de numeração, mas registradas de L-Z e A-K (ordem, obviamente, invertida). Observamos que, a partir dali, os temas esportivos ganhavam mais espaço na plataforma analógica, mas notamos que não se seguia uma padronização adequada.

Novas pastas de “Esportes”: uma sobre o assunto “Remo”, outra de “Regatas”; e “Esporte Amador”. Nesta, havia uma etiqueta com os seguintes subtemas: “Tênis de mesa”, “Tiro ao alvo”, “Totó”, “Traking” (escrito assim mesmo), “Thriatlon”, “Duathlon”, “Queda-de-braço”, “Badminton”. A partir daí, sentimos, inclusive, dificuldade em nos deslocar no ambiente. Havia uma desordem de objetos, como troféus e jornais velhos espalhados em um canto da sala, bem como

outros itens, que dificultava o acesso às pastas e caixas. Prosseguem as pastas de “Esportes”. Encontramos uma caixa dedicada aos documentos fotográficos do tenista Gustavo Kuerten (ali registrado com o “nome de guerra”²⁸ Guga).

Acreditamos que o esporte “Vôlei” tenha se destacado mais no armazenamento de fotos da plataforma analógica devido às participações bem-sucedidas da Seleção Brasileira nas Olimpíadas, por exemplo. As caixas estavam divididas por anos 1980, de 1990 a 1993, 1994 a 1999 e 2000. No meio delas, uma caixa com fotos da Seleção de Juniores de Vôlei. A participação do vôlei encerrava-se ali para, em seguida, novas caixas de fotos guardarem os registros fotográficos sobre o tema futebol. As caixas seguiam uma ordem: do 4380-4388 a 11700.

Na derradeira estante do arquivo, as caixas apareciam com os seguintes assuntos:

Exemplo: a caixa 1 registrava o nome “Teatro”, 1999, com os temas:

República Tabaris, Roberto Zucco, Morte na taverna, Carne fraca, Suplício de uma mulher, Pocket Broadway. Ao todo, havia, à época, nove caixas com o assunto “Teatro”. Segundo nos informou um dos funcionários, a ideia inicial era criar uma sequência de caixas que contemplassem o assunto, subdividido em subtemas, mas, devido à falta de espaço, o projeto foi, literalmente, arquivado.

O assunto “Cinema” figurava logo em seguida: eram dez pastas, subdivididas por ano. As caixas, todavia, estavam depositadas na estante sem uma ordem alfanumérica correta.

O assunto “Coluna social” tinha uma pasta própria, e vinha logo depois de outros temas culturais. As colunistas sociais do jornal eram abrigadas em pastas individuais, a depender da demanda: a coluna “Nomes”, bem como “Sete Dias” (outra coluna publicada no antigo modelo do Caderno 2 do periódico impresso), além de duas outras pastas mais genéricas, mas que, pela forma como o arquivo fora organizado, merecia destaque, “Social” e “Social do interior”.

Em seguida, o assunto esportivo voltava à cena, desta vez contemplando a “Ginástica olímpica”, cujos subtemas se destacavam no registro da caixa: “Ginástica rítmica”, “Nado sincronizado”, “Diego Hypolito”, “Daniele Hypolito”, “Daiane dos Santos”. Notamos que os esportes menos populares no Brasil tinham uma caixa

²⁸ Nome de guerra é uma designação que se dá quando um profissional, artista, escritor ou pessoas que não querem ver seu nome verdadeiro aparecer utilizam para camuflar a identidade. Também pode ser utilizado para designar o nome artístico da pessoa (ou mesmo um pseudônimo) ou como ela gostaria de ser identificada no meio em que vive ou trabalha.

própria: “Esportes radicais”, “Atletismo”, “Judô”, “Vôlei”, “Natação” (caixa registra: A-Z), “Basquete”, “Futevôlei”, “Futebol de mesa/Salão”, “Karatê”, “Defesa pessoal” e “Beach Soccer”. O assunto “Karatê” aparecia com subdivisão de caixas, dispostas por décadas (anos 60/70, anos 80, anos 90 e alguns negativos).

As próximas referências eram ainda de tema policial, embora uma pasta, intitulada “Assaltantes mortos”, aparecesse no meio de assuntos esportivos. As últimas fileiras eram dedicadas a armazenar fotos do assunto policial. Apareciam muitos envelopes com nomes de assaltantes, na seguinte ordem: “Assaltante em grupo”, “Ladrão” (com apelido, nome de guerra ou nome completo) e “Vigarista”. Havia também envelopes com temas mais específicos para registrar delitos e situações de violência: “Estuprador”, “Pedófilo”, “Sequestrador”, “Assassino” etc. Outras pastas apresentavam situações registradas pelos fotógrafos, sem especificar maiores informações: “Suicídios”, “Acidentes”, “Homicídios”, “Roubos”, “Assassinatos” etc.

Os envelopes que atualmente armazenam as fotos na plataforma analógica ainda preservam antigos métodos de descrição, com as informações datilografadas.

Não podemos deixar de registrar que havia uma máquina de escrever no arquivo analógico, que, até aquela data, ficava na biblioteca do jornal, utilizada por um funcionário (para datilografar nomes em fichários, pastas, envelopes etc.).

A seção dedicada aos registros de assaltantes é a maior visivelmente exposta nas prateleiras. No primeiro levantamento de informações coletadas nesse ambiente analógico, chamamos a atenção para o fato de que o assunto policial é uma das temáticas de maior popularidade, dado o volume de fotografias que encontramos armazenadas no departamento.

As pastas de fotos dos criminosos são individuais. Cada uma aparecia nas prateleiras com o nome, alcunha do indivíduo e tipo de delito cometido. Vale ressaltar que a disposição do tema policial nas últimas fileiras do departamento não teve nenhuma razão especial, como que para preservar, não expor ou chamar a atenção de visitantes, embora eles não tenham acesso, em nenhum momento, às prateleiras. Somente funcionários transitam nos corredores das prateleiras, bem como o acesso às gavetas com as fichas são de uso exclusivo dos funcionários.

Um funcionário nos mostrou como eram os fichários. Três deles eram próprios para registrar os textos arquivados nas prateleiras. O assunto policial vai de A a Z – são 10 fichários. Cada um vem com um tema.

Exemplo: pesquisa-se o assunto jogadores: procura-se o nome, número da ficha e até mesmo a posição do jogador no campo (se é lateral-direito, goleiro, zagueiro etc.). Assuntos diversos: existiam 56 fichários, de A a Z. A utilização do alfabeto serviu para catalogar por sobrenome (para pessoas); empresas, fábricas, escolas, estados, dentre outros assuntos/temas.



Figura 12 – Imagem mostra um dos fichários existentes para registro do material fotográfico do arquivo

Foto: Regina de Sá, 27/10/2008

Cópias dos microfilmes estão em uma sala anexa, dividindo espaço com caixas de outro arquivo administrativo do jornal. Os microfilmes, na verdade, são cópias guardadas no jornal, pois os originais estão em uma empresa de segurança, devidamente climatizados, segundo informou um dos funcionários do departamento. As caixas de microfilmes guardam os primeiros exemplares do jornal e foram, até o momento, digitalizadas as edições de 1912 a 1999, ora disponível ao público.

À época que iniciamos nossa pesquisa de campo, os microfilmes eram guardados em caixas que vão do 1 ao 34. Os funcionários trabalhavam em um novo método de arquivamento, de forma que facilitasse o acesso aos rolos de microfilme.

A mídia, aparentemente, encontra-se bem conservada, em uma sala limpa e com uma mínima ordem. Para evitar que curiosos mexam no material, as caixas estão com uma identificação simples, onde, por assim dizer, apenas os funcionários do arquivo têm conhecimento dos documentos.

Na ocasião, foi a maneira que encontraram para preservar as cópias de microfilmes de todo o acervo histórico da empresa jornalística publicado desde o primeiro número de jornal impresso, em 1912.

Um dos funcionários informou que o local era provisório. Além dos microfilmes, a sala ainda armazena algumas caixas de fotos de temas esportivos (FUTEBOL), bem como assuntos policiais mais antigos – dos anos de 1970 até 2000. Todo o material estava ali depositado havia dois anos.

Todavia, a coleção de jornais em microfilme não se encontrava acessível, pois o aparelho de leitura não funcionava há algum tempo e havia sido doado. Quando havia necessidade de visualizar algum jornal, um funcionário do arquivo tinha que buscar outra instituição para obter uma cópia impressa. O custo por página estava fixado em R\$ 2, segundo informou um funcionário.



Figura 13 – Máquina de microfilmagem que pertencia ao jornal

Fonte: Arquivo A Tarde, 29/11/1989

De 2000 em diante, todas as edições estão armazenadas no sistema Portable Document Format (PDF)²⁹. As fotos da plataforma analógica que já foram digitalizadas e utilizadas em alguma edição do jornal, no princípio eram descartadas, e não havia registro desse material que saía do sistema analógico para o digital. As fotografias em papel só passaram mesmo a ser digitalizadas e guardadas em CDs a partir de 2007. Antes, eram apagadas do sistema tão logo utilizadas na edição.

Ao consultar a pesquisa na plataforma analógica, solicitamos assuntos diversos para iniciarmos o estado de conservação e armazenamento das fotos. Muitas delas encontravam-se deterioradas, rasgadas, mutiladas (dobras, recortes, rabiscos etc.), sem data e informações relevantes para o arquivamento. Nem sempre as imagens recebiam um tratamento adequado quando eram selecionadas para

²⁹ Portable Document Format (PDF) foi desenvolvido pela empresa Adobe Systems há 15 anos. O formato PDF permite capturar e visualizar informações a partir de quase todo aplicativo ou sistema operacional, com vistas ao compartilhamento. O PDF é um padrão aberto formal, conhecido como ISO 32000.

compor uma edição. O problema da falta de cuidados esbarra, principalmente, nos poucos recursos existentes até meados dos anos 1990 – muito antes de chegar às empresas jornalísticas sistemas robustos de tratamento de imagem, como scanners, por exemplo - para adequar uma fotografia dentro da composição de uma página:



Figura 14 – Imagem mostra que a foto foi rasgada para atender a um modelo de edição

Fonte: Arquivo A Tarde, [198-?]

Um dos funcionários do arquivo nos contou que era muito difícil ter um controle de como as fotos voltavam para as pastas, embora a coordenadora do setor sempre tivesse o cuidado de recomendar ao usuário atenção ao objeto requisitado. Porém, no calor da edição diária, muitas vezes não havia tempo hábil para isso. É o que pudemos checar nos nossos estudos. Com as novas tecnologias, no que se refere à preservação de documentos em papel, não existe mais necessidade de mutilar documentos como era feito, há até bem pouco tempo.

Muitos negativos estão guardados junto com as fotos. Quando solicitamos determinados assuntos, já chegamos a manusear pastas com negativos grudados, devido à refrigeração inadequada e ao tipo de material utilizado para arquivar os negativos. Dificilmente, um documento em tais condições poderá ser recuperado.

Na nossa pesquisa ao material arquivado nas pastas, muitas fotos sequer possuem identificação - quem fotografou, do que trata o assunto, local onde foi feita a foto, ano etc. A maioria das fotos possuem, de algum modo, informação, sem critérios e uniformidade.

Algumas fotos que possuem um carimbo da empresa, outras estão com a legenda que saiu publicada no jornal colada no verso da foto. Algumas têm informação de empresas que divulgaram a foto e cederam o material para publicação. Há as que possuem também medidas-referência para diagramação na página, para fins de identificação. Assim exposto, mostramos o verso de uma foto e que pode nos ajudar a complementar a informação:



Figura 15 – A legenda da foto foi colada no verso da imagem para ajudar a identificar e arquivar o material. A foto encontra-se em uma pasta cujo assunto é Barra (praia). As medidas aparecem embaixo da legenda e se referem ao tamanho da foto na página

Fonte: Arquivo A Tarde, 1988

Com a introdução das máquinas fotográficas digitais, em 2000, os funcionários do arquivo começaram a guardar uma cópia impressa das fotos digitais. Nela, encontramos também algumas informações da imagem (ano, resolução, legenda, dimensão da foto, tamanho, cor, tamanho da imagem e do arquivo, data, hora). Ou seja, essas são informações padrão para identificar algumas fotos, segundo critério adotado pelo sistema de publicação da foto vinda de uma agência, por exemplo.

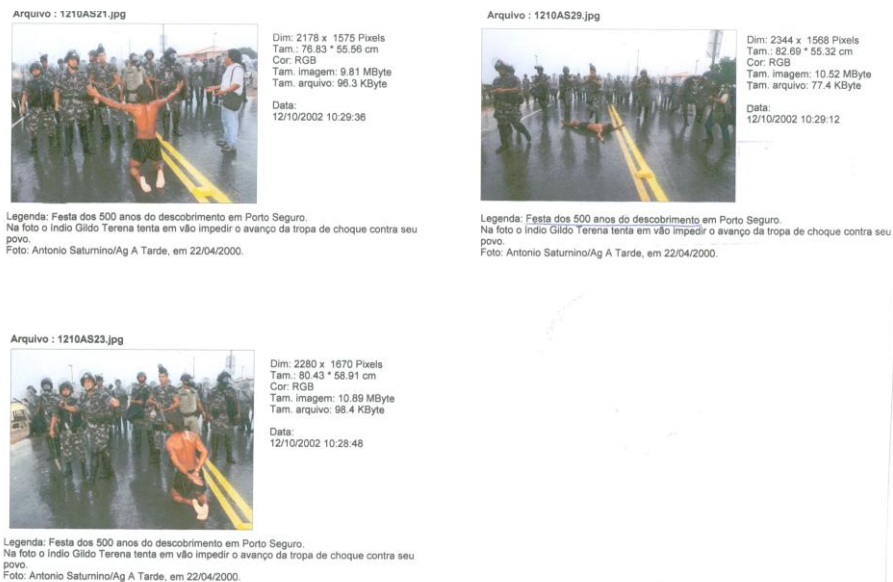


Figura 16 – Sequência de fotos feitas no modo digital, mas que, por não haver um sistema de indexação que atendesse aos critérios de recuperação da informação, era feita uma cópia em miniatura da imagem para ser guardada na plataforma analógica. Fotos: Antonio Saturnino

Fonte: Arquivo A Tarde, 22/04/2000

4.1.1 A plataforma analógica

Conforme Kossoy (2007, p. 42-44), no jogo da aparência e evidência, não podemos deixar de ressaltar a observação do estudioso: “O vínculo com o real sustenta o *status* indicial da fotografia”. Além do fato de que, por trás do registro documental, existe o processo de criação do fotógrafo, as impressões que conseguiu registrar com a câmera – no nosso caso, podemos ressaltar ainda que o trabalho fotográfico apresenta uma importância ainda maior porque prevalece o registro de um acontecimento com o objetivo de publicação.

É o que Kossoy descreve como o assunto representado em toda a sua dimensão, eternizado, por assim dizer. Entre o registro do fotógrafo, a publicação, as informações posteriormente armazenadas, para fins de armazenamento, há o que Kossoy aponta como uma “experiência ambígua que envolve os receptores”. E, a depender do objeto retratado, enfatiza, acabamos por observar a experiência desemboca no deslize entre a informação e a emoção.

Diante do exposto, chegamos aos exemplos acima descritos em detalhes e nos deparamos com uma segunda realidade, a da representação elaborada. Se não, por que não sentiríamos certa estranheza ao nos depararmos com a descrição de uma imagem onde mostra um local da periferia de Salvador (Alagados), cujos moradores viviam em casas de palafita, sobre o manguezal, e o registro dado a essa imagem nos leva ao “reino das palafitas”?

Por que não ficaríamos intrigados com o fato de um documento fotográfico, que destaca uma nova modalidade de instrumento para uso de droga (maconha), ser arquivado a partir de um termo vulgar, pejorativo – marica. Ou, no calor da edição, a imagem de apreensão de maconha ganhar o status de “erva maldita”? Temos outros exemplos, como o da foto que mostrava um caminhão transportando material ilegal e que foi arquivado com o termo “caminhão transportando muamba”. Ou ainda outra fotografia, arquivada na pasta “menor abandonado”, utilizada para registrar o tema em si e, em outra ocasião, aproveitada para tratar do assunto desnutrição. Como diz Kossoy (2007, p. 43):


Trata-se do acesso ao mundo da aparência, um mundo que preserva as formas de um objeto ou cenário ou as feições de um indivíduo recortadas no espaço, paralisadas no tempo, um mundo imaterial, logo intangível, não importando se a imagem é analógica ou digital. A aparência é a base da chamada evidência fotográfica. O objeto pode achar-se registrado tal como se apresentava em sua concretude; personagens podem aparecer sorridentes, introspectivos, cenários podem ser distorcidos, detalhes omitidos, tratarem-se de pura encenação. A evidência não pode deixar de ser questionada.


- **A descrição das imagens no arquivo analógico**


Desde o surgimento, a fotografia³⁰ fora considerada um registro objetivo e neutro, inquestionável, que não poderia “mentir”, como diz Kossoy (2007, p.44), porque carregava a força de duplicar a realidade, reforçar a existência do fato. No entanto, com as novas tecnologias, e, mesmo antes dela, o poder de modificar a realidade, pura e simples, ganhou outro recurso, capaz de mudar toda a história daquele documento: o da manipulação informações, conforme mostramos nos exemplos a seguir encontrados no acervo analógico de fotografias do jornal.

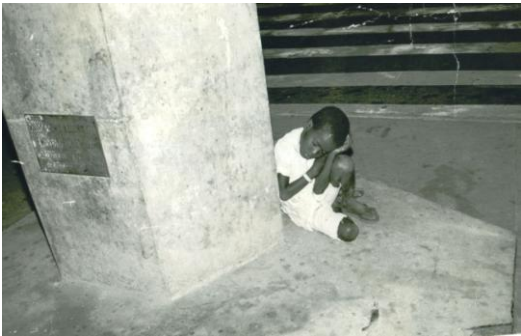
	Dados registrados no verso da foto
	Data: s/data [196-?]
	Marcas ou inscrições: com carimbo de identificação uma numeração (Nº 2488-A).
	Assunto e legenda: Foto referente ao bairro Alagados
	Comentário do fotógrafo: não há registro do nome do fotógrafo
	Comentário: Há um papel registrando o tema que pode ser indicação de alguma matéria especial sobre o bairro – No reino das palafitas. A legenda identifica uma leitura feita pelo arquivista, ou sugere que ele tenha feito tal interpretação, com a frase: “O caminho é mesmo difícil e os veículos fazem zig-zags entre poças de lama e monturos, para evitar o pior...”.

³⁰ A daguerreotipia (...) era um dos processos fotográficos que vinham sendo desenvolvidos (...), tendo sido inventada pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre, em colaboração com Joseph-Nicéphore Niépce e seu filho Isidore Niépce. Em 19 de agosto de 1839, (...), em Paris, ocorreu o anúncio da invenção do daguerreótipo. A patente do invento foi adquirida pelo governo francês e “doada à humanidade”, tendo se disseminado rapidamente pelo mundo. (ANDRADE, 2004, p. 3)


	Dados registrados no verso da foto
	Data: [197-?]
	Marcas ou inscrições: Foto com algumas indicações de publicação, carimbos que datam dos anos 1979, 1983 e 1992.
	Assunto e legenda: uma legenda recortada da própria matéria publicada vem servir como referencia à identificação da foto:
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: “O ‚Beira-Mangue’ é a opção de moradia para quem não pode pagar alto. Com este texto, referente à legenda, a foto foi arquivada.


 <p>SIMONE A TARDE 5497 ASSUNTO: ALAGADOS / DAY AFTER LOCAL: DATA: 07/01/98 FOTOGRAFO: PAULO MUNHOZ</p>	Dados registrados no verso da foto
	Data: 07/01/1998
	Marcas ou inscrições: Etiqueta; verso carimbo da foto, a identificação da data de publicação mostra que o ‚day after’ tem a ver com um incêndio ocorrido no bairro, no final da década de 90.
	Assunto e legenda: Alagados/Day after foi o termo utilizado por quem a classificou.
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: A leitura demonstra que o houve algum problema grave no local, uma vez que a expressão <i>day after</i> refere-se, geralmente, a uma situação de acidente, estragos, mortes etc.

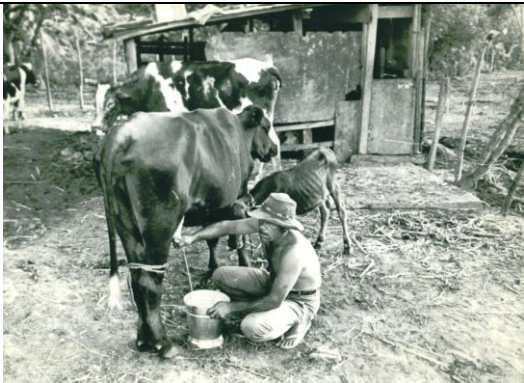
	Dados registrados no verso da foto
	Data: 1º/04/76
	Marcas ou inscrições: não há
	Assunto e legenda: Menor abandonado.
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: Foto sobre menor abandonado mostra uma imagem manipulada, recorte na figura do menino demonstra que a imagem assim serviria para atender a um propósito de diagramação da página. Além disso, o menino tem os olhos com uma tarja preta pintada a mão. Vale ressaltar que, à época, muitas imagens chegavam ao departamento sem o nome do fotógrafo.

	Dados registrados no verso da foto
	Data: 1984
	Marcas ou inscrições: fotolegenda colada no verso da foto
	Assunto e legenda: Menor abandonado. “esperando ajuda”
	Comentário do fotógrafo: “Administrar com eficiência uma cidade não significa apenas administrar bem o patrimônio físico ou a imagem urbana dela. Significa também administrar com eficiência o que os urbanistas chamam de ‘ecologia humana’. Entende-se por ecologia humana a integração natural do humano no ambiente urbano. Isto é, a cidade como um microespaço humano em que a integração humano-humano se processa naturalmente. Mais explicitamente na cidade como o ambiente natural de sua população. Mas nem toda a ecologia humana em uma cidade é administrada com eficiência. O chamado ‘menor abandonado’ é um exemplo do segmento freqüentemente abandonado pelo poder público. (...) Como é impossível solucionar problemas práticos só com teorias, os menores abandonados, como o da foto, vão continuar menores abandonados. No dia que o poder público colocar de lado as teorias inconseqüentes e partir para produzir soluções realmente práticas, cenas iguais à mostrada na foto vão se tornar raras. (Texto: JF/Foto: Arestides Baptista)”.
	Comentário: a foto ainda traz um texto do repórter fotográfico, possivelmente publicada, e faz um contundente registro do que a imagem representou para ele, dada a situação de abandono da criança na noite de Salvador.

	Dados registrados no verso da foto
	Data: 1984 (carimbo)
	Marcas ou inscrições: carimbo
	Assunto e legenda: Drogas. s/legenda
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: Fotomontagem de fácil identificação “mostra” uma mulher em uma plantação de maconha O mais interessante da foto é que a mulher, aparentemente identificada com numeração de ficha criminal na blusa, foi “recortada”, com a intenção de aparecer, ao fundo, a plantação de maconha.

	Dados registrados no verso da foto
	Data: 23/04/1971
	Marcas ou inscrições: carimbo e legenda publicada no jornal estão no verso da foto
	Assunto e legenda: Drogas. “ <i>Marica</i> : a novidade – tendo como fundo o encosto de uma cadeira. Vê-se um <i>baseado</i> [cigarro de maconha] colocado na <i>marica</i> , pronto para ser fumado”
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: Os termos (em itálico) utilizados são pejorativos e conhecidos por quem os empregou para legendar a foto.

	Dados registrados no verso da foto
	Data: 07/05/1970
	Marcas ou inscrições: título manuscrito
	Assunto e legenda: Drogas. Legenda – “ <i>Herva Maldita</i> ”
	Comentário do fotógrafo: não há
	Comentário: O título “herva maldita” dá a entender duas coisas: que as latas de biscoito encontradas escondiam a maconha e que houve uma apreensão de droga. Aqui, notamos também erro de ortografia ao se escrever a palavra “herva” e não “erva”

	Dados registrados no verso da foto
	Data: Há três datas: uma de 1983, outra de 1996 e uma mais recente, de 2006
	Marcas ou inscrições: legenda do jornal colada no verso da foto.
	Assunto e legenda: Leite. A legenda diz: “Neste estábulo, na Paralela, a vaca sendo ordenhada sem qualquer higiene”.
	Comentário do fotógrafo: não há
Comentário: Aqui, a legenda da foto foi utilizada para registrar o material de publicação.	

Ocorre que o crescimento do volume do material fotográfico, a falta de instrumentos de controle terminológico e a ausência de uma lista de cabeçalhos de assuntos tornavam qualquer busca no arquivo mais difícil, e, se resultados eram alcançados, é preciso creditar, exclusivamente, a atenção dos funcionários que, ao longo das décadas de existência deste setor, realizaram o trabalho de manutenção com base em um determinado bom senso que escapa aos usuários.

Além de armazenar fotos e recortes de jornais, ou de revistas, juntos ou separados, pondo em contato suportes materiais de natureza similar, mas não iguais, que necessitam de tratamento de conservação distintos (papel jornal, papel fotográfico, papel, revistas, cromos, negativos, CD, dentre outros), uma questão mais problemática diz respeito ao desdobramento dos temas.

Não havia uma lista de assuntos completa que desse conta do que existia no arquivo por temas e subtemas e a sua quantidade, naturalmente, correspondia a volumes que foram sendo gerados em razão de produção fotográfica alinhada a fatos e a acontecimentos.

Na tentativa de ordená-los nas prateleiras, observamos, em nossa pesquisa inicial, que não houve sistematização, categorização ou hierarquização, fato que pode ser ilustrado com a sequência apresentada a seguir, ressaltando-se que se passa de fotos, para imagens de jornais ou recortes de jornais misturados com objetos, troféus e jornais velhos, bem como outros itens, dificultando acesso às pastas e caixas.

Com base em nossa verificação *in loco*, podemos levantar algumas considerações apontadas por Paes (2007, p. 81). Quando o volume e a diversidade de documentos a ser arquivado necessitar de uma base para se construir um plano

específico de esquema de assuntos, ainda mais em um arquivo que atende a um jornal, onde informação é o combustível diário que impulsiona a empresa, realizar um levantamento cuidadoso de todo o material já existente seria o primeiro passo para se pensar em transferir essa plataforma analógica para uma mais moderna de armazenamento.

Segundo a estudiosa (2007, p. 109), deve-se realizar também uma seleção de documentos no arquivo, a fim de detectar o que, de fato, pode ser transferido para uma nova plataforma. A tarefa, enfatiza a estudiosa, geralmente conta com a orientação de um arquivista-chefe e, além disso, qualquer eliminação de documento também precisará passar por um crivo detalhado de profissionais que por anos acompanharam o trabalho no departamento.

Em entrevista, José Carlos Brito Casaes, editor de fotografia do jornal A Tarde, informou que, atualmente, existem 1.525.249 fotos na base de dados online e em mídias de CD e que, de 2007 até os dias de hoje, todo esse material imagético encontra-se disponível para acesso online.

Conforme nos relatou Casaes, a intenção do Centro de Documentação (Cedoc) do jornal é revisar este material e o da plataforma analógica para identificar o que pode ou não ser descartado, porque, em muitos casos, existem imagens guardadas na plataforma analógica que são repetidas. De acordo com o editor de fotografia, com a edição, o volume de documentos cairia pela metade.

Para tentar entender o que o editor nos explicou, um fotógrafo, em uma cobertura de partida de futebol, realiza, em média, 600 disparos com a câmera, o que daria algo em torno de 300 fotografias só na cobertura desse evento. Na seleção de imagens, o fotógrafo é orientado a editar 30 fotos. Destas, o editor de fotografia seleciona um número de imagens para a editoria de esportes, para escolha do editor de esportes. Mesmo assim, muitas imagens não são utilizadas, mas necessitam que estejam armazenadas na plataforma digital, a título de registro do fato. Se voltarmos à documentação deste assunto (esportes) na plataforma analógica, o volume de imagens em papel e em negativos é ainda maior.

Diante do exposto, é necessário que se faça um inventário de tudo que poderá ser aproveitado, pois haverá um ganho de qualidade na informação armazenada. São aqueles documentos, conforme argumenta Paes (2007, p. 109), que, com o tempo, tornam-se obsoletos e não mais representam interesse para a

administração. “A aplicação desses critérios deverá, acima de tudo, basear-se no bom senso e na prudência” (PAES, 2007, p.109).

4.1.2 A plataforma digital e os “gargalos”

Realizamos um levantamento³¹ no programa utilizado pelo jornal, a fim de analisarmos como as imagens são armazenadas no GN3³², programa atualmente utilizado pelo jornal para acesso à plataforma digital. Iniciamos uma pesquisa e digitamos, aleatoriamente, uma palavra, pois queríamos localizar fotos de coqueiros.

Vale ressaltar que um arquivo de jornal tem particularidades e difere de outros devido à complexidade do acervo imagético - são fotos documentais e que tratam de um elemento que o diferencia porque é informação jornalística. Há toda uma particularidade neste espaço. E ela é visível até mesmo na forma como essas imagens encontram-se hoje armazenadas. Um dos grandes entraves que observamos é que o arranjo documental do acervo analógico não leva em conta a organização da informação ali depositada.

Alguns problemas no arquivo se perpetuaram ao longo dos anos. As fotos eram nomeadas com as mais diferentes classificações - não havia uma uniformidade. Observamos fotos com carimbos no verso, muitas vezes sem os preenchimentos dos campos especificados; detectamos o uso de recorte da legenda quando a foto era publicada no jornal e até mesmo etiquetas serviam como recurso para identificação das fotos, bem como a utilização de códigos, escritos a mão, para registrar o ano e a página em que foram publicadas.

Paralelamente ao velho arquivo, uma nova plataforma de armazenamento digital foi implantada, a partir de um software. Todavia, pela experiência como

³¹ Nota da autora: textos descritos na íntegra, com erros de digitação e de ortografia

³² O sistema editorial GN3 é um software da Tera Digital Publishing, muito utilizado pelos jornais brasileiros. Ele reúne, em um só programa, um editor de textos (Ted); um de paginação (Fred) - que permite a visualização do modelo das páginas na forma como serão impressas -, um de pesquisa de textos e fotos (The Shell) e um de controle de produção (Tracy). No sistema editorial GN3, o The Shell é a ferramenta usada para gerenciar o fluxo de produção de matérias e imagens, além de páginas e edições. Por intermédio dele, pode-se criar matérias, abrir e editar textos no editor de textos, abrir e editar páginas no paginador e controlar o fluxo de matérias e verificar o estágio de produção em que se encontram. Como as outras ferramentas do software, o Shell utiliza a interface gráfica padrão Windows. Assim, o The Shell permite que o usuário localize, controle e manipule textos, imagens e páginas, utilizando diversos critérios de classificação.

usuária (jornalista), vimos que alguns problemas se repetem também na nova plataforma. Simples buscas³³ nos levam aos mais variados assuntos.

Vamos a um exemplo: buscamos uma foto de coqueiros. Ao solicitar a foto ao funcionário da pesquisa, ele digitou simplesmente a palavra 'coqueiro' e veio uma enxurrada de fotos dos diferentes assuntos, e não especificamente o coqueiro em si. Isso nos chamou a atenção para um detalhe: se hoje, as imagens digitais estão indexadas desse modo, como se dará a migração da plataforma analógica para a digital? Enviamos essa pergunta a Smit³⁴, que nos respondeu:

Em relação ao que você diz sobre o acervo fotográfico do jornal, eu teria os seguintes comentários rápidos a fazer: 1) documentação jornalística tem sua especificidade, em função da grande variedade de assuntos, atualização constante de assuntos, criação constante de assuntos novos, muitas vezes batizados de forma casuística com termos que, cinco anos depois, muitas vezes não significam mais nada ou muito pouco. Exemplos: curralito, mensalão, dólar na cueca etc. As empresas jornalísticas desenvolvem seus próprios tesouros, e não me consta que estes sejam tornados públicos. Não quero dizer, com este comentário, que os tesouros adotados por empresas sejam bons (muitos têm problemas); 2) não vejo por que tratar diferentemente, do ponto de vista intelectual, fotografias analógicas e digitais. Um mesmo vocabulário, para indexação, deveria dar conta dos dois acervos. De toda forma, você está muito certa quando acha que a solução caminha por uma linguagem de indexação, principalmente se esta linguagem incorporar aquilo que é específico do ambiente visual, distinguindo, por exemplo, assunto, de elemento da imagem (teu exemplo do coqueiro).

No item “Imagem”, digitamos a palavra “coqueiro”, para que pudéssemos avaliar de que maneira o programa mostraria informações com esse nome. As imagens apareciam, mas não faziam referência ao que queríamos. Em uma análise mais imediata, percebemos ausência de uniformidade ao se usar o programa e um mesmo descritor. Observamos também que o compartilhamento de informação estava comprometido porque a linguagem combinatória não aparecia, o que nos leva a afirmar, conforme ressalta Le Coadic (2004, p. 64) a quase inexistência de um conjunto de palavras que servisse para representar um documento de maneira condensada. Segundo destaca o pesquisador, a Ciência da Informação desenvolveu

³³ No programa The Shell, existe um campo onde o usuário pode pesquisar fotos já publicadas. Para localizar uma foto arquivada, o programa oferece a opção *Search Tark Images* (o ícone é representado pela letra I, onde o usuário clica e aparecem as possibilidades de busca). Os campos que aparecem são *Legenda*, *Autor*, *Categoria* (onde é possível preencher palavras específicas), *Palavra-chave*, *Origem* e, na aba *Publicação*, usuário pode definir data, se a foto foi publicada na primeira ou segunda edição etc. Há também a opção *Localizar fotos de agência*, onde o usuário indica o nome da agência de fotos, a categoria, data de chegada da foto e se a imagem já está na página (cortada).

³⁴ Entrevista concedida no dia 21/08/2008 a autora desta pesquisa

métodos eficazes de análise quantitativa e qualitativa de documentos – da catalogação, indexação, elaboração de resumos até a formação de agrupamento de palavras (*clustering*). O propósito seria o de obter informações sobre a origem do documento e seu conteúdo.

Sem as palavras-chave adequadas para a descrição do conteúdo de um documento, embora seja um tanto quanto complexo, é necessário, para um melhor aproveitamento do material a ser armazenado em um ambiente informatizado, que se crie um tesouro próprio para atender aos usuários. No nosso estudo, verificamos que as fotografias armazenadas na plataforma digital – hoje voltada para atender aos funcionários da redação, especificamente – carecem de uma catalogação básica e que descreva o que se quer saber: a origem do documento.

Podemos percorrer algumas estradas para este fim, mas a principal – a que nos levaria, com certa tranquilidade, ao nome, lugar, data, título ou autor daquela imagem - sobre a origem do documento - tem de ser muito bem representada no documento textual para fins de indexação. Observamos, portanto, haver, aqui, uma ausência de uniformidade ao se usar o programa e um mesmo descritor.

Assim que iniciamos a pesquisa de campo, já trabalhávamos com a possibilidade de observar como funcionava o programa de indexação de fotos da plataforma digital do jornal A Tarde. Na época em que reunimos as informações a seguir, procurávamos a imagem de um coqueiro. O que o programa de armazenamento de documentos imagéticos nos mostrou, no entanto, foram problemas com a linguagem documentária para fins de indexação.

Neste primeiro exemplo, o programa nos revelou a palavra coqueiro, mas não nos levou ao que queríamos. Na verdade, o que aqui é apontado como legenda refere-se a um resumo da pauta da matéria. O processo aconteceu da seguinte maneira: a pauta para a elaboração da matéria foi lançada na reunião de editores, o texto é armazenado em uma pasta onde todos os editores e repórteres têm acesso e, em algum momento, o texto foi entregue ao fotógrafo e ao repórter.

Quando o fotógrafo retornou à redação, provavelmente incluiu, no final do texto, a informação do local a que se referia (Loteamento Coqueiro) e acrescentou o crédito da foto (nome dele), empresa (A Tarde) e data do documento. A palavra coqueiro apareceu, mas não nos foi mostrada a planta “coqueiro”, o que reforça a ideia de inexistir um vocabulário controlado para a representação do conteúdo do

documento jornalístico publicado no jornal. Mostramos, a seguir, as informações³⁵ encontradas na pesquisa:

Coqueiro

Nome: 010506EDU18.JPG

Data: 00:00 08/05/06

Legenda: Há, em Salvador, um lado que nem todos conhecem. Ou melhor só conhecem aqueles que andam pelas periferias. A idéia da matéria é mostrar que a cidade cresce fazendo surgir sem a menor assistência de infra-estrutura e que sobrevive em quase total anonimato. Na foto: Loteamento **Coqueiro** GrandeFoto: Eduardo Martins / Ag. A Tarde em 01/05/2006.

Nome: 03tv0901.jpg

Data: 00:00 03/09/06

Legenda: 30.08.2006 - Carlos Ivan - TV - EXCLUSIVO - Novela "Paixões Proibidas", paraceria da TV Bandeirantes com a TV portuguesa RTP, que vai ser gravada no Brasil. Diretor Ignácio **Coqueiro** da Band, e o ator/diretor portugues Virgilio Castello

Neste outro descritor da fotografia, observamos que, além dos problemas de ortografia e digitação, o “coqueiro” que aqui aparece é o sobrenome de uma pessoa:

Nome: 080606XP73.JPG

Data: 00:00 09/06/06

Legenda: Apreensão de mais de 10 mil CD'S e DVD'S piratas na Rua **Coqueiro** da Piedade. Foto: Xando P. / Ag. A Tarde, em 08/06/2006.

Observamos, nesta pesquisa, que ainda não encontramos o coqueiro, a planta. Agora, o programa mostra que a foto foi feita para mostrar uma batida policial em um local de Salvador. Uma sequência de fotos na Rua Coqueiro da Piedade veio posteriormente no resultado da busca, nos mais variados assuntos pautados pelas editorias, abordando temas de segurança nas ruas, greves, alagamentos devido a fortes chuvas no local etc.

³⁵ Nota da autora: textos descritos na íntegra, com erros de digitação e de ortografia

Nome: 121205ER12.JPG

Data: 00:00 19/04/07

Legenda: Começo de semana de vespera de natal.Comerciantes e ambulante, alem de consumidores em geral vivem uma verdadeira loucura nas ruas centrais da cidade, em especial a Av. 7 de setembro, onde os ambulantes se espremem em qualquer canto e fazem qualquer negocio para chamar a atenção para os seus produtos. Para os consumidores em geral , alem do aperto dos passeios e a quantidade de populares na ruas e passeios a questão do estacionamento para seus veículos é um capítulo a parte.na foto: Rua **Coqueiro** da Piedade - que dá acesso a estação da Lapa foto: Edson Ruiz / Agencia A Tarde - 12/12/2005.

Nome: 190207AB38.JPG

Data: 00:00 20/02/07

Legenda: Compra de oculos para proteção do sol no Carnaval 2007, na rua **Coqueiro** da Piedade.Foto: Arestides Baptista/Ag A Tarde em 19/02/2007

Em outra imagem encontrada, vinculada a uma matéria publicada ao suplemento de turismo, encontramos a foto de uma praia localizada na região extremo sul da Bahia:

Nome: 09tur03f01p

Data: 00:00 09/08/07

Legenda: Fotos para a matéria de turismo sobre Arraial d'Ajuda, Caraíva e TrancosoNa foto: Praia do **Coqueiro** em TrancosoFoto digital: Renata Carvalho/ Ag A Tarde em 27/07/2007

Finalmente o coqueiro (planta) aparece na pesquisa, mas, ainda assim, nos mostra problemas recorrentes no resultado: o primeiro deles é que, à descrição do documento, não deveria ser atribuído o termo legenda, o que, aliás, é uma prática para a descrição do documento imagético adotada até os dias atuais. Em segundo lugar, é certo que ficará muito mais difícil localizar essa imagem dando a ela um nome alfanumérico com uma extensão.

Nome: 200706EDU28.JPG

Data: 00:00 21/07/06

Legenda: **Coqueiro** no Jardim de Alah, com inclinação para a pista de cooper e ciclismo, oferece risco à quem passa no local.Na foto: Movimento na área de riscoFoto: Eduardo Martins em 20/07/2006.

O que nos chama a atenção, nesta descrição abaixo, é que o documento deveria ser indexado a partir de um vocabulário controlado que pudesse levar o usuário a uma foto de carros adaptados (ou carros alegóricos).

Nome: 270407WA04.JPG
Data: 00:00 28/04/07
Legenda: **Coqueiro** móvel.Na foto. No caminho de areia, inspirado nos trópicos, carro adaptado chamou a atenção.Foto: Welton Araújo/Ag. A Tarde em 27/04/2007

Quando pesquisamos uma foto com o objetivo de encontrar a fruta abacaxi, os mesmos entraves foram observados quando buscávamos uma foto de coqueiro:

Abacaxi
Nome: 030308LM017.JPG
Data: 00:00 04/03/08
Legenda: No início desta manhã dois elementos entraram em um coletivo e assaltou os passageiros que tinha saído de Cajazeiras para o centro da cidade. Nas imediações da Rótula do **Abacaxi** os elementos anunciou o assalto, ouve uma reação dos passageiros que dominou um e o outro em uma troca de tiros com policia foi baleado morrendo no final da manhã n HGE.Na foto: Material encontrado em poder do elemento que foi preso e segundo policiais é menor de idade.Foto: Luciano da Matta AG / A TARDE.Data: 03/03/2008.

Nome: 100407HA004.JPG
Data: 00:00 11/04/07
Legenda: Campanha salarialTrabalhadores da obra do Metrô de Salvador entram em greve por tempo indeterminado.Na foto grevistas saíram em passeata da Lapa até a Rótula do **Abacaxi**.Foto Haroldo Abrantes / Ag. A Tarde em 10/04/2007

Nome: 10rur02f01p
Data: 00:00 10/07/06
Legenda: Centro de abastecimento Edmundo Flores em Vitória da Conquista CEASA, que fica localizado no centro comercial da cidade.Na Foto: Horti-Fruti; Batata, Quiabo, Cenoura, Jiló, Colve Flor, Tomate, Banana, Beterraba, Chuchu, Mamão, **Abacaxi**, Macã, Melão, Manga, Alface, Quntro, Hortelã, Salsa, Abobora, Laranja, Maxixi, Coco, Folha para Chá, Alho, Ameixa, Goiaba, Uva, Limão, Café e Milho. Foto digital: Luciano da Matta Ag A Tarde em 20/08/2005.-----10.4104cm x 7.763cm pb

Lembramos que, nesta legenda, embora apareça o nome de várias frutas, legumes e hortaliças, a foto é, exclusivamente, de laranjas. Destacamos o nome Rótula do Abacaxi porque é um local conhecido na capital de Salvador. A “legenda” também se refere, provavelmente, ao conteúdo de uma pauta³⁶ da fotografia, utilizada para indexar a imagem, sem nenhum critério, à luz da Ciência da Informação, com vistas à recuperação dessa foto. Bentes Pinto (2008, p. 318), atesta a consideração que ora desenvolvemos:

³⁶ A pauta é a orientação que repórteres e fotógrafos recebem. Ela descreve que tipo de reportagem será feita, com quem deverão falar, onde e como. A pauta nem sempre é escrita, pois, ao longo do dia, o chefe de reportagem poderá receber uma informação (por telefone, e-mail ou outra fonte) sobre um acidente, sequestro, assalto ou outro acontecimento grave. Portanto, nesses casos, só se torna uma pauta de reportagem na hora em que algo novo acontece e que não estava na programação.

(...) bibliotecários e outros especialistas criaram linguagens documentárias ou controladas, dos tipos classificação, cabeçalhos de assuntos e tesouros, para reduzir as ambigüidades inerentes à linguagem natural. Assim, foram postos em prática, entre outros, os *thesaurus based indexing systems*, destacando-se entre eles o *Iconclass*, *Art & Architecture Thesaurus* e o *Thesaurus for Graphic Materials (TGM)*. Essa nova maneira de indexar pode permitir o controle das polissemias das palavras, não somente durante as atividades de indexação, mas também na recuperação da informação. Convém lembrar, contudo, que tal controle nem sempre favorece a recuperação de informação. Afinal de contas, o ser humano elabora as próprias etnografias (mesmo de modo inconsciente) quando busca informações em bases de dados, embora os gestores desses recursos tracem caminhos ou pistas a serem seguidas pelos usuários durante a „garimpagem das imagens” nos sistemas de recuperação de informação (SRI). Como representar, por meio de palavras, detalhes bem precisos dos componentes formais das imagens visuais, a exemplo das atitudes e dos gestos? De que modo representar detalhes anatômicos ou sentimentos expressos em uma imagem visual? De acordo com Rui, Huang e Chang (1999), há duas grandes dificuldades para o tratamento manual ou semi-automático de imagens visuais: a primeira diz respeito ao tamanho das coleções de imagens e à complexidade do trabalho demandado para descrever manualmente as imagens. A outra se refere à riqueza de conteúdos registrados nas imagens e à subjetividade humana de percepção desses conteúdos.

Nome: 140507MAM23A.JPG

Data: 00:00 15/05/07

Legenda: Ônibus da empresa Praia Grande placa JQZ 1966, linha Paripe / Rodoviária, dirigido pelo motorista Genildo de Souza , 40, foi assaltado por dois menores portando facas que após embarcarem nas proximidades da **Rótula do Abacaxi** começaram a saquear os passageiros _ avisados por passageiros que desembarcaram a PM através da viatura Rondesp 14 comandada pelo Sgto. Edson Sabino abordou o coletivo no ponto em frente ao shopping Sumaré detendo os menores.Foto: Marco Aurélio Martins / Ag. A TardeData:14/05/2007

Nesta descrição para a indexação de outra imagem, localizamos, como no exemplo das laranjas, uma foto sobre um centro de abastecimento e, na legenda, o nome de várias frutas e verduras. Porém, a foto é de cocos apenas, e não aparece abacaxi.

Nome: 200805LM118.JPG

Data: 00:00 02/12/06

Legenda: Centro de abastecimento Edmundo Flores em Vitória da Conquista CEASA, que fica localizado no centro comercial da cidade. Na Foto: Horti-Fruti; Batata, Quiabo, Cenoura, Jiló, Colve Flor, Tomate, Banana, Beterraba, Chuchu, Mamão, **Abacaxi**, Macã, Melão, Manga, Alface, Quntro, Hortelã, Salsa, Abobora, Laranja, Maxixi, Coco, Folha para Chá, Alho, Ameixa, Goiaba, Uva, Limão, Café e Milho. Foto digital: Luciano da Matta Ag A Tarde em 20/08/2005.

Conforme Kossoy nos aponta (2007, p. 157), é fundamental, na compreensão da representação fotográfica, que a realidade seja registrada da melhor maneira possível. No processo de indexação, algumas informações “materializam” o documento. “Nesse processo é óbvio que a história do assunto e da própria representação é ocultada”: O objeto, o assunto é, assim, codificado formalmente, destacando, ainda de acordo com o estudioso, a construção técnica, estética e também ideológica. É o que podemos entender como a realidade que dá vida a um documento. Por isso que o documento fotográfico não pode ser compreendido à “independentemente do processo de construção da representação em que foi gerado”, conclui o pesquisador.

- **As fotos das agências de notícias**

As agências que o jornal mantém parceria disponibilizam fotografias com informações em inglês e espanhol. Quando solicitamos uma busca de fotografias originadas das agências internacionais com as quais o jornal tem contrato, encontramos mais detalhes sobre a origem da foto. Para a realização desta pesquisa, feito por intermédio do sistema de armazenamento digital intitulado Tark, do programa GN3, escolhemos palavras-chave que nos levassem a determinados assuntos.

O método de armazenamento adotado pelas agências internacionais segue um sistema internacional para a classificação de fotos, de acordo com os padrões de indexação de imagens do International Press Telecommunication Council (IPTC)³⁷,

³⁷ IPTC (International Press Telecommunication Council), com sede em Londres, é uma organização criada em 1965 que tem por objetivo promover centrais de troca de dados destinados à imprensa. As informações IPTC (www.iptc.org) são metadados que permitem descrever e documentar arquivos,

para a busca de fotos em arquivos. Para armazenar as fotos no software de imagens vindas das agências, o jornal pretende adotar, com base nas normas internacionais do IPTC, os mesmos campos para identificação (nome, data e legenda). Conforme nos explicou José Carlos Brito Casaes, editor de fotografia do jornal A Tarde:

O jornal ainda não estabeleceu um padrão para legenda. Algumas informações anexadas junto com a fotografia podem ter sido originadas lá na pauta. Pelo padrão internacional do IPTC, todos os campos que aparecem na imagem como informação deveriam ser preenchidos. Já existe um projeto do Centro de Documentação (Cedoc) do jornal em andamento, para que o funcionário ou usuário do sistema preencha todos os campos necessários, da legenda da foto ao nome do fotógrafo, com uma janela de identificação no programa que ofereça possibilidades de que até 200 pessoas possam acessar a pesquisa ao mesmo tempo.³⁸

Atualmente, conforme nos explicou o editor de fotografia de A Tarde, há um número limitado de licenças para utilização de um programa que oferece entrada para a visualização das imagens disponíveis para a edição do jornal, que é o FotoStation³⁹. Apenas alguns editores e fotógrafos da redação têm permissão para acessar o programa por meio de uma senha. Os editores de fotografia e fotógrafos estão aptos a utilizar o FotoStation, bem como os pesquisadores que trabalham na busca de imagens para disponibilizar aos usuários da redação.

Verificamos que, em virtude de o jornal ainda não estar totalmente integrado às normas do IPTC, algumas imagens entram no programa com informações não padronizadas, como mostraremos a seguir.

Vale ressaltar, contudo, que não se trata de um problema exclusivo deste

com vistas a indexar a imagem com as seguintes informações do tipo: nome da imagem, título, palavras-chave que a descrevam, autor, data da criação etc. O objetivo é criar uma descrição padronizada com o maior número possível de informações baseadas nas normas regidas pelo IPTC. Com isso, a integração dessas informações permitirá que sejam preservados os dados da fotografia, mesmo que ela não esteja indexada em uma base de dados. Com isso, certas aplicações permitirão que sejam gerados uma plataforma imagética armazenadas em sistemas com boas chances de que, a partir de palavras-chaves, a pesquisa seja otimizada, evitando perda de tempo e demora na pesquisa. Os principais jornais do País já adotam as normas do IPTC e seguem o que determina o órgão.

³⁸ José Carlos Brito Casaes trabalha há 22 anos no jornal A Tarde e começou a carreira como repórter fotográfico. Entrevista concedida à autora deste trabalho.

³⁹ O FotoStation, da empresa norueguesa FotoWare, que desenvolve softwares desde 1994, é voltado para usuários que trabalham profissionalmente com arquivos digitais: fotografias, áudios, vídeos, áudios e gráficos. A redação de A Tarde utiliza esse programar para catalogar suas imagens. Além disso, funciona também como ferramenta de pesquisa em rede interna. Dessa forma, ele só pode ser consultado nos computadores ligados à central de dados do jornal. Nele ficam todas as imagens que foram selecionadas pelo editor de fotografia em meio à produção de cada fotógrafo. Só opera o sistema quem tem uma senha para tal, e o programa não está disponível em todas as máquinas da redação. Para localizar uma imagem, é preciso que se digitem palavras-chave. A partir delas, serão exibidas todas as fotografias disponíveis no sistema com aquela denominação. (RAMOS, op. cit., p. 65)

jornal. Mesmo as empresas jornalísticas que hoje estão com suas bases de dados quase que totalmente digitalizadas e dentro dos padrões vigentes do IPTC ainda registram problemas na recuperação de informações, conforme explicaremos, também, mais adiante.

Um exemplo de como as imagens aparecem atualmente no FotoStation. De acordo com o atual uso do programa, os campos preenchidos se referem à primeira aba (legenda). Uma amostra da imagem aparece no lado esquerdo com a retranca, termo que denomina, no jargão jornalístico, ao assunto de que trata a fotografia.

No campo denominado “Caption”, aparece o assunto a que se refere à pauta, com informações básicas sobre a foto, nome do repórter fotográfico e empresa onde trabalha (Agência de Fotografias A Tarde), bem como a data da foto. As abas seguintes – palavras-chave, data e status e outras informações não são atualmente preenchidas. Vale ressaltar, que não se trata de um problema exclusivo deste jornal.

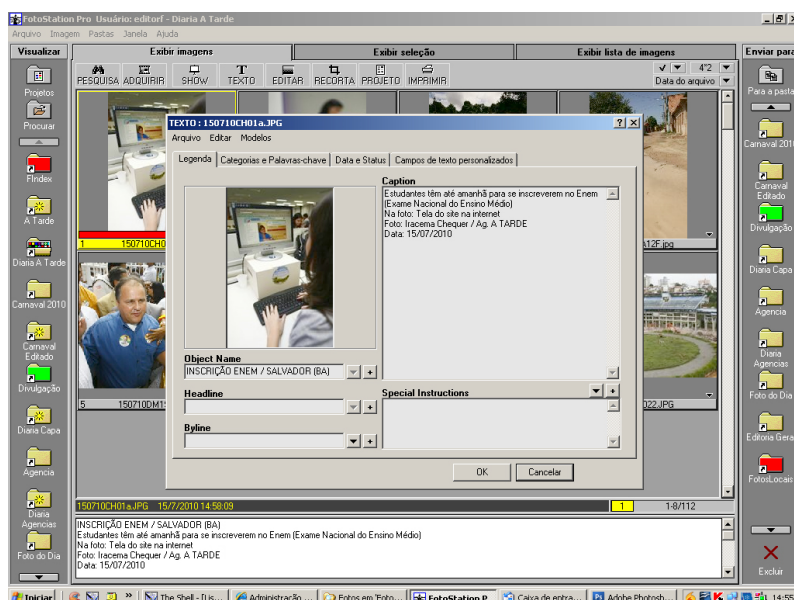


Figura 17 - Imagem do FotoStation

Fonte: jornal A Tarde

Aqui, capturamos uma tela que mostra uma foto da Agência Estado. Dentre as informações disponíveis, encontramos na aba “Legenda” uma foto em miniatura com a retranca (palavras-chave que identificam um texto: por exemplo, nesta foto, foram utilizadas três palavras (quadrilha/banco/salvador). Em seguida, um título nomeia o assunto (Acusados de assalto a banco são presos). No campo abaixo, vem o nome do fotógrafo. À direita, uma legenda explica maiores detalhes que situam a foto (quem, onde, como, quando e por que), mas em um texto corrido. Por fim, a data e o nome da Agência Estado (AE). Há ainda uma linha identificando, em

código alfanumérico, a foto, com a extensão da foto em formato JPG. Em seguida, fecham com as informações novamente da legenda.

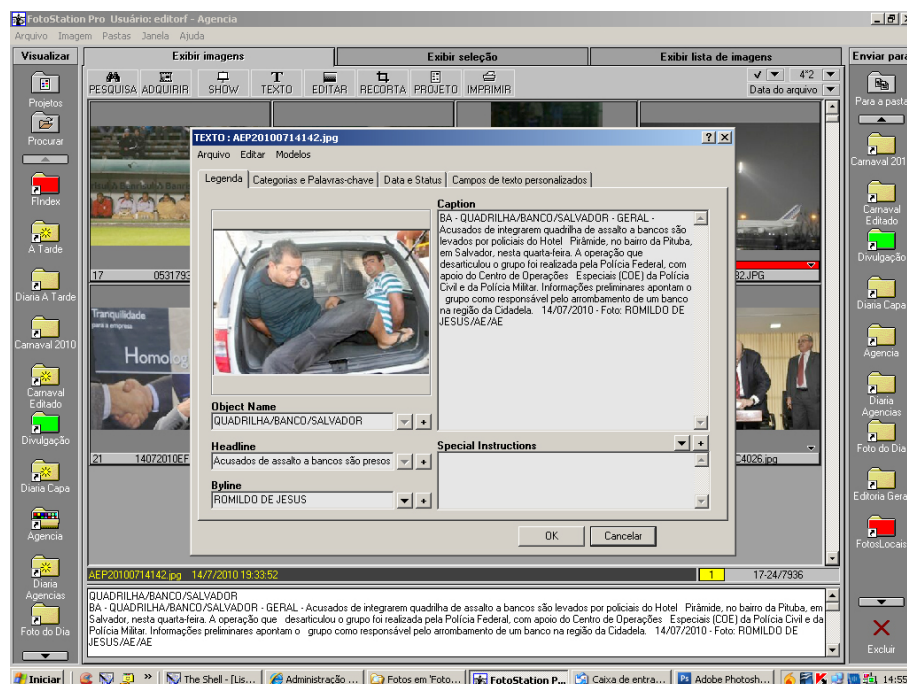


Figura 18 - Imagem do FotoStation

Fonte: jornal A Tarde

Nesta tela do programa, identificamos como a imagem chega por meio da agência internacional. Conforme explicado, o padrão IPTC de padronização de legendas pode ser observado. Neste caso, pegamos como exemplo a Agência France Presse (AFP)⁴⁰, que reúne o maior número de informações sobre a fotografia disponibilizada quando as imagens vão para a página da empresa. O jornal tem contrato de parceria com a agência, o que permite uso de imagens diariamente.

A legenda, com nome da agência e do fotógrafo, uma palavra-chave que identifica se a foto é horizontal ou vertical, categoriza, de acordo com o que foi adotada pela editoria de fotografia do jornal, a foto por editoria (no caso, o POL quer dizer “política”), a data em que foi feita a foto, crédito da foto, retranca etc. A cor

⁴⁰ A Agência France Presse (AFP) é a primeira agência de notícias do mundo e remonta à criação, em 1835, da agência Havas, pioneira das agências de notícias internacionais. Ela renasce sob o nome de Agence France-Presse, quando, em 20 de agosto de 1944, um grupo de jornalistas ligados à Resistência Francesa assume o controle do Escritório Francês de Informação, órgão do governo de Vichy durante a ocupação nazista. Possui uma base de dados fotográficos do ImageForum, com mais de duas mil novas fotos por dia, além de oito milhões de fotos de arquivo. Disponibiliza ainda 500 vídeos, além de mapas, jornais multimídia, bancos de imagens, com fotos e vídeos e bancos de dados esportivos. Disponível em <http://www.afp.com/afpcom/pt>.

verde no canto esquerdo da tela é um recurso para categorizar a importância da foto para o noticiário do dia.

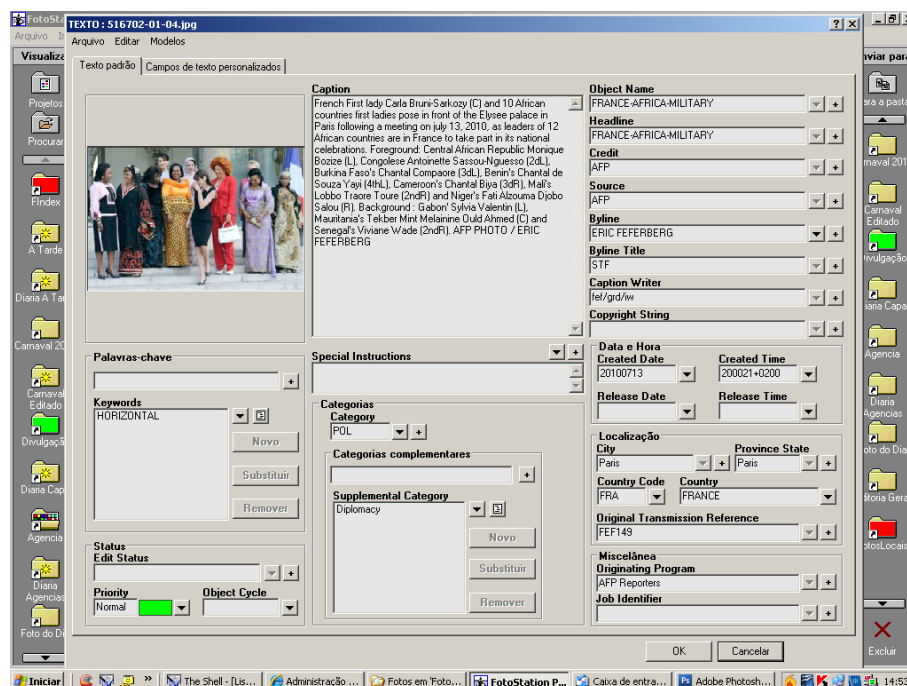


Figura 19 - Imagem do FotoStation

Fonte: jornal A Tarde

Detectamos, nesta pesquisa, que a identificação da foto é feita por meio de um código alfanumérico, seguido por um formato de imagem denominado Joint Pictures Expert Group JPEG⁴¹.

⁴¹ O formato Joint Pictures Expert Group (JPEG) é um tipo de arquivo para armazenamento de imagens que pode trabalhar com esquema de cores em 24 bits. Isso significa que este formato aceita 16,8 milhões de cores. O JPEG é um dos formatos de imagens mais populares e isso se deve à capacidade de formar imagens fiéis à original. Além disso, os arquivos em JPEG geralmente não são grandes. O JPEG utiliza um algoritmo de compactação que se baseia na capacidade do olho humano. No entanto, mesmo sabendo que arquivos em JPEG podem trabalhar com até 16,8 milhões de cores, o olho humano não é capaz de enxergar todas elas de uma vez. Assim, é possível tirar uma série de informações que representam cores em imagens e manter apenas aquelas visíveis ao olho humano. Em outras palavras, o formato JPEG "tira" da imagem aquilo que os humanos não conseguem ver. Esse processo é conhecido como compressão. Isso faz com que imagens bastante realistas sejam criadas, ao mesmo tempo em que esses arquivos não ficam pesados. Algo interessante no JPEG é que os arquivos podem ter diferentes níveis de compressão. Quanto mais existir compressão, ou seja, retirada de informação, menor será o tamanho do arquivo, porém pior será sua qualidade. Para disponibilizar imagens na internet, é interessante mantê-lo em um tamanho pequeno. No entanto, se a imagem for utilizada em um documento, muitas vezes é melhor mantê-la com o máximo de qualidade possível, para que a impressão seja satisfatória. Disponível em www.infowester.com/imagensnet.php.

Voltemos, pois, às informações não padronizadas nas quais batemos de frente ao realizarmos uma pesquisa no programa GN3, utilizado pelo jornal para a edição diária. Temos, porém, que explicar melhor como funciona a dinâmica de acesso às imagens do software.

Geralmente, quem tem permissão de visualizar fotos publicadas e que são disponibilizadas para fechamento de uma edição do jornal são os editores. Os repórteres também têm acesso às imagens no sistema, nem todos, mas há uma razão específica para a restrição. O número limitado de funcionários da redação que podem pesquisar diretamente um assunto no programa evita que haja sobrecarga no sistema, causando lentidão ou travamento. Por ora, a visualização está restrita por questão de praticidade. Assim exposto, vamos explicar a razão de identificarmos os exemplos abaixo que podemos encontrar no programa.

Existem duas possibilidades: uma é o editor pesquisar em um determinado campo do programa a partir de uma palavra-chave sobre determinado assunto do dia. Um ataque de um carro-bomba em Bagdá, que tenha causado a morte de centenas de pessoas em uma feira popular. Se a notícia abrirá a edição do jornal no dia seguinte, conforme decidido em reunião, o editor responsável pela página de assuntos internacionais deve começar a solicitar, junto ao editor-chefe de fotografia e equipe, as fotos das agências que registrem o fato.

Assim decidido, temos algum tempo para pensar como a página será – se iremos contemplar, além da matéria sobre o assunto, algum mapa, histórico de ataques na região, dentre outros recursos infográficos. Enquanto isso, aguardamos os funcionários da pesquisa disponibilizarem as fotos para a edição. O programa GN3 oferece um sem-número de páginas possíveis de serem trabalhadas. Se a página terá anúncio publicitário ou não, o editor terá condições de decidir qual o melhor modelo para sua página.

Todavia, muito dependerá da foto que porventura terá em mãos. No caso das imagens que chegam por meio das agências internacionais, em alguns casos informamos ao pesquisador de fotos algumas palavras-chave que facilitem a busca nas agências. Como o jornal trabalha com agências em inglês e espanhol, temos a opção de contar com a expertise do funcionário em identificar quais palavras levariam mais rapidamente ao assunto do dia ou, por meio de um programa de solicitação de fotos, identificar outras tantas que ele deverá digitar nas agências para filtrar a informação.

Assim exposto, retornemos aos registros⁴² na plataforma digital de fotografias sobre o ataque de carro-bomba no Iraque:

Nome: BRBTIRA10BFS.jpg
Data: 00:00 11/08/06
Legenda: An Iraqi policeman mourns over the body of a colleague, killed in a suicide bomber **attack**, in Najaf, 160 kilometers (100 miles) south of Baghdad, Iraq, Thursday Aug. 10, 2006. A suicide bomber detonated a belt of explosives on his body near a highly revered Shiite shrine in southern Iraq Thursday, killing at least 33 people and injuring 108, an official said. (AP Photo/Alaa al-Marjani)

Na dinâmica da pesquisa diária, os funcionários, sob a orientação do editor de fotografia, realizam a busca tendo como base algumas palavras-chave: *attack*, *Baghdad* e *Iraq*, com base em conhecimentos da língua inglesa ou, em alguns casos, o próprio editor da página fornece a dica, para agilizar o trabalho.

Agora, mostramos o que a nossa pesquisa de campo encontrou ao digitarmos no sistema de busca a palavra atentado:

Nome: 020806RP40.JPG
Data: 00:00 03/08/06
Legenda: Feira de Santana/ Sucursal . Foi preso por policiais da Delegacia de Atendimento à Mulher (DEAM) o desempregado Antônio Carlos Santos Silva, 32 anos, acusado de estuprar e cometer **atentado** violento ao pudor contra a menor de iniciais B.M.S, 08 anos. A prisão aconteceu na tarde de ontem, na residência de sua mãe no bairro Aviário em Feira de Santana.Foto: Reginaldo Pereira 02/08/2006

Nome: 100907Z60.jpg
Data: 00:00 24/09/07
Legenda: O Aterro Sanitário, ou lixão de Ilhéus, que fica localizado na região do Itariri, é, o que se pode chamar, de **atentado** à saúde das pessoas que residem naquela área, cercada de fazendas e pequenas propriedades. dentro já existem muitas famílias residindo, de onde tiram o sustento.Na foto: Enquanto as máquinas remexem o lixo, as pessoas disputam com os urubus.Foto Digital: Zeka. A Tarde.Data: 100907.

Nome: 633121471973133750.jpg
Data: 00:00 15/04/07
Legenda: EBAG26 BAGDAD (IRAK) 14/04/07.- Un hombre iraquí herido tras un **atentado** suicida con coche bomba en el puente Al Jadreyaa de Bagdad (Irak) hoy sábado 14 de abril. Brotes de violencia se registran por todo el país hoy cuando se han registrado más de 75 víctimas mortales en dos atentados ocurridos en Bagdad y Kerbala. En Gadiiriya, al sur de Bagdad, al menos 35 personas murieron y unas 50 resultaron heridos al detonar un terrorista suicida la carga que transportaba en un coche. EFE/Alí Haider

Nome: AGE20060707097.jpg
Data: 00:00 08/07/06
Legenda: SP - TREM/BOMBA/**ATENTADO** - CIDADES - Uma bomba caseira explodiu dentro de um vagão da CPTM nas proximidades do centro de São Paulo, na manhã de hoje. O artefato, considerado de baixo poder de destruição, explodiu sob um banco quando o trem estava parado na plataforma da Estação Brás e se preparava para seguir até Guaianases. Segundo a CPTM, onze pessoas ficaram levemente feridas. O trem foi removido a uma oficina da CPTM, o Abrigo Engenheiro São Paulo, localizado entre as estações Brás e Belém do metrô, na zona leste da capital e será liberado após perícia da polícia científica. 07/07/2006 - Foto: PAULO LIEBERT/AGÊNCIA ESTADÓ/AE.

⁴² Nota da autora: textos descritos na íntegra, conforme registro no programa de armazenamento de fotos.

Para entendermos de que maneira são visualizadas as fotos no sistema, mostraremos, a seguir, uma primeira página de jornal e as informações disponibilizadas no programa de armazenamento de fotos em uma edição. Primeiramente, a foto é solicitada:



[Cadastrar Solicitação](#)

Hora/Data	Pequisa	Solicitante	Editoria	Edição	Status
14:47:14 - 12/07/2010	Nilsette Gomes dos Santos (desaparecidos)	Karina Costa	Local/Salvador	13/07/2010	Foto não localizada
14:45:20 - 12/07/2010	060710TT7941, 060710TT7934	ana clélia	Revista Muito	25/07/2010	Pesquisa Concluída
14:12:00 - 12/07/2010	Keith Richards	Eduardo Bastos	Caderno 2	13/07/2010	Pesquisa Concluída
13:35:36 - 12/07/2010	090710MAM53, 110710TT 975, 110710TT 966, 110710TT 967, 110710TT 982, 110710TT 981, 110710TT 976, 110710TT 972, 070710MAM222	ana clélia	Revista Muito	25/07/2010	Pesquisa Concluída
12:20:19 - 12/07/2010	070710MAM309	ana clélia	Revista Muito	18/07/2010	Pesquisa Concluída
12:07:51 - 12/07/2010	Fotos de obras do artista Waltercio Caldas	Daniel Marques	Caderno 2	14/07/2010	Pesquisa Concluída
12:06:34 - 12/07/2010	Fotos da exposição Paisagens, Etc	Daniel MArques	Caderno 2	14/07/2010	Pesquisa Concluída
12:06:02 - 12/07/2010	Fotos das obras de Walderico Caldas	Daniel Marques	Caderno 2	14/07/2010	Pesquisa Concluída
12:03:25 - 12/07/2010	Roman Planski	pmoreira	Caderno 2	13/07/2010	Pesquisa Concluída
11:38:48 - 12/07/2010	Fotos do músico Júlio Caldas	Daniel Marques	Caderno 2	13/07/2010	Pesquisa Concluída
11:28:34 - 12/07/2010	Paulinho Moska	Eduardo Bastos	Caderno 2	13/07/2010	Pesquisa Concluída
10:57:17 - 12/07/2010	AFFONSO ROMANO	ana clélia	Revista Muito	18/07/2010	Pesquisa Concluída
10:47:26 - 12/07/2010	Renault Logan Roberto Nunes	Roberto Nunes	Motor	12/07/2010	Pesquisa Concluída
10:26:40 - 12/07/2010	imagem recente do polvo paul	regina de sa	A Tardinha	17/07/2010	Pesquisa Concluída
09:59:10 - 12/07/2010	cred valterio, Carlinhos Rodeiro, Lia Ferreira e Michel Telles.A foto 2, Ozana Barreto, Bruno Ferreira, Jacqueline Costa Lino, na festa de Michel. Cre	pmoreira	Caderno 2	13/07/2010	Pesquisa Concluída
09:56:17 - 12/07/2010	Jozú, O Encantador de Ratos (mandaram por email e eu também mandei agora)	Eduarda Uzêda	Caderno 2	15/07/2010	Pesquisa Concluída

Figura 20 – Programa para solicitação de pesquisa de fotos

Fonte: jornal A Tarde

O funcionário da pesquisa acompanha, nesta página, as solicitações cadastradas por editores e repórteres, quando for necessário. É obrigatório o preenchimento de todos os campos e informar do que se trata o assunto. O funcionário da redação deverá preencher o nome, editoria e edição que sairá publicada a foto. A partir daí, o editor ou repórter pode acompanhar se a foto já se encontra disponível. A cor verde indica que a pesquisa foi concluída; a cor azul sinaliza que a foto não foi localizada e, por fim, a cor vermelha mostra que o funcionário da pesquisa realiza o trabalho de localizar a imagem.

Se a foto for autorizada pelo editor de fotografia, a imagem entrará no sistema. Esta é a tela onde são mostradas as fotos produzidas pela Agência A Tarde e outras com as quais o jornal tem parceria. Assim que as fotos são requisitadas

pelos editores, as imagens aparecem no programa. Quando o editor identifica a foto que poderá ilustrar o texto na página, o diagramador⁴³ marca a foto e, em alguns minutos, ela estará na página:

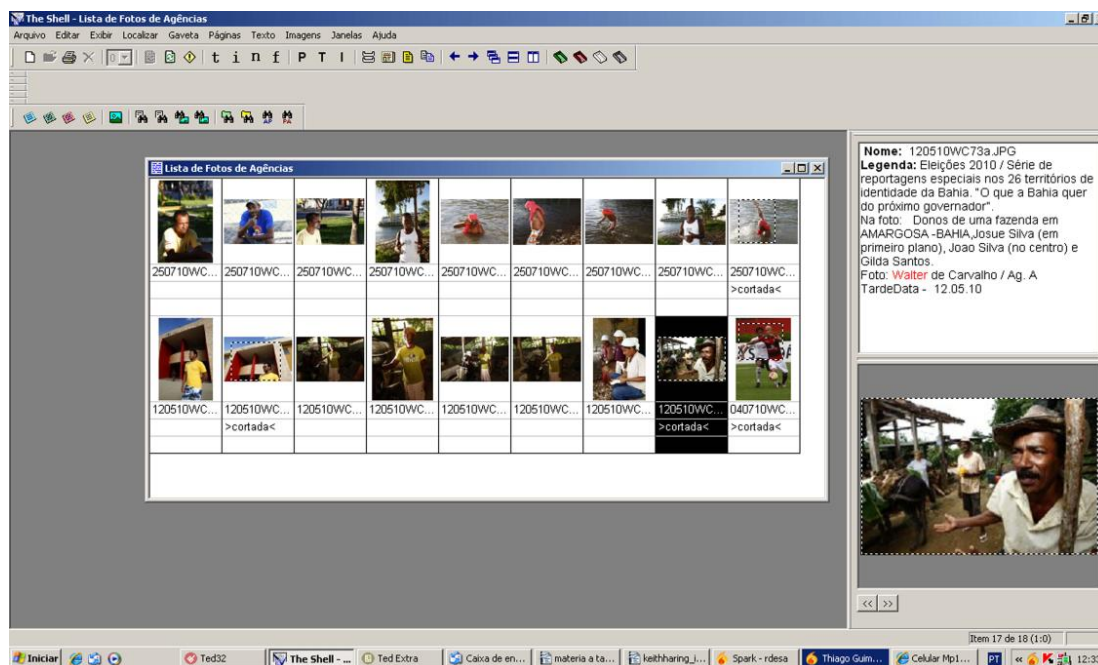


Figura 21 - Programa The Shell - Lista de Fotos de Agências
Fonte: jornal A Tarde

⁴³ Diagramador tem como função desenhar uma página que será impressa. A diagramação (ou paginação) é utilizada em diversas mídias, como jornais, revistas, livros, cartazes etc.



FÓRMULA 1 Escuderia obriga Massa a ceder 1ª posição na corrida a Alonso

FIA multa Ferrari por falta de ética

A Federação Internacional de Automobilismo (FIA) multou ontem a Ferrari em US\$ 100 mil no Grande Prêmio da Alemanha, por ter ordenado que piloto brasileiro Felipe Massa - até então líder da corrida - desse passagem a seu compatriota de equipe, o espanhol Fernando Alonso, que acabou como vencedor. A mudança de posição entre os dois pilotos, feita após mensagens de texto, foi considerada conduta fraudulenta. O episódio será analisado pelo Conselho Mundial da FIA, que poderá ampliar a punição. **REPORTAGEM** 4 e 6

BRASILEIRÃO
 MANO DEIXA O TIMÃO LÍDER E HOJE CONVOCA A SELEÇÃO

VÓLEI
 BRASIL VENCE A LIGA MUNDIAL MASCULINA PELA NONA VEZ

ASSALTO
 Escritório da PF sofre sequestro relâmpago

FORMAÇÃO
 Alunos da PM atuam nas ruas como soldados

ORIENTAÇÃO
 Criação de galinha capirra gera bons lucros

INDÚSTRIA
 Índios reúnem 100 funcionários de hidrelétrica

ESPORTES
 Após tragédia, festival alemão de música é extinto



AMARGOSA e o desemprego

Desde se aproximou à série de reportagens sobre o que a população brasileira espera do governo que foi eleito em 2010, a TARDE dá a Amargosa, no Vale do Jequitinhonha, e conta de dois momentos, entre eles o agricultor Josémar Gomes, que vive a falta de máquinas ou de outros equipamentos que geram pontos de trabalho. **REPORTAGEM**

CADERNO 2+
 PARA PROVOCAR A CADA 4 SEGUNDOS

2+ SEMCINE
 TÁRQUÍ ALI FALA A CADERNO ESPECIAL SOBRE HISTÓRIA, IRA E CHÁVEZ

HOJE
 em 800 jornais

2+
 CADERNO ESPECIAL

Figura 22 - Capa de uma edição do jornal
 Fonte: jornal A Tarde, edição de 20/07/2010

Ao trazermos à discussão a importância do controle terminológico em um trabalho de pesquisa que trata da gestão de documentos, levantamos questões relevantes sobre o tratamento e organização da informação sob a ótica da Ciência da Informação. No momento em que as novas tecnologias trazem luz à organização de documentos imagéticos - antes quase que totalmente relegados ao esquecimento ou ao obsolescência de métodos e técnicas de armazenamento em plataformas analógicas e digitais -, buscamos compreender como os pesquisadores que ora tratamos neste estudo discutem e descrevem as linguagens documentárias (LDs) e o trabalho de recuperação de documentos.



CIDADANIA | Hospitais lotados, insatisfação de servidores, abandono nas ruas. O que há para comemorar?

Dia Mundial da Saúde...



EMERSON SANTANA | AG. A TARDE

Um bebê com pouco mais de um quilo explodiu para a vida, ontem, às 13h30, no calçadão de Ondina. O menino, ainda sem nome, nasceu no Dia Mundial da Saúde, sem que sua mãe, a guardadora de carros Lucicleide da Anunciação Bispo, 32 anos, jamais tenha feito um exame pré-natal. Lutando para viver, o pequeno prematuro foi amparado pela médica fisiatra Lícia Ferreira Carneiro, 31, grávida de sete meses. Ela teve de resumi-lo, pois ele veio ao mundo sem pulsação. Em oito anos de profissão, foi o primeiro parto e a terceira vez que Lícia fez massagem cardíaca em uma criança — numa delas, o paciente não

...da vida no asfalto...



EDUARDO AMORIM | AG. A TARDE

Amiga visita o barraco de Lucicleide



AMÉLIO BAPTISTA | AG. A TARDE

Cleonete: demora para ser atendida



AMÉLIO BAPTISTA | AG. A TARDE

Violência aumenta lotação nos hospitais

...do descaso e do protesto



ANDRÉ MENEZES | G. UNIC

resistiu. A história que uniu duas mulheres que vivem em mundos diferentes na mesma Salvador não foi a única que marcou a data criada pela Organização Mundial da Saúde. Cenas de descaso e protesto ocorreram no Hospital Geral do Estado, onde 50% dos funcionários cruzaram os braços contra o que chamam de distorções do plano de carreiras, cargos e vencimentos, aprovado em janeiro pela Assembleia Legislativa. A manifestação aumentou a demora pelo atendimento na unidade, que até o meio-dia tinha recebido 250 pacientes. Cleonete Ferreira de Jesus, por exemplo, ficou numa ambulância à espera de socorro após enfrentar quatro horas de viagem e 287 quilômetros entre Capim Grosso e Salvador. Nem ontem a dengue deu tréguas: mais uma pessoa, a 12ª, morreu em Itabuna. Em Feira de Santana, a preocupação com a doença fez médicos iniciarem campanha para adiar a micareta. Num dia em que deveriam ser celebrados bons resultados, ficou claro que as autoridades municipais e estaduais têm de tomar muitas providências para dar um atendimento adequado à população | SALVADOR | PÁGINAS A4 E A5 | BAHIA | PÁGINA B8

CONGRESSO |
Deputados aprovam novas alíquotas do IR
| ECONOMIA | PÁGINA B4

MORALIDADE |
Câmara fará concurso público
| POLÍTICA | PÁGINA B1

Caderno 2
SHOWS, AUTOS E MÚSICA CLÁSSICA NA PÁSCOA
PÁGINA 1

Motor
MINICARROS CHEGAM AO BRASIL
R. 1 E 2



RS 100 MILHÕES |
Empreiteiros cobram dívidas do Estado
| TEMPO PRESENTE | PÁGINA A2



SERVIÇO
Cimento
As lojas de material de construção estão cobrando menos pelo saco de 50 kg de cimento. Graças à redução do IPI, o preço caiu de R\$ 20 para R\$ 19,20 | p. A6

INSS
A Central 135 da Previdência Social faz agendamento de atendimento para trabalhadores autônomos e prestadores de serviço | p. A6

ARTICULISTAS DE HOJE
| Tarcísio Abujdi | p. A3
| Wete Amaral | p. A3
| Rafael Almeida | p. A3
COLUNISTAS DE HOJE
| Dora Kramer | p. B2
| Paulo R. de Castro | p. B5
| Toldo | ESPORTES

EDITORIAL
Verão de dengue
O Ministério da Saúde alertou quanto aos riscos de um vinífero retorno da dengue. Inteligentemente, as ações preventivas ficaram aquém da expectativa | p. A3

ESTA EDIÇÃO
7 COLUNAS - 42 PÁGINAS
CALENDÁRIO 1: 16 páginas
CALENDÁRIO 2: 8 páginas
ESPORTE CLUBE: 6 páginas
DIGITAL: 4 páginas
MOTOR: 4 páginas
CLASSIFICAÇÃO: 12 páginas
POPULARES: 12 páginas

O jornalismo fotográfico, devido ao enorme alcance das publicações que o utilizam, exerce maior influência sobre o pensamento e a opinião pública do que qualquer outro ramo da fotografia
W. Eugene Smith

5. HORA DE OUVIR A REDAÇÃO

Para que apresentássemos claramente os objetivos de investigação que nos propusemos inicialmente, elaboramos o questionário - para ser aplicado na redação do jornal A Tarde - baseado nos objetivos gerais. Nossa proposta era identificar, junto aos respondentes, de que maneira observavam e tinham conhecimento de como era feita a descrição dos documentos fotográficos, tanto em meio analógico como digital. Com base nas respostas é que poderíamos identificar a possibilidade de possível traçar um comparativo entre a indexação do acervo fotográfico analógico e digital do jornal A Tarde verificando os procedimentos adotados por outros jornais na indexação de fotografias.

Editores, repórteres, fotógrafos, estagiários, pesquisadores, diagramadores, coordenadores de conteúdo jornalístico e de mídias: cada um desses profissionais carrega uma experiência profissional diferenciada. A redação do grupo A Tarde possui uma escala hierárquica de funções: o editor-chefe, secretário de redação na abertura da edição do dia, secretário de redação no fechamento da edição, editor de integração e conteúdo, editores-coordenadores, editores de fechamento, repórteres de texto e fotográficos e, por fim, diagramadores.

O universo de uma redação de jornal prima, exclusivamente, por gerar notícia, correr atrás da informação, do furo jornalístico, de checar informações que chegam a todo o instante, de confrontar dados e gerar novos conteúdos, de colocar a notícia acima de ideais e fazer valer o princípio máximo que rege a profissão, que é a ética.

Diante do exposto, buscamos avaliar como, a partir do nosso problema de pesquisa e dos objetivos delineados no escopo desse estudo, poderíamos elaborar o questionário, uma das técnicas aplicadas para coleta de dados da pesquisa, de maneira que chegássemos às inquietações iniciais.

Na aplicação de um questionário pré-teste, já vislumbrávamos que estaríamos realmente diante de um público diferenciado – o de profissionais que trabalham em uma redação de jornal, usuários de plataformas de fotografias para fins de publicação. Selecionamos 17 pessoas para aplicar o questionário e, em uma das perguntas, um dos entrevistados nos relatou desconhecer o significado da palavra indexação. A pergunta era esta: “Já pesquisou fotos na base de dados de outro

jornal”. A resposta teria de ser “sim” ou não. A pessoa que nos questionou o termo respondeu “não”. Na pergunta seguinte, ela teria que nos informar: “Caso conheça, o que achou do modelo de indexação da fotografia?”. O entrevistado grifou a palavra indexação e escreveu, logo abaixo: “O que é indexação?”.

Após as explicações necessárias, a pessoa respondeu – dentre as opções “bom”, “regular”, “eficiente”, “igual ao sistema deste jornal” e “outros” – que considerava regular maneira como as informações a respeito da imagem armazenada eram dispostas para fins de descrição. Porém, o entrevistado salientou, por escrito, que “cada um escreve o que quer, falta padrão” [para representar o conteúdo]. De pronto, identificamos que, para alguns jornalistas, indexar uma fotografia é o tipo de informação irrelevante para abordamos no questionário, se o objetivo seria entender o complexo universo de armazenamento imagético.

A partir dos dados coletados nos questionários, poderíamos, inclusive, analisar, com esses parâmetros, as formas de indexação e recuperação da informação nas plataformas analógica e digital do jornal A Tarde.

A aferição dos conhecimentos foi obtida por intermédio da elaboração de um questionário com 18 perguntas. Aplicamos o questionário a partir de um número de funcionários somente da redação. Inicialmente, obtivemos, junto à direção da redação, a lista de todos os funcionários do setor. À época que checamos essa lista, o departamento registrava 150 pessoas no quadro de funcionários. Para tanto, montamos um esquema que pudesse contemplar a aplicação do questionário, já que o departamento possui uma dinâmica diferenciada: são três equipes trabalhando ao longo do dia, o que demandaria uma abordagem em horários distintos. Vale ressaltar que os jornalistas não possuem um horário rígido de trabalho, pois, muitas vezes, as equipes trabalham em escalas de plantão, na cobertura de eventos até mesmo fora da cidade e do país, em horários diversos, dentre outras situações.

Esta era uma questão. A outra dizia respeito ao grupo de funcionários. Na nossa primeira avaliação das funções que cada um deles exercia no setor, verificamos que alguns profissionais, embora diretamente envolvidos no fluxo organizacional do setor, não tinha qualquer acesso às plataformas fotográficas da empresa – aí incluindo alguns diretores da redação, secretárias e até mesmo os fotógrafos, para nossa surpresa.

Aos fotógrafos, é permitido o acesso ao armazenamento do material que eles produzem, sem qualquer vínculo com o programa GN3. Todavia, tomamos a decisão

de incluir os fotógrafos nos questionários por conta da plataforma analógica ser um ambiente acessível a eles – para consultar documentos imagéticos produzidos por eles ou colegas da profissão, dentre outras necessidades.

Também optamos pela participação dos repórteres estagiários, porque os profissionais, embora não sejam do quadro efetivo da empresa, possuem acesso ao programa, porque precisam acompanhar como se desenvolve a produção jornalística. Um dado interessante de nossa pesquisa é que detectamos que, dos 78 questionários aplicados, 5,13% dos profissionais da redação são repórteres estagiários, contra 1,28% de contratados como editores e repórteres.

Diante do exposto, o critério de seleção nos levou a 78 respondentes. Cada questionário era constituído por 18 perguntas de escolha múltipla e um espaço onde o respondente poderia acrescentar uma informação de livre escolha que não atendesse a sua possível resposta. Vale ressaltar que todos os funcionários contaram com a presença da pesquisadora na hora da aplicação do questionário.

Com a amostra e área de aplicação claramente definidas - os funcionários da redação que utilizam/têm acesso às bases de dados de imagem do jornal A Tarde -, obtivemos 100% das questões respondidas, pois todos mostraram interesse em colaborar e se viram motivados a colocar suas ideias e sugestões conforme respondiam às perguntas. Enquanto liam cada uma delas, relatavam experiências sobre o arquivo analógico - fotos que tinham conhecimento da existência no arquivo e que, ao procurarem por elas novamente, não mais as encontraram, fotos que identificaram arquivadas em pastas totalmente diferentes de onde deveriam estar, dentre outras situações.

5.1 O que disseram os entrevistados: os questionários

Muitos dos respondentes disseram que sentiam dificuldade em localizar fotografias tanto no sistema analógico quanto no digital, por motivos variados. No caso das fotos armazenadas na plataforma digital, os entrevistados disseram que as informações indexadas à foto nem sempre correspondiam à imagem – ou, em outros casos, faltava o básico: data e nome do fotógrafo. Mas essa problemática foi destacada com maior relevância no arquivo analógico. Outros respondentes, embora soubessem da existência do antigo acervo de documentos, não souberam informar onde ficava o departamento – desconheciam a localização física.

Vale salientar que, nesse exemplo, a resposta foi dada por um estagiário e não serve como parâmetro, uma vez que o tempo em que esses profissionais trabalham na empresa é relativamente curto.

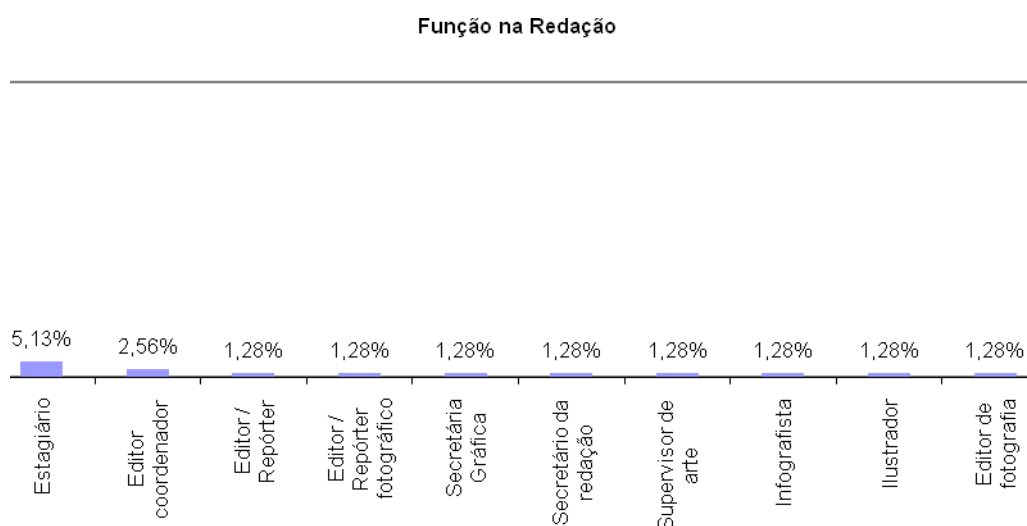


Figura 23 - Função de cada funcionário na redação

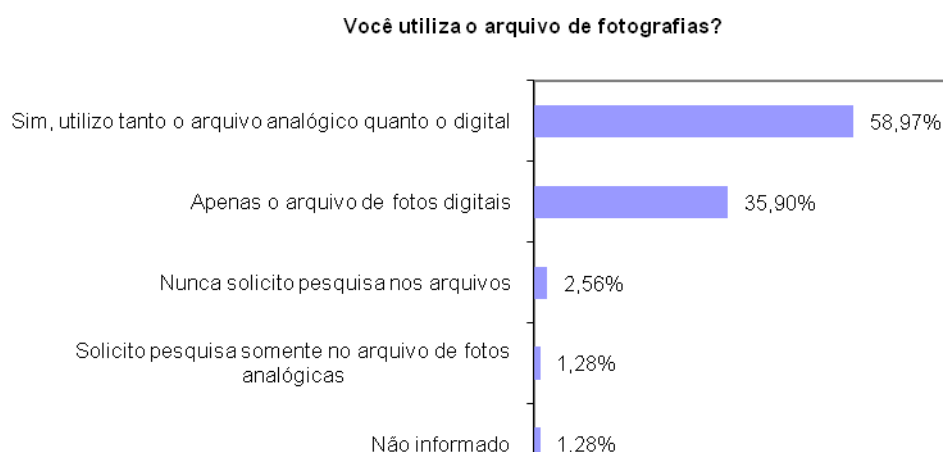


Figura 24 - Uso das plataformas de fotografia

Nesta questão, observamos que mais da metade dos respondentes têm acesso e utilizam as duas plataformas de fotografias da empresa. Uma parte

significativa dos usuários tem acesso/utiliza mais o arquivo de fotos digitais. Interessante observar que o arquivo de fotografias analógicas está em outro andar, o que pode indicar maior interesse em solicitar a base de dados digital por ser esta mais próxima fisicamente do usuário.

As imagens no modo analógico ainda não foram todas digitalizadas e não se encontram em uma base de dados única. Hoje em dia, é até mais fácil consultar uma foto dos anos 1950 de um artista ou político por intermédio de uma agência contratada pela empresa do que pesquisar no arquivo analógico, embora já exista o projeto de unificar as bases de dados. Por enquanto, a dificuldade existe e tal informação obtida no questionário demonstra a urgente necessidade da migração dos conteúdos e documentos imagéticos em uma base de dados única.

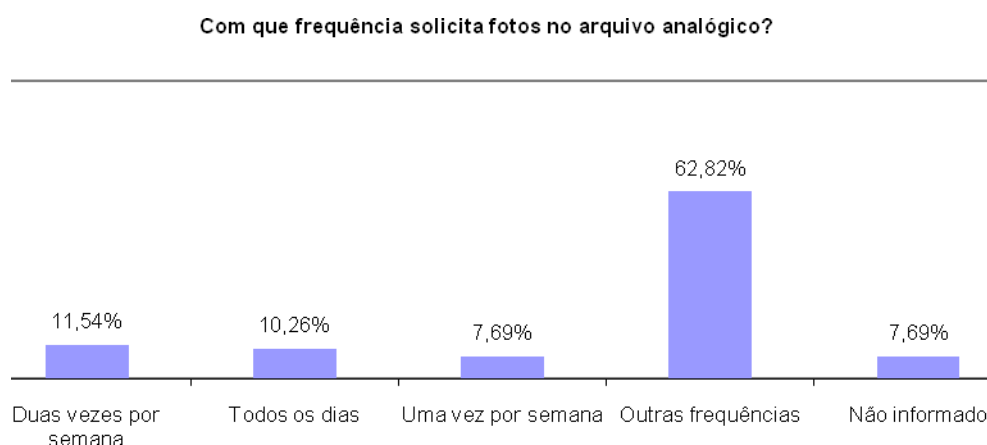


Figura 25 – Solicitação de imagens do arquivo analógico

Quanto à frequência de solicitação de fotos no arquivo analógico, 62,82% responderam que quase nunca utilizam ou quando precisam localizar uma imagem que reporte ao tema específico de uma matéria ou caderno especial. Raramente (17,95%) foi a resposta mais aplicada quanto à frequência de solicitações dos respondentes.

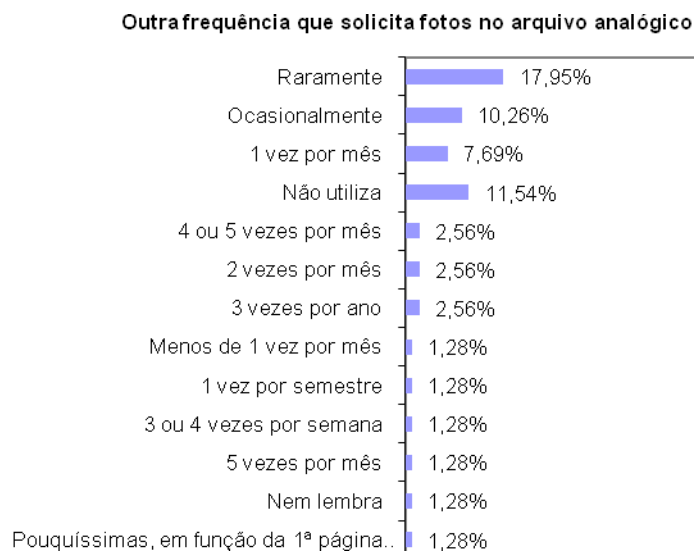


Figura 26 - Número de solicitações ao acervo analógico

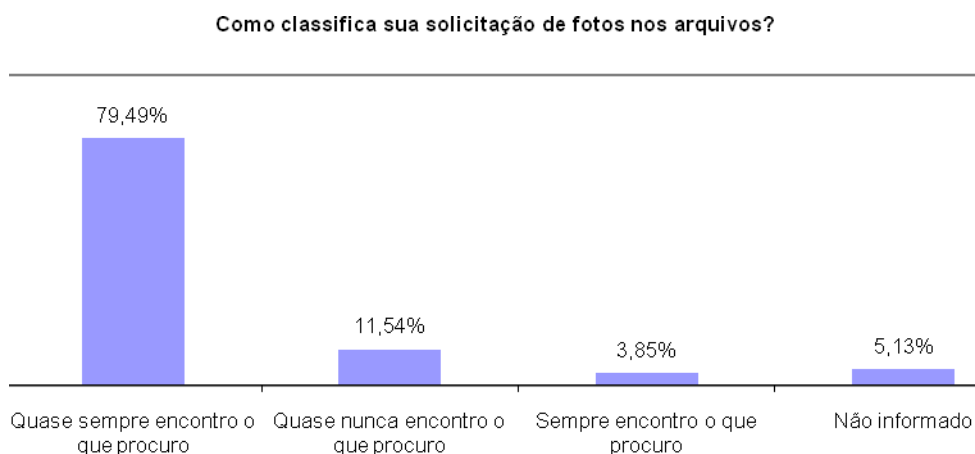


Figura 27 - Solicitação nos arquivos e grau de satisfação do usuário

Observamos, aqui, que a maioria dos respondentes (79,49%) informa que, ao solicitar uma foto em ambas as plataformas, quase sempre encontra o que procura. A resposta tem sua razão porque, em alguns casos, o respondente pede uma ou mais opções de fotos quando não se sente satisfeito com o resultado.

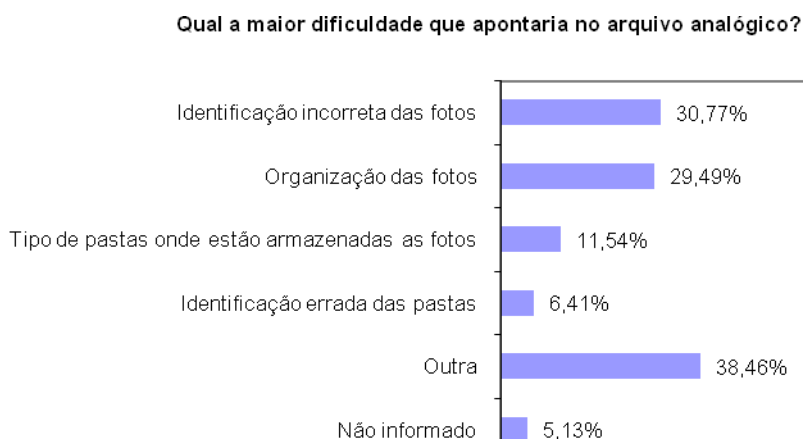


Figura 28 - Organização do arquivo analógico

Quando questionados sobre os principais entraves para localizar uma imagem, 30,77% dos respondentes apontaram para a identificação incorreta das fotos. Nesse sentido, entendemos como identificação incorreta dos documentos como ausência de informações quanto à origem, inexistência da data ou autor do documento, nome da pessoa ou lugar, bem como assunto a que se referia a fotografia, além de outros dados verificados na nossa pesquisa de campo, conforme relatado nessa pesquisa. Os respondentes, portanto, apenas corroboraram com os dados encontrados durante a primeira averiguação que realizamos no acervo.

Quanto aos 29,49% dos respondentes que apontaram como dificuldade a organização das fotos no acervo, retomamos ao nosso estudo, quando verificamos que a massa documental ali depositada representa, a priori, perda de informação.

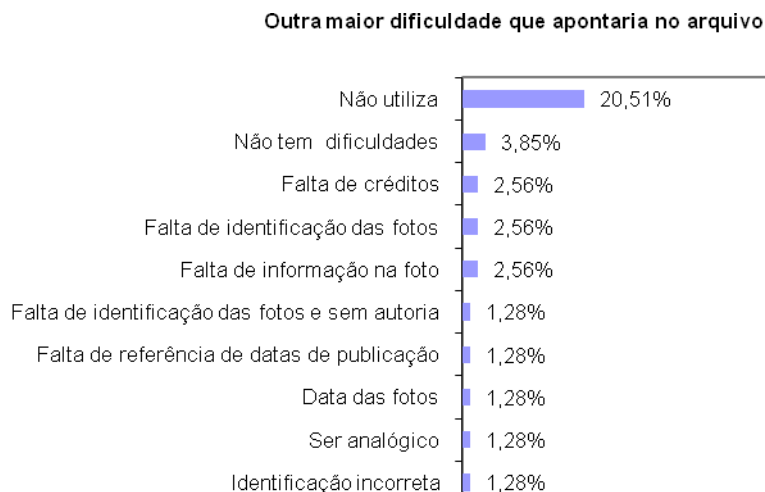


Figura 29 - Utilização do arquivo analógico e problemas

Embora 20,51% dos respondentes afirmassem que não utilizam o arquivo analógico e 3,85% disseram que não têm dificuldades quando buscam informação no acervo, problemas recorrentes que apontamos na nossa pesquisa de campo – fotos sem crédito, ausência de identificação ou informações que pudessem esclarecer origem ou data de publicação foram as maiores queixas apontadas pelos usuários. As respostas só confirmam nosso trabalho de campo, e, de acordo com nossos registros aqui apresentados, concluímos que não se trata apenas de uma busca ocasional de fotografias: o uso de ambas as plataformas é constante e, portanto, quando não se encontra uma imagem ou o documento foi indexado sem os devidos critérios arquivísticos, correrá o risco de jamais ser localizado, principalmente na plataforma analógica. Muitos documentos, imagens, pastas, negativos, cromos e outras mídias ainda não foram devidamente tratados, embora o trabalho demande tempo e investimentos.

Ao encaminhar solicitação para o arquivo analógico, você precisa escrever o nome do tema/pessoa que busca ou apenas diz ao funcionário do arquivo?

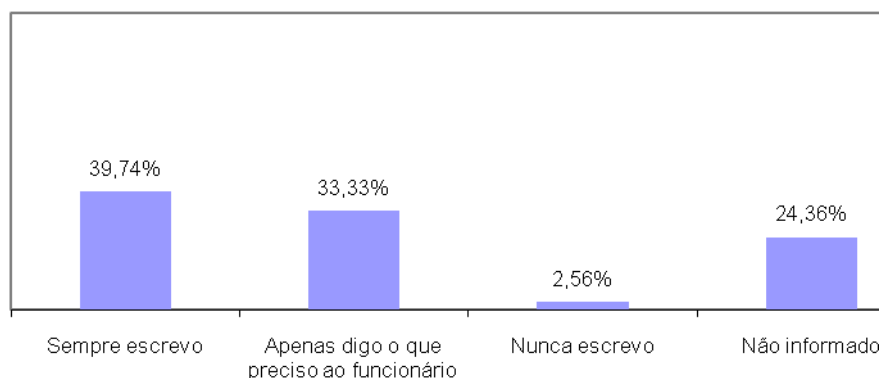


Figura 30 - Solicitação de imagens

Para facilitar o trabalho do pesquisador, 39,74% afirmaram que preferem escrever o que precisam, outros 33,33% optam por dizer ao funcionário.

Em qual arquivo é mais fácil e rápido encontrar uma foto?

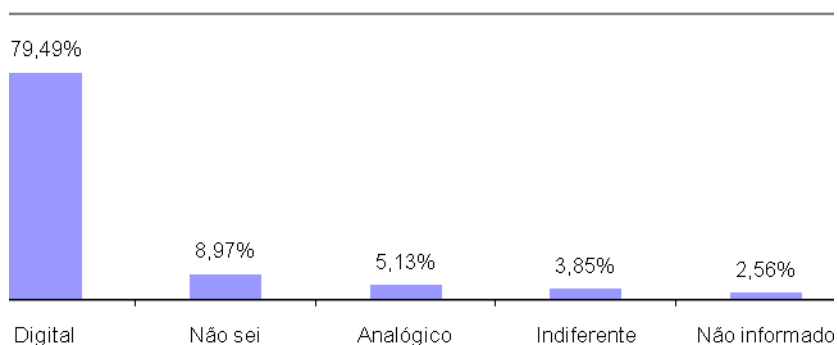


Figura 31 - Facilidade de acesso a imagens

Na plataforma digital de fotografias, 79,49% dos respondentes apontaram maior facilidade e rapidez para localizar fotos. Se compararmos com as informações dadas sobre os 79,49% que disseram ter poucos problemas para localizar fotos e com o fato de que 17,95% daqueles respondentes apontarem ser muito raro solicitar fotos no arquivo analógico, concluímos que o uso e a demanda ao acervo digital é superior à solicitação no arquivo analógico. Portanto, há urgência em reestruturar

ambas as bases de armazenamento, embora, na plataforma digital, as informações não sejam ordenadas, tampouco existe um descritor ou tesauros próprios para fins de indexação uniforme.

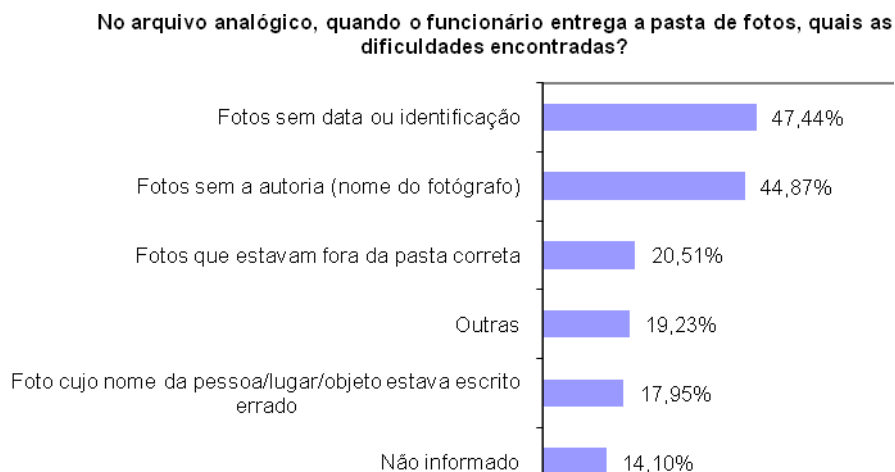


Figura 32 - Pastas de fotos no arquivo analógico

Fotos sem data ou identificação foi a maior dificuldade apontada por 47,44% dos respondentes, seguida bem de perto pela ausência de autoria do documento (44,87%). Fotos que não estavam arquivadas na pasta correta foi outro item descrito por 20,51% das respostas. Vale ressaltar, porém, que o problema nem sempre remete à desorganização do departamento. Conforme disseram alguns funcionários que trabalham há mais tempo na empresa, muitas vezes, pastas eram requisitadas e enviadas à redação. Como o manuseio era feito diretamente por editores ou repórteres, os documentos, por vezes, retornavam ao arquivo sem que houvesse, em muitos casos, a preocupação em verificar se a foto fora novamente armazenada na pasta correspondente. Também é importante frisar que já alguns anos as pastas não mais são retiradas do arquivo, ficando restrito o manuseio no centro de documentação da empresa.

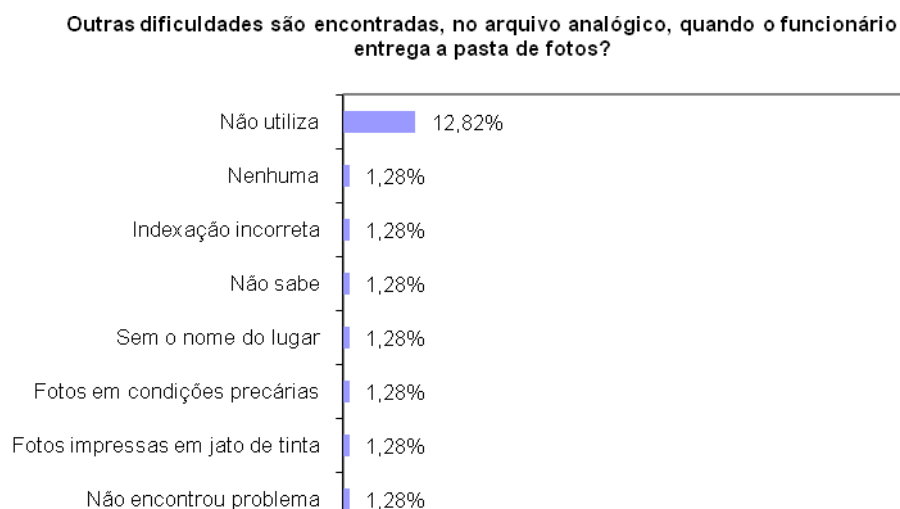


Figura 33 - Estado de conservação das fotos

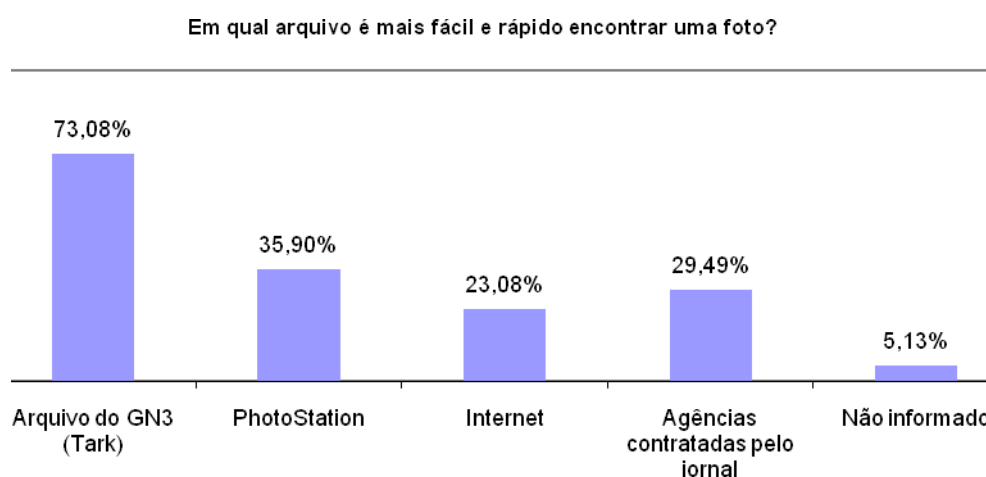


Figura 34 - O programa GN3 e outras mídias

O Tark, conforme explicamos neste trabalho, é um campo onde são visualizadas pelos usuários as imagens publicadas nas edições de todos os suplementos e editorias do jornal. Nele, é possível, a partir de alguns comandos, localizar uma imagem e a página onde foi publicada. Para tanto, o usuário deve ter em mãos algumas informações – data, assunto, editoria etc. Em segundos, a página e ou a foto aparece na tela. É possível também visualizar a edição arquivada em formato PDF, mas essa possibilidade é restrita a alguns usuários, como editores.

Diante do exposto, chegamos a 73,08% dos respondentes afirmarem que encontram com maior rapidez uma imagem no Tark, ao passo que 35,90% deram crédito à rapidez quando pesquisam ou solicitam imagens no FotoStation e outros 29,49% disseram que as agências contratadas pelo jornal são a melhor fonte de consulta e busca de imagens. Portanto, conforme apuramos na nossa pesquisa de campo e com base nas informações visualizadas a partir dos programas de imagens, tanto as agências quanto o que se encontra na base do Tark são os meios mais eficientes de encontrar imagens. O Tark, por absorver milhares de fotos vindas das agências, que seguem os padrões IPTC e, portanto, atendem às exigências internacionais de informação imagética.

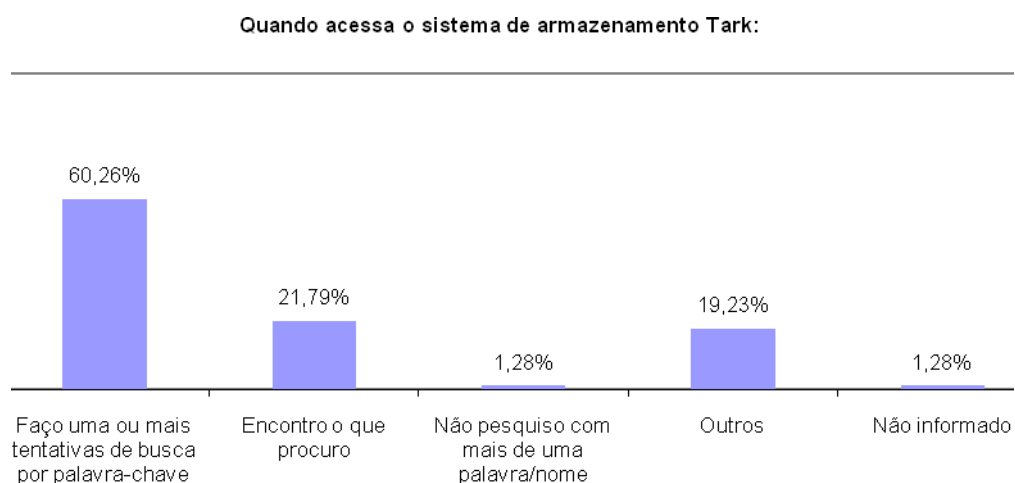


Figura 35 - O Tark como fonte de pesquisa

O Tark - a título de consulta e como ferramenta para verificação de imagens já publicadas pelo jornal - é muito procurado por 60,26% dos respondentes. Porém, como inexistente um padrão de classificação de fotos, os usuários fazem uma ou mais tentativas de busca por palavra-chave. Mesmo assim, 21,79% dos entrevistados disseram encontrar o material.

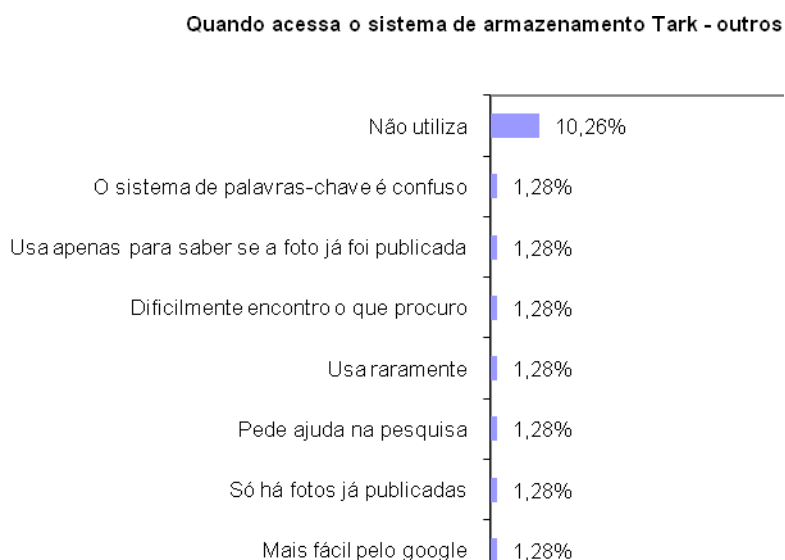


Figura 36 - O Tark e as dificuldades na busca por palavras-chave

Observamos que houve um equilíbrio nas respostas encontradas quando outras questões foram apontadas pelos usuários do Tark. Embora seja um arquivo digital permanente, a busca por palavra-chave foi vista como confusa, mas o respondente revelou que acessa o Tark para verificar se a foto saiu publicada em outra edição, a fim de não repetir uma mesma imagem, caso uma matéria ganhe destaque na semana e vá para a edição novamente.

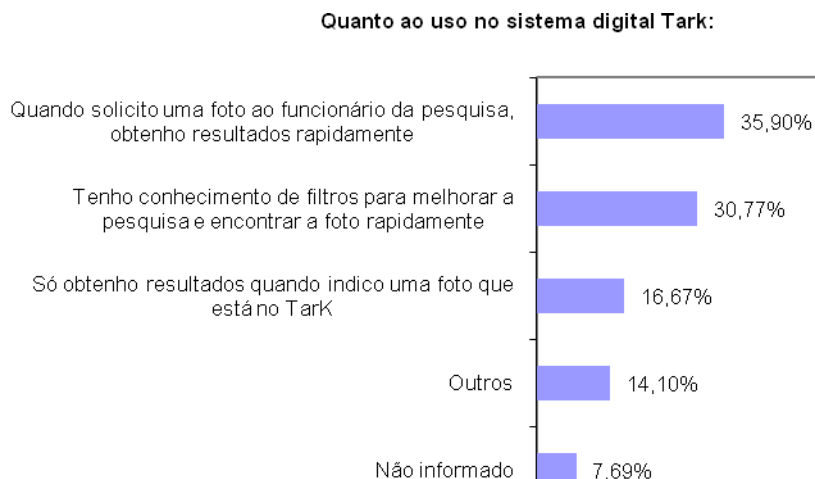


Figura 37 - Grau de conhecimento da ferramenta Tark

De acordo com a resposta dada pelos usuários sobre o uso do sistema digital Tark, nem todos os funcionários da redação possuem familiaridade ou tempo para parar e procurar uma foto. Por isso, em alguns casos, 35,90% dos respondentes disseram deixar a cargo do funcionário da pesquisa essa tarefa, enquanto que 30,77% afirmaram ter conhecimento de filtros de pesquisa para obter fotos por meio do sistema. Porém, 16,67% apontam sucesso na localização da imagem quando, por meio da solicitação de pesquisa de fotos, indicam a informação alfanumérica da imagem que desejam.

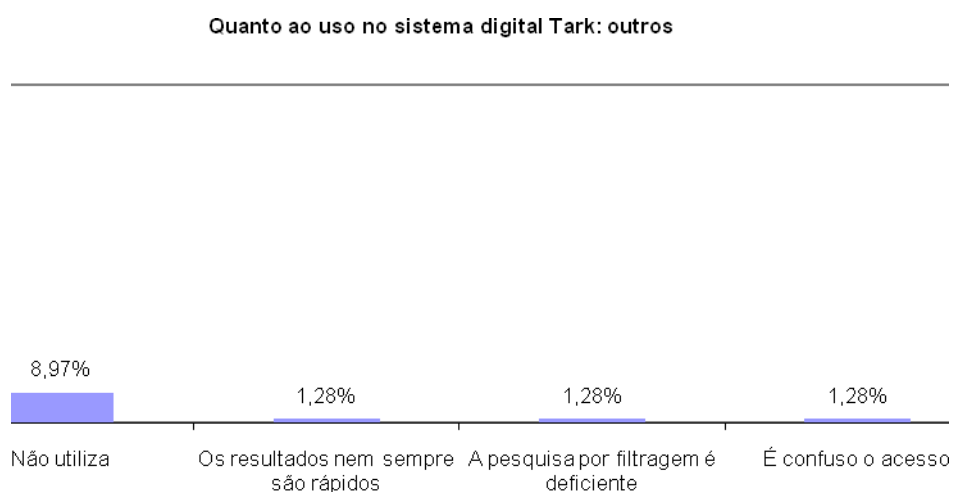


Figura 38 – O Tark e outras aplicabilidades

Ao solicitar a foto ao funcionário da pesquisa, fica satisfeito com o resultado?

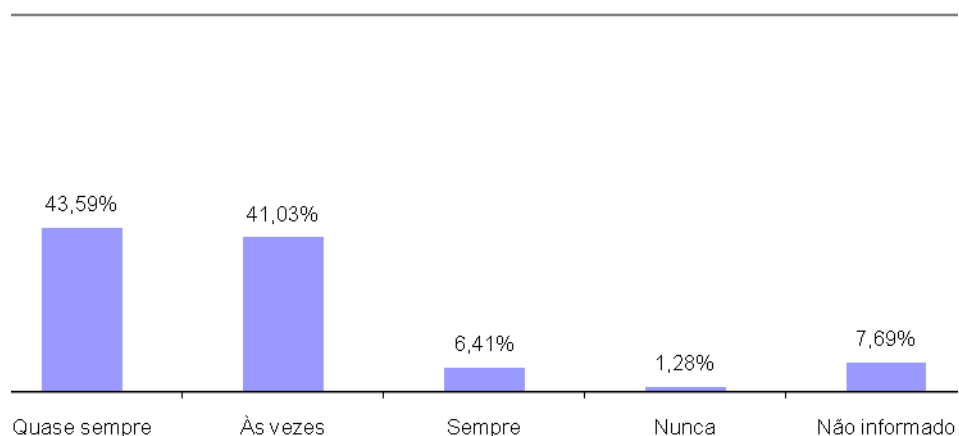


Figura 39 - O Tark e os resultados da pesquisa

Quanto à solicitação de uma foto, 43,59% dos respondentes afirmaram estar quase sempre satisfeitos com o trabalho do funcionário da pesquisa, mas 41,03% deles disseram que às vezes consideram eficiente o resultado. Nos dois casos, entendemos que se trata da ausência de um descritor que facilitasse a busca do funcionário da pesquisa, e que, portanto, o trabalho, por vezes, ficaria comprometido, dificultando a rapidez em localizar a foto.

O que você acha do sistema de solicitação de pesquisa de fotos?

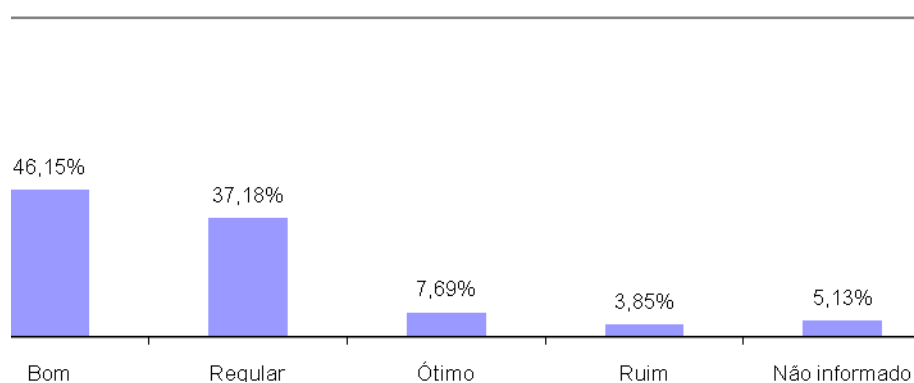


Figura 40 - O sistema, para os usuários

Para 46,15% dos respondentes, o sistema de solicitação de pesquisa é apenas bom, enquanto que 37,18% dos usuários disseram ser regular. Nessas duas avaliações, podemos considerar que a maioria dos funcionários da redação não trabalhou em outra empresa utilizando o sistema GN3, o que implica falta de parâmetros para avaliar se em outro jornal o programa permite uso mais otimizado do produto.

Já encontrou fotos que nada tinham a ver com o que procurava?

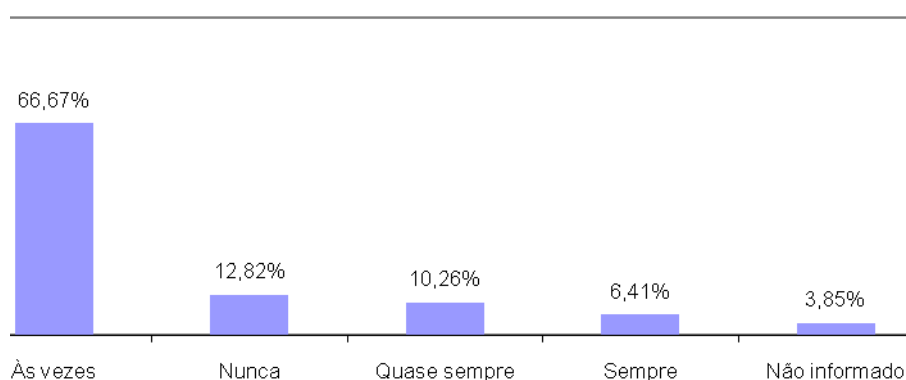


Figura 41 - Problemas de informação

Mais de 60% dos respondentes disseram que encontraram fotos que não correspondiam ao que procuravam. Nesse caso, o uso de palavras-chave, para os que possuem familiaridade com o programa, comprova a ineficácia na busca.

No programa disponível para armazenamento das fotos, as informações anexas (índice/legenda/resumo) são completas?

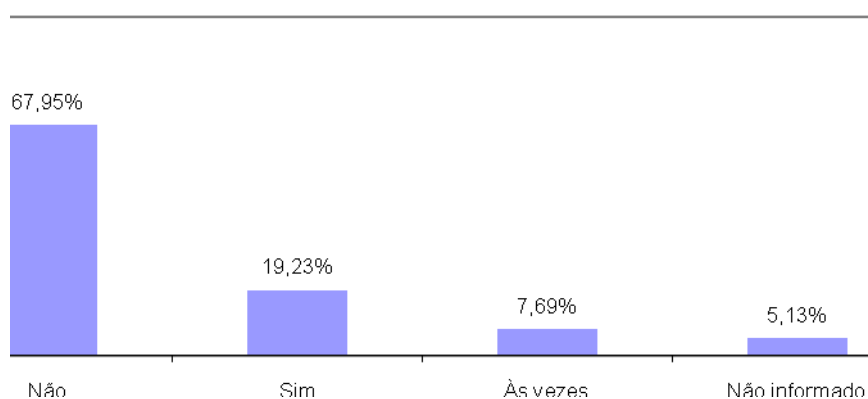


Figura 42 - As informações das fotos

Não importa o nome que se dê às informações anexadas às fotos – se índice, legenda ou resumo: para 67,95% das pessoas, as informações são incompletas, o que, novamente, reforça que o registro fotográfico apenas entrou no sistema sem critérios com vistas à recuperação daquele documento.

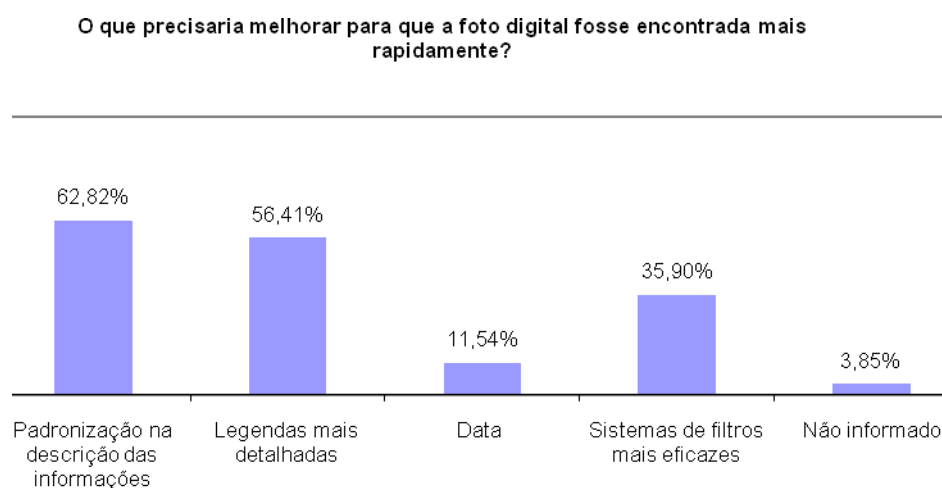


Figura 43 - Recuperação e organização das fotos

Os respondentes (62,82%) foram quase que totalmente unânimes ao afirmar que, para localizar uma foto na plataforma digital com rapidez, haveria a necessidade de uma padronização na descrição das informações, seguida por legendas mais detalhadas (51,41%) e sistema de filtros mais eficazes (35,90%). Nesta questão, 11,54% destacaram a importância de a imagem apresentar a data especificada.

Tem conhecimento de base de dados de fotos de outro jornal?

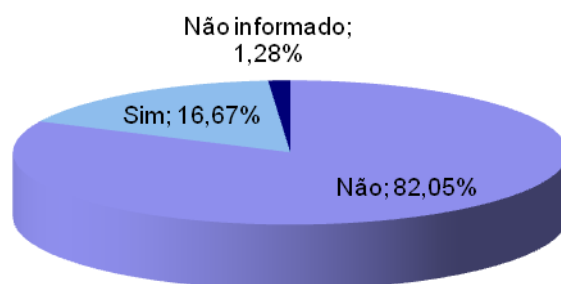


Figura 44 - Usuários e outras bases de dados

A maioria dos respondentes (82,05%) afirmou que desconhece ou nunca teve acesso a outra base de dados que não fosse a da redação do jornal, o que comprova que o programa ainda é pouco explorado em seu uso e aplicabilidades otimizadas. Recentemente, a empresa reavaliou a importância de integrar a ferramenta a outras plataformas, para que os usuários tenham condições de utilizá-la proveitosamente, agilizando o trabalho de localização de imagens e outras informações.

Qual jornal tem conhecimento de base de dados de fotos?

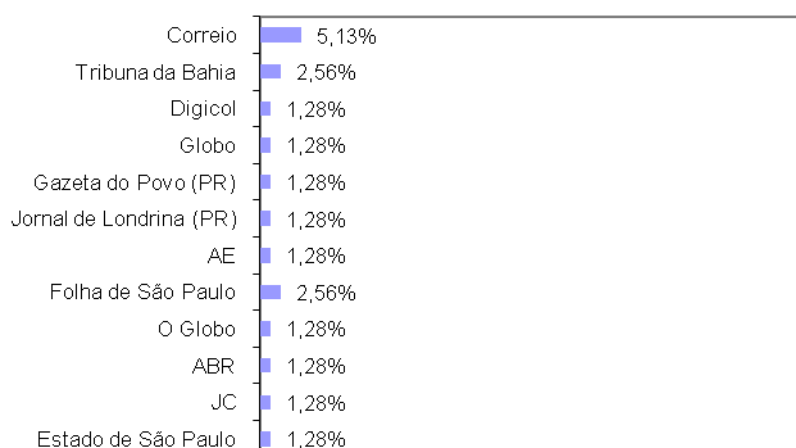


Figura 45 - Usuários e outros jornais

De um modo geral, os respondentes disseram ter conhecimento de uma ou outra base de dados para armazenamento de fotos, de jornais do Sudeste do País.

O jornal Correio da Bahia aparece, nesta questão, como a empresa onde os usuários afirmaram conhecer a plataforma de armazenamento de fotos.

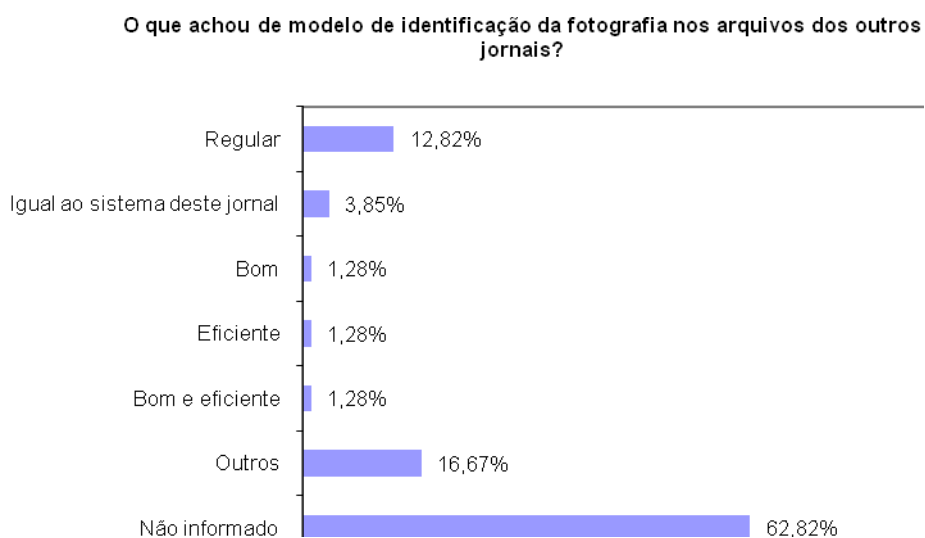


Figura 46 - Modelo de identificação de fotos em outros jornais

Quanto ao modelo de identificação de fotografias em plataformas de dados, mais da metade (62,82%) não informou, o que nos leva a concluir que não há parâmetros de comparação se a plataforma do jornal A Tarde tem maiores ou poucas falhas na utilização do programa. Na figura abaixo, a constatação é semelhante a que apontamos no quesito modelo de identificação de outros jornais.

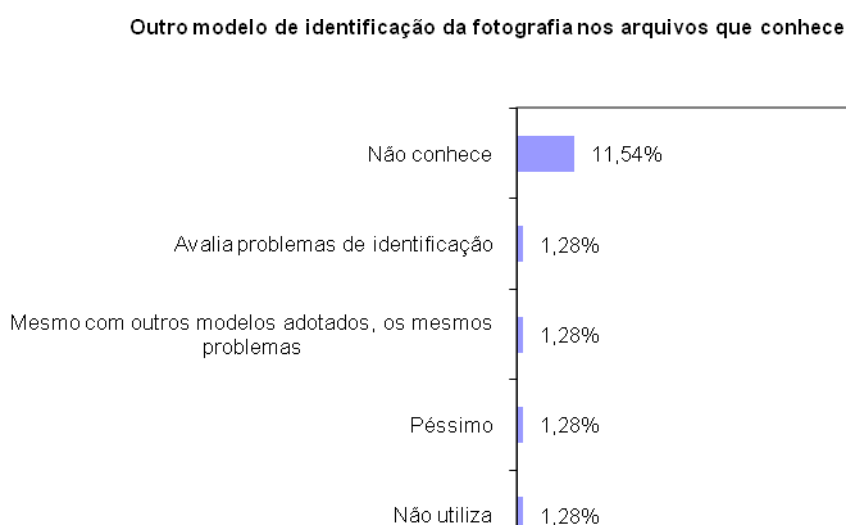


Figura 47 - Outras avaliações sobre base de dados de fotografias

5.2 As entrevistas

Como parte da coleta de dados, optamos por elaborar um roteiro de entrevistas, que foi aplicado em repórteres fotográficos, com o objetivo de investigar de que maneira eram orientados para elaborar a descrição do material por eles produzido quando retornavam à redação.

Para identificar certas informações relevantes para a recuperação das informações contidas nas imagens captadas por esses profissionais, com a ajuda do editor-chefe de fotografia, identificamos três fotógrafos que trabalharam em plataformas distintas: um que tenha atuado na função utilizando apenas máquinas analógicas; outro que produzia apenas na plataforma digital e um terceiro que tenha experiência na utilização das duas tecnologias. O objetivo era registrar os procedimentos adotados pelos profissionais selecionados. Todos disseram que o trabalho deles está relacionado à elaboração prévia de uma pauta.

Com ela, são orientados como devem proceder. No entanto, constatamos também que não existe um padrão para indexar as fotos no sistema. O básico que, hoje, nenhum fotógrafo deixa de registrar é o seu nome, a título de identificação do material fotográfico, e a data das fotos.

Para entendermos melhor como funciona a dinâmica de um repórter fotográfico, realizamos entrevistas com o profissional da área. Lúcio Flávio de Souza Távora⁴⁴ trabalha há três anos e meio no jornal e exerce a função de repórter fotográfico. Para executar as pautas fotográficas diárias, é preciso, na opinião do profissional, ser bem informado e estar atento às notícias, lendo jornais, revistas e matéria na internet sobre acontecimentos locais, nacionais e internacionais, sem deixar de lado também um olhar mais crítico ao cenário político-social e econômico do Brasil e do mundo.

É importante ter um olhar jornalístico, com visão imparcial no momento da cobertura, levando ao leitor a maior veracidade possível nas fotografias.

⁴⁴ Entrevista concedida à autora deste trabalho

Quanto às informações passadas ao profissional para identificar as fotos, Lúcio disse que não podem faltar o local onde foi feita a foto, data do documento e um breve relato do que é a pauta, com o nome do autor, no caso o do repórter fotográfico, além do nome do fotografado. Para que essas informações sejam disponibilizadas ao editor de fotografia, Lúcio conta que o jornal utiliza o programa FotoStation, solução de compartilhamento e armazenamento de fotos. O jornal utiliza o software para edição das fotografias. Lúcio trabalha apenas com máquinas fotográficas digitais no jornal.

Com base na teoria de Ruiz (1996, p. 51), as entrevistas fornecem sempre dados relevantes ao pesquisador. “Portanto, não só os quesitos da pesquisa devem ser muito bem elaborados, mas também o informante deve ser criteriosamente selecionado”.

5.3 A análise dos dados

No capítulo 5, apresentamos os resultados alcançados com a aplicação dos questionários na Redação do jornal A Tarde. Um dado que nos chamou a atenção, de imediato, e que já vislumbrávamos constatar junto aos respondentes, é que faltava o básico na identificação de uma fotografia: a data em que foi feita e o referido autor. Em se tratando de um documento imagético indexado em ambas as plataformas de dados, a ausência de tais informações pode acarretar uma perda considerável para recuperar informação. Foi o que observamos ao longo das perguntas.

O problema também esbarrava na questão da localização de fotografias nos arquivos analógico e digital do referido jornal. Hoje, com a incorporação imediata de produção diária dos fotojornalistas no sistema de armazenamento digital, é possível afirmar que a maioria dos profissionais que tem acesso ao GN3 (programa atualmente utilizado pelo jornal para acesso à plataforma digital, conforme já detalhamos neste trabalho) dedica, quase que exclusivamente, maior tempo solicitando informações indexadas no programa.

Como dissemos ao longo desta pesquisa, identificamos diversos problemas de armazenamento na plataforma no arquivo analógico do jornal. Para 30,77% dos respondentes, a identificação incorreta da foto seria um dos maiores entraves para

saber a origem, data e o autor do documento, seja apontando o nome da pessoa fotografada ou mesmo mencionando o local onde a foto foi tirada.

E, se levarmos em conta o que os respondentes nos trouxeram, na pergunta “o que precisaria melhorar para que a foto digital fosse encontrada mais rapidamente?”, verificamos que 67,95% disseram que as informações anexadas às fotografias eram incompletas. Quando localizavam uma foto, apontavam como um problema na identificação o fato de a imagem não conter qualquer referência a um assunto, bem como onde e quando a fotografia foi feita. Além disso, disseram que não poderiam afirmar que editoria havia solicitado tal imagem, o que significavam os carimbos no verso da fotografia sem que os campos devidamente preenchidos, dentre outras lacunas jamais esclarecidas. Preferimos, nesta questão, deixar claro que as informações anexas à foto, para melhor entendimento, referiam-se ao que o usuário pudesse conhecer como índice, legenda ou resumo. No caso específico da Redação do jornal A Tarde, o termo mais utilizado para procurar ou identificar uma foto é a palavra ‘legenda’.

Por isso que, mais adiante, encontramos um dado interessante para nossa pesquisa: seja o nome que for dado ao que vem anexo ao documento imagético (índice, legenda ou resumo), para 62,82% dos respondentes, localizar, com maior rapidez, uma foto nos diversos caminhos oferecidos pela plataforma digital demandaria, de imediato, uma padronização na descrição das informações.

Outros 51,41% dos respondentes afirmaram que o trabalho teria um ganho maior para a localização do documento se a este fosse dedicada uma legenda mais detalhada, sendo que 35,90% afirmaram também que filtros mais eficazes contribuiriam para aprimorar o processo de identificação de uma imagem armazenada no sistema ora em uso na Redação de A Tarde. Ainda nesta mesma questão, 11,54% dos respondentes disseram ser imprescindível que o documento esteja na plataforma de dados apresentando a data em que foi feita a fotografia.

De acordo com o que os respondentes nos disseram, quanto ao arquivo analógico, 62,82% quase nunca utilizam este acervo no dia a dia, ou, uma vez ou outra, quando precisam localizar uma imagem que reporte ao tema específico de uma matéria ou caderno especial a ser publicado pelo jornal.

Raramente (17,95%) foi a resposta mais aplicada quanto à frequência de solicitações no arquivo analógico, disseram os respondentes. Interessante observar, contudo, que, nesta plataforma de imagens, 29,49% dos respondentes disseram que

a maior dificuldade encontrada é a organização das fotos no acervo, quando, em alguns casos especiais, necessitam de uma foto ali armazenada, e voltamos a dizer que „organização”, para os respondentes, quer dizer: fotos sem crédito, ausência de identificação ou informações que pudessem esclarecer origem ou data de publicação.

Vale lembrar o que os respondentes disseram: fotos sem data ou identificação foi a maior dificuldade apontada por 47,44% deles, seguida bem de perto pela ausência de autoria do documento (44,87%). Fotos que não estavam arquivadas na pasta correta foi outro item descrito por 20,51% dos que participaram do questionário.

Diante do exposto, entendemos que não é porque o usuário faz uma solicitação ocasional no arquivo analógico que se deve postergar a urgência do tratamento das informações nessa plataforma. Afinal, quando não se encontra uma imagem ou o documento foi indexado sem os devidos critérios arquivísticos, este correrá o risco de jamais ser localizado, especialmente no arquivo analógico. Muitos documentos, imagens, pastas, negativos, cromos e outras mídias ali depositadas ainda não foram devidamente tratados do ponto de vista da informação, embora o trabalho demande tempo e investimentos a longo prazo.

O uso da plataforma digital a partir do programa GN3 é a realidade hoje na Redação. E, mesmo com as falhas na indexação dos documentos (dados incompletos como nome do fotografo, erros na identificação do assunto a que se refere a imagem, dentre outros), ainda assim, 79,49% dos respondentes afirmaram ser mais fácil e rápido localizar uma foto sobre determinado assunto neste ambiente.

Se compararmos com as informações dadas sobre os 79,49% que disseram ter poucos problemas para localizar fotos e com o fato de que 17,95% daqueles respondentes apontarem ser muito raro solicitar fotos no arquivo analógico, concluímos que o uso e a demanda ao acervo digital é superior à solicitação no arquivo analógico. Portanto, há urgência em reestruturar ambas as bases de armazenamento, conforme anteriormente escrito, embora, na plataforma digital, as informações não sejam ordenadas, tampouco exista um esquema de descritor, ou melhor, um tesouro próprio para fins de uma uniformidade no modelo de indexação adotado pelo jornal A Tarde, até o presente momento.

Afinal, a função do tesouro é a de controle terminológico de forma que, estruturando-se conceitos com o menor grau de ambiguidade possível, conceitos

esses aos quais se atribui termos, se tem em mãos um instrumento adequado àquele universo informativo, de modo a garantir uma boa indexação e, assim, uma melhor recuperação da informação⁴⁵.

Assim exposto, ainda de acordo com o que Smit (1987, p. 103) ressalta, quando se trata de análise de imagens e sua descrição, é importante observar que o profissional que lida com imagens - no caso, podemos citar o referido jornal e suas plataformas de dados imagéticos -, inevitavelmente se vê diante de um volume de informações que vai além da capacidade de um tratamento ágil e adequado à demanda diária.

Ao se avaliar a importância do que vale ou não considerar como de alta relevância na descrição de uma imagem e posterior recuperação desta informação, Smit diz que, na análise da imagem, não existe um grau de especificidade e que, para armazená-la, as comprovadas técnicas do estudo documentário podem ser capazes de dar conta do problema.

Souza (2007, p. 136), ao analisar a linguagem documentária em seu estudo, enfatiza que, no momento em que a linguagem de indexação não tem condições de contemplar uma organização lógica e hierárquica, invariavelmente estaremos diante de problemas na recuperação da informação. Além disso, a tarefa do profissional que lida com a representação do assunto ficará ainda mais comprometida.

Por isso, a autora sugere que haja um acompanhamento constante do vocabulário controlado, e aqui entendemos como uma solução viável para se levar a um banco de dados imagéticos de um jornal. Até porque, as transformações diárias do próprio idioma são uma realidade e, dado o ambiente dinâmico de uma redação de jornal, é imprescindível adotar um vocabulário que abarque os termos necessários para se fazer compreender o intrincado e complexo ambiente ora apresentado neste estudo.

⁴⁵ Notas de pesquisa orientada, prof^a. Dra. Suely Ceravolo.

R\$ 1,75 (Bahia e Sergipe)
 Outros estados: R\$ 4,00
 SALVADOR, BAHIA
 QUARTA-FEIRA, 28/11/2009
 ANO 38 - NÚMERO 32.802
 Fechamento desta edição: 23h15
 www.atarde.com.br

A TARDE

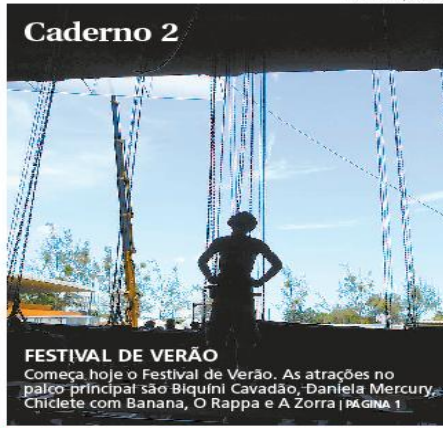
FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

**CASO BATTISTI:
 ITÁLIA AMEAÇA
 RETALIAR BRASIL**
 | BRASIL | PÁGINA 06

MENINAS HUMILHADAS



Dois meninas, de 11 e 12 anos, foram obrigadas, por policiais militares, a apagar com as mãos palavras que tinham escrito no chão da calçada, em frente à Cesta do Povo, em Barreiras. A cena foi presenciada por dezenas de pessoas, que se dividiram entre o repúdio e o apoio aos PMs. As garotas, acusadas de xingar uma policial e de usar uma faca, foram encaminhadas para um abrigo da Igreja Católica. O comando da PM considerou a ação inadequada | BAHIA | PÁGINA A8



Caderno 2

FESTIVAL DE VERÃO
 Começa hoje o Festival de Verão. As atrações no palco principal são Biquíni Cavado, Daniela Mercury, Chiclete com Banana, O Rappa e A Zorra | PÁGINA 1

NÃO PERCA! SEXTA-FEIRA EM A TARDE, O GUIA FIM DE SEMANA, COM MAIS DE 800 OPÇÕES DE LAZER NA CAPITAL E INTERIOR

ASSINATURA — Venda Proibida

LEI SECA | Novo diretor anuncia punição rigorosa para condutores que estavam dirigindo sob efeito de álcool

Detran tira a licença de 2 mil motoristas baianos

O novo diretor do Detran, Adriano Romariz, anunciou que, a partir da segunda quinzena de fevereiro, dois mil motoristas baianos terão o direito de dirigir suspenso. Eles foram flagrados em blitzes para garantir a lei seca, realizadas entre julho e dezembro de 2008. Romariz, que tomou posse ontem, declarou que a iniciativa acaba com o mito da impunidade para os condutores que dirigem sob efeito de álcool. Outra medida anunciada foi a implantação, nos próximos cinco meses, de um sistema de identificação por impressão digital nas autosscolas para garantir a frequência dos futuros motoristas nas aulas práticas e teóricas | **ULTIMAS NOTÍCIAS** | PÁGINA B8

A Lei 11.705 foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 19 de junho de 2008. Ela considera crime conduzir veículos com qualquer teor de álcool no organismo. A infração gravíssima prevê a suspensão da carteira de habilitação por um ano, além de multa. Nos primeiros meses de sua aplicação, autoridades foram detidas e o número de vítimas de acidentes no País teve redução.

EDUCAÇÃO



Manifestantes se aglomeram em frente ao portão e reclamam das informações desencontradas

Pais protestam contra lista de escola da PM

Terminou em protesto e confusão o primeiro dia de convocação para a matrícula dos novos alunos do Colégio da Polícia Militar (CPM), na Avenida Dendzeiros. Pais e responsáveis reclamaram de inconformidade entre a lista publicada no site da PM, na última sexta-feira,

e a que foi afixada na portaria do colégio. Muitos ficaram irritados ao não encontrar na relação o nome dos filhos. Funcionários explicaram que a lista de sexta continha o total de alunos do sorteio eletrônico; a de ontem, apenas os selecionados | **SALVADOR** | PÁGINA A7

Digital
REVOLUÇÃO ATRASADA
 Devido à falta de metodologia, as novas tecnologias ainda não promoveram uma revolução educacional | **PÁGINAS 1 E 2**

Motor
NAÚTICA
 Veleros e lanchas de pequeno porte são ideais para passear nas águas calmas da Baía de Todos-os-Santos. Os preços chegam a R\$ 25 mil | **PÁGINAS 1 E 2**

Esporte
BAIANÃO TEM RODADA CHEIA
 Campeonato prossegue hoje com seis jogos. Destaque para Vitória x Poções e Camaçari x Bahia | **PÁGINAS 1 A 3**

INGLATERRA
Robinho é acusado de estupro em boate
 O atacante Robinho, do Manchester City, está sendo acusado de abuso sexual contra uma garota. O caso teria ocorrido em uma boate de Leeds, norte da Inglaterra, em 14 de janeiro, envolvendo uma jovem de 18 anos. Robinho nega e se coloca à disposição da polícia na investigação | **ULTIMAS** | PÁGINA B8

SERVIDORES
Wagner propõe reajuste de 5,9%
 O governador Jaques Wagner enviou para a Assembleia Legislativa, em regime de urgência, projeto de lei que reajusta o salário dos servidores estaduais em 5,9%. O aumento terá impacto de R\$ 244 milhões no erário | **ULTIMAS** | PÁGINA B8

SERVIÇO Uneb Candidatos ao vestibular 2009 da Uneb e ao curso de formação de oficiais da PM já podem acessar o cartão com dados sobre os locais e horário das provas P. A6	Pré-vestibular As inscrições para o pré-vestibular 2009 do Instituto Steve Biko foram prorrogadas até sexta-feira. São 140 vagas para estudantes negros de baixa renda P. A6	ARTICULISTAS DE HOJE Mes Gandra P. A3 Tânia Miranda P. A3 Maria Muniz P. A3 COLUNISTAS DE HOJE Samuel Castanho P. B1 Dora Kramer P. B2 Paulo Rabeito de Castro P. B5	EDITORIAL Rico aparato A força do poder em disputa renhida para a presidência do Senado e Câmara dos Deputados transcende vaidades, influência e prestígio políticos P. A3	ESTA EDIÇÃO 7 CADERNOS - 62 PÁGINAS CADERNO 1: 16 páginas CADERNO 2: 8 páginas ESPORTE CLUBE: 8 páginas NOTÍCIAS: 4 páginas DIGITAL: 4 páginas CLASSULÕES: 12 páginas POPULARES: 12 páginas
---	---	---	---	--

Apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma interpretação
Boris Kossoy

6. CONCLUSÃO

Em uma empresa jornalística que não pode prescindir de um local adequado para armazenar a produção diária de fotografias, o que, em primeiro lugar, deve ser levado em consideração? Primeiro: quanto aos profissionais envolvidos diretamente com a guarda da massa documental: que tenham conhecimento dos princípios básicos de indexação, ou, caso já possuam conhecimento prévio, que sejam adequadamente orientados quanto à aplicação desse saber para melhor uso das ferramentas disponíveis para indexação do documento fotográfico?

Conseguimos, por intermédio desta pesquisa, alcançar nosso objetivo, que era verificar o tratamento da informação aplicado ao acervo fotográfico do jornal A Tarde, em ambas as plataformas, analógica e digital.

Ao longo da investigação, ficou cada vez mais evidente que muito depende da criação de um vocabulário controlado para fins de indexação de fotografias, mas desenvolvido especificamente para atender a um público em particular, aquele que trabalha em uma redação de jornal.

Contudo, todo o processo investigativo também acionou vários questionamentos, a exemplo dos procedimentos mais adequados para, em um jornal, descrever imagens. Não é difícil supor que o documentalista se pergunte, frente ao universo de possibilidades, o que deve ou não descartar para descrever uma determinada imagem, apontando para a escolha crucial posta entre a omissão e o excesso. O que sobrecarregaria a catalogação da imagem? Recorremos novamente a Smit (1987, p. 110), que nos fez refletir sobre a importância do controle terminológico e determinados procedimentos que devem ser criteriosamente levados em consideração para a descrição de um documento imagético.

Trazemos a autora para essa reflexão porque, em seus primeiros estudos, Smit apontava para uma listagem elaborada por G. Bléry, cujo propósito, além de analisar a imagem, era recorrer a categorias próprias e previamente organizadas, para que não se deixassem perdidas informações essenciais para identificação do documento imagético. Começando pelo detalhamento – à primeira vista, pode até parecer “descartável”, mas que faz toda a diferença.

Com base em seis itens propostos por Bléry, é possível que a indexação do documento seja bem-sucedida, aponta Smit, desde a produção da imagem (se é,

por exemplo, uma foto de vista aérea de um terreno, rua etc.), a sua localização geográfica (se a foto foi tirada em uma rua ou bairro, do alto de um edifício etc.), a localização da imagem no tempo (dia, mês, ano, horário); se a imagem se refere a um ser vivo, informar com precisão a idade, o sexo, a raça, o tipo de roupa etc.; a descrição da ação (se a pessoa está em uma manifestação pública, em uma festa popular); e, finalmente, a descrição do ambiente, que seria, por exemplo, uma praia, uma cidade, dentre outros.

De fato, observamos, ao término deste trabalho, é que o “acúmulo” de massa documental está continuamente presente no ambiente, tanto quanto a produção fotográfica para fins de registro jornalístico. Até a presente data, concluímos que, embora exista um esforço diário – e um profissional especializado gerindo toda a equipe do centro de documentação - em melhorar o acesso às bases de dados dos respectivos acervos – tanto o analógico quanto o digital - a “passagem” - ou migração, transferência e até mesmo a simples digitalização de um documento em formato analógico para o software de armazenamento - seja qual for a nomenclatura mais adequada para definir o processo de recuperação e tratamento da informação em ambas as plataformas – não contempla esses itens nos campos específicos disponíveis no software de armazenamento de fotografias.

A constatação nos leva ao princípio básico elaborado por G.Bléry para a representação de imagens, cujo modelo de indexação está fundamentado nas seguintes perguntas: objetos (quem), lugar (onde), tempo e espaço (quando), atividades e acontecimento (o que) e modos (como), conforme já citado neste trabalho. Isso nos leva a perguntar novamente: o insucesso nos resultados, quando da recuperação da informação, seria, então, uma falta de preparo em lidar com a informação porque não existe um controle terminológico elaborado pelo centro de documentação?

Seria possível resgatar informação apenas a partir do bom senso? Os documentos que hoje compõem o acervo analógico terão uma “passagem” satisfatória para a plataforma de dados digital, diante das problemáticas apontadas pelos funcionários da Redação quando participaram do questionário?

Se o software de armazenamento de imagens possui os campos necessários para responder aos seis itens elaborados por Bléry e apontados também por Smit como o paradigma da representação indexal, por que não se criar um instrumento de indexação capaz de habilitá-lo para este fim?

Souza, na conclusão do seu estudo de caso sobre avaliação de linguagem de indexação aplicada à informação jornalística do Centro de Documentação e Informação (CDI) do Infoglobo, afirma que estudar e entender a fala de um profissional de informação permite que se reúnam subsídios necessários para a elaboração de um vocabulário controlado, e, obviamente, acesso à informação e uma recuperação bem-sucedida de determinada pesquisa, conforme explicitou em seu estudo. Torna, em outras palavras, o software amigável e útil comercialmente para a empresa. Quanto mais rapidamente for localizada a informação que se busca, melhores chances de retorno no investimento feito. O mesmo podemos dizer sobre os usuários que têm acesso à ferramenta de pesquisa ora utilizada pelo jornal A Tarde.

Souza (2007, p. 137-140) reforça: “Adotando uma base de dados dinâmica, a empresa jornalística estará agregando valor ao seu produto e marca”. Mas é preciso, em primeiro lugar, que os profissionais conversem entre si - aqueles que trabalham na manutenção e atualização do software e que têm permissão de gerenciá-lo com os que têm como função receber a massa documental diária produzida pelos profissionais de comunicação. Assim, é muito provável que a base de dados será bem-conduzida e gerenciada dentro das aplicabilidades a que foi designada.

Como aponta Souza em sua análise, “os recursos tecnológicos devem estar aliados às práticas de indexação (representação), e não esta última estar submetida ao software”. Ao citarmos o que a estudiosa considera como condição *sine qua non* para que o entendimento e a potencialidade do programa sejam, de fato, aplicados, queremos afirmar, com isso, que não é preciso reinventar a roda e sim entender que uma indexação documental requer procedimentos que só enriqueçam a ferramenta utilizada.

Por isso, nossa proposta é que se estude o software de maneira que a ferramenta seja administrada de forma eficaz. Citamos novamente Souza: “A revisão do vocabulário pode se tornar, de fato, revisão do serviço, em alguns aspectos, como, por exemplo, alteração no formulário de entrada”.

Assim exposto, vale frisar, contudo, que não foi nosso objetivo avaliar o método de indexação nos arquivos do jornal, porém, como bem apontou Souza em sua pesquisa (e lançamos mão da mesma ideia), se o vocabulário controlado utilizado, e mesmo a habilitação ou não de determinados campos do software,

poderá mostrar se o programa realmente será aproveitado com a potencialidade que ele é capaz.

Estudar o tema nos permitiu visualizar muito mais do que simplesmente descrever em que condições se encontra, hoje, o acervo fotográfico que reúne documentos raros e registros importantes da história da Bahia, do Brasil e do mundo. Mais do que pastas, prateleiras e números para catalogá-las, fotografias de arquivo são memórias documentais e devem ser preservadas e disponibilizadas corretamente.

Por isso, acreditamos que um jornalista deveria ter, em princípio, uma boa relação com o arquivo, que deveria se aproximar mais do acervo, porque é partir dos seus registros que se resgatam histórias.

É bem verdade que, devido ao avanço em softwares e equipamentos, nas últimas décadas, voltados para o campo do tratamento da informação, as técnicas de registro e análise de documentos, como muitos estudiosos nas diversas áreas que abarcam a Ciência da Informação já disseram, praticamente exigiram que, conforme características físicas e a significação do seu conteúdo, os documentos devem receber tratamento distinto, adequado a cada caso.

Assim, a ideia de guardar documentos ultrapassa, hoje, os muros de um arquivo. A grande massa de informações faz com que tenhamos à mão um volume de dados muito complexo – desenhos, fotografias, microfilmes, discos, CDs e tantas outras mídias disponíveis -, e, portanto, o constante crescimento de informação, tanto quantitativo como qualitativo, aponta para um caminho igualmente abrangente para armazenar, classificar, selecionar e disseminar informação, que seria o investimento de centros de documentação “que abrangem algumas atividades próprias da biblioteconomia, da arquivística e da informática” (PAES, 2004, p. 17).

Ao compararmos a relação do jornalista com os ambientes de armazenamento de dados fotográficos que dispõe, acreditamos que este profissional deveria se aproximar mais da memória, da história do arquivo, porque é partir dos registros imagéticos documentais que se formam alianças entre textos e imagens.

Em um jornal, essa parceria, em muitos casos, é indissociável. Para compreendermos o que seria a relação entre imagem e informação textual, citaríamos um pensamento de Louis de Cormenin, sobre a origem da fotografia, a partir de Rouillé (2009, p. 49-50): onde a escrita seria impotente para captar, a fotografia é inflexível. “Aqui, insiste Louis de Cormenin, „nem fantasia nem disfarce,

a verdade nua””. Entendemos que, em um ambiente informacional cujo propósito é armazenamento de imagens, o que se busca é resultado, baseado em um trabalho bem-elaborado de indexação e resumos.

Profissionais de áreas afins – o bibliotecário, o jornalista e o especialista da área de Tecnologia da Informação (TI) deveriam conversar entre si e entender, mesmo que de uma maneira básica, o que cada um necessita e faz. Como reforça Ruy (1998, p. 98):

O bom arquivo jornalístico exige o domínio de técnicas distintas, como a do bibliotecário, a do jornalista e a do técnico em informática. A do bibliotecário, para criar as categorias de classificação e indexação dos livros, recortes de jornal e fotografias. A do jornalista, para quebrar a rigidez e a formalidade do receituário biblioteconômico e fazê-lo aproximar-se da linguagem natural, aquela que é dominada e usada pelos usuários de arquivo. E a do técnico em informática para, nos locais onde se usem computadores (e que vão se tornando normais, principalmente nos arquivos de maior porte), criarem os mecanismos eletrônicos de registro e de pesquisa das informações arquivadas

E, sobre a relação do profissional que trabalha em um arquivo de jornal, Ruy (1998, p. 99-100) destaca, pela experiência como jornalista, adquirida nos anos em que atuou em projetos de modernização tecnológica de arquivos e centros de documentação de importantes jornais e revistas do País nos anos 80 (Abril e Globo), que a pessoa que se envereda pela área tem que gostar do que faz.

O bom profissional desse segmento de comunicação deve abarcar qualidades de um jornalista, de um historiador e até mesmo de um documentarista. Passando por um setor como este, Ruy acredita que os melhores profissionais terão contato com a informação organizada e sistematizada.

Essa compreensão permitirá não apenas que o jornalista seja um profissional de qualidade, com também que tenha preparo e senso investigativo apurado antes de sair para uma reportagem, entrevista ou sessão de fotos. Tendo maior proximidade com o ambiente de armazenamento fotográfico e sua dinâmica, poderá se preparar melhor, procurando saber o que já existe publicado a respeito de sua pauta, de fotos que já foram feitas, qual enquadramento dado a ela, como se deu a produção e, com base nessas informações, produzir imagens melhores dos entrevistados ou do assunto que lhe foi dado para registrar.

RS 1,75 (Bahia e Sergipe)
 Outros Estados: RS 4,00
 SALVADOR, BAHIA
 TERÇA-FEIRA, 27/11/2007
 ANO 96 - NÚMERO 32.374
 Fechamento desta edição: 23h59
 www.atarde.com.br

A TARDE

FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

"ACENDI UMA VELA PARA CADA TORCEDOR MORTO"
 EDMILSON ALVES, DA BAHOR



AMIGOS SE DESPEDEM DE JADSON CELESTINO



"ELE TENTOU SEGURAR NA MINHA MÃO, MAS NÃO CONSEGUIU"
 VALDEMIRA (E), VIÚVA DE DIALMA



LUTO NA BAHIA | No dia seguinte ao acidente que matou sete pessoas na Fonte Nova, Estado alega que não sabia dos riscos

TRAGÉDIA EM SETE ATOS

Apesar dos alertas feitos pelo Ministério Público, Sindicato das Empresas de Arquitetura e PM, o governador Jaques Wagner e o diretor-geral da Sudesb, Raimundo Nonato Tavares da Silva, o Bobô, afirmaram ontem que não tinham conhecimento da fragilidade estrutural da Fonte Nova, onde sete torcedores morreram, domingo, durante o jogo Bahia e Vila Nova. O estádio está interdito por tempo indeterminado e pode ser implodido, caso a perícia conclua que não há mais condições de segurança. O desconhecimento alegado pelas autoridades, que se solidarizaram com as famílias dos mortos e dos mais de 50 feridos, é apenas uma das faces de uma tragédia que não foi evitada por comissão e irresponsabilidade. | A TARDE ESPORTE CLUBE | PÁGINAS 1 A 8

1 OMISSÃO

O Ministério Público pediu a interdição da Fonte Nova em janeiro de 2006. Em 23 meses, a juíza Lúcia Pinto Modesto, da 2ª Vara de Defesa do Consumidor, manifestou-se uma vez, negando liminar. O MP voltou a pedir providências no dia 11 de maio de 2007, mas até hoje não obteve resposta.

2 NEGLIGÊNCIA

A Sudesb foi alertada pelo MP, Vigilância Sanitária e PM dos riscos e problemas do estádio. Nada foi feito.

3 INSEGURANÇA

A degradação das ferragens do estádio é visível. Para o arquiteto Carl Von Hauenschild, a tragédia poderia ter sido maior.

4 IRRESPONSABILIDADE

O Estado liberou a Fonte em precárias condições para o jogo. Mas, com base no Estatuto do Torcedor, o Bahia e seu presidente também podem ser punidos

5 GANÂNCIA

A média de público do Bahia na Fonte, no octogonal, foi de 53.648 pagantes. A renda média foi de R\$ 496 mil. Quem teria coragem de suspender as partidas?

6 REVOLTA

A alegria dos torcedores se transformou em indignação pelo pouco caso com que são tratados. Pais das vítimas também se queixam da falta de apoio do Estado.

7 MORTOS

IDENTIFICAÇÃO (DA ESQUERDA PARA A DIREITA)



Márcia Cruz, 26, técnica de enfermagem



Jadson Celestino, 22, universitário



Anísio M. Neto, 28, autônomo



Djalma Lima Santos, 30, gari



Milena Palmeira, 27, professora



Joselito Lima Junior, 26, estudante



Mídiá A. Santos, 23, comerciante

SERVIÇO

Prevenção

Hoje, Dia Nacional de Combate ao Câncer, o Hospital Espanhol promove atividades gratuitas à população. Das 14h30 às 18h30, no auditório do HE | p. 6

Irmã Lindalva

O Estádio Manoel Barradas será o palco da cerimônia de beatificação da Irmã Lindalva Justo de Oliveira. A cerimônia será domingo, às 16 horas | p. 7

Transporte

A STP inicia amanhã o recadastramento dos permissionários e operadores do Subsistema de Transporte Especial Complementar | p. 6

ARTICULISTAS DE HOJE

Zezinho (SANTOS) | p. 3
 Aurélio Lacerda | p. 3
 J.C. Teófilo Gomes | p. 3
 COLUNISTAS DE HOJE
 Dora Kramer | p. 13
 Sarrailh Celestino | p. 14
 Benjamin Steinbruch | p. 15

EDITORIAL

Tragédia anunciada
 A omissão de medidas cautelares, no caso de tragédias preventivas, é hábito nos procedimentos burocráticos. Aguarde em favor do público somente depois dos fatos | p. 3

ESTA EDIÇÃO

5 COLUNISTAS - 98 PÁGINAS
 CADERNOS 1: 20 páginas
 CADERNOS 2: 8 páginas
 ESPORTE CLUBE: 8 páginas
 CADERNOS 3: 16 páginas
 POPULARES: 14 páginas

Boas Noites A TARDE Chegou a hora de saber quem vai ganhar o apartamento. O sorteio é hoje, acompanhe!

A fotografia não pode ser pensada como um documento que vale por si próprio, neutro, isento de manipulação. Não existe documento inocente
 Boris Kossoy

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil** – A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PINTO, Virginia Bentes. Indexação morfossemântica de imagens no contexto da saúde visando à recuperação de informações. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.313-330, abr.-jun.2008.

BOCCATO, Vera Regina Casari; FUJITA, M. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. **Cadernos de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação**, Lisboa, v. 2, n. 1, p. 84-100, 2006. Disponível em: <http://www.apbad.pt/Downloads/biblioteca/BiblioBAD9_2007.pdf>. Acesso em: 09/09/2009.

BURMESTER, Cristiano Franco. **Fotografia – do analógico para o digital: um estudo das transformações no campo da produção de imagens fotográficas**. 2006. Dissertação (mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

CALMON, Tatiane Lemos. ALVES, Renato Marques. **Digitalização do acervo fotográfico**: uma experiência na Biblioteca Lajuomim. Janeiro de 2005. Disponível em: <www.holmes.feudo.org/viewrecord.php?id=5913>. Acesso em: 13/08/2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1999.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2002.

_____. **Os Tempos da Fotografia**. São Paulo, Ateliê, 2007.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. São Paulo: Briquet de Livros, 1993.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. **A representação documentária: em jogo a significação**. São Paulo: 1993. Dissertação (mestrado) - Escola de Comunicação da USP, São Paulo, 1993.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.9, n.2. Abril, 2008. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/abr08/Art_02.htm>. Acesso em: 02/10/2008.

MANINI, Miriam Paula; LIMA-MARQUES, Mamede. MIRANDA, Alex Sandro Santos. Ontologias: indexação e recuperação de fotografias baseadas na técnica fotográfica e no conteúdo da imagem. Salvador. **VIII Enancib – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Salvador, out. 2007. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--151.pdf>>. Acesso: 13/03/2009.

MENDES, Ricardo. O futuro do presente: acervos fotográficos diante do horizonte digital. São Paulo. Dezembro de 2004. **Anais do Museu Paulista**, v.12. p.11-21.

MIRANDA, Antonio. SIMEÃO, Elmira. A conceituação de massa documental e o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** - v.3 n.4. ago., 2002. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/ago02/Art_03.htm>. Acesso em: 02/08/2008.

MURGUÍA, Eduardo Ismael. REGISTRO, Tânia Cristina. O arranjo arquivístico como escrita: uma reflexão sobre a narrativa de imagens a partir do Fundo Pedro Miranda no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto. **Transinformação**, v. 18, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://revistas.puccampinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=148>>. Acesso em: 26/10/2008.

ORNAGER, Susanne. The image database – A need for innovative indexing and retrieval. **Advances in Knowledge Organization**, v. 4, 1994, p. 208-216.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2002.

NO Caption Needed, jan., 2010. Disponível em:

<<http://www.nocaptionneeded.com/index.php?s=memorialized>>. Acesso em: 07/08/2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo, teoria e prática**. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

RAMOS, Cleidiana Patricia Costa. O Discurso da Luz - Imagens das Religiões Afro-Brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde. 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia (Ufba), Salvador, 2009.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**. Guia para eficiência nos estudos. São Paulo, Atlas, SFGate.com, ago., 2006. Acesso em: 08/08/2010. Disponível em: <http://articles.sfgate.com/2006-08-21/news/17307868_1_flag-raising-picture-iwo-jima-joe-rosenthal>

RUY, José Carlos. Arquivo como base do trabalho jornalístico. São Paulo [12]: 97 a 100, maio/ago. de 1998. Disponível em <<http://www.eca.usp.br/comueduc/antigos/depoime/depoimento.htm>> Acesso em 10/08/2008.

SATURNINO, Antonio. Festa dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. In: **jornal A Tarde**. Salvador, 22, abr., 2000.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves. Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. **Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)**, v. 35, n. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a18.pdf>>. Acesso em 09/06/2008.

SMIT, Johanna W. A análise da imagem: um primeiro plano. In: _____. (Coord.) *Análise documentária: a análise da síntese*. Brasília, DF: **IBICT**, 1987. Cap. 6, p.99-110.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Joice Cleide Cardoso Ennes de. **Avaliação de linguagem de indexação aplicada à informação jornalística: estudo de caso**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2007.

_____. Representação e uso da fotografia jornalística em banco de imagens. III Congresso Nacional de Arquivologia. Rio de Janeiro, 2008.

TEN photographs that changed the world, set., 2009. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/culture/culturepicturegalleries/6152050/Ten-photographs-that-changed-the-world.html>>. Acesso em 07/08/2010.

THE Digital Journalist. Disponível em: <<http://digitaljournalist.org/issue9911/icon01.htm>>. Acesso em: 08/08/2010.

TOREZAN, Mara Vale Torezan. **Fotografia e informação: aspectos gerais e de análise e indexação da imagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

VOGEL, Michely Jabala Mamede. A evolução do conceito de linguagem documentária: as linhas francesa e brasileira. **VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador, 28 a 31 de outubro de 2007.

ANEXOS

Anexo 1 – E-mail (27/10/2008)

Anexo 2 – E-mail (24/04/2009)

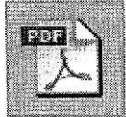
Anexo 3 – Questionário (15/04/2009)

**Enc: RE: article**

Domingo, 15 de Agosto de 2010 23:40

De: "Regina de Sá" <regina8jul@yahoo.com.br>**Para:** regina8jul@yahoo.com.br

1 arquivo (1022 KB)



SO-Third ...

--- Em **seg, 27/10/08**, **Susanne Ornager** <s.ornager@unesco.org> escreveu:

De: Susanne Ornager <s.ornager@unesco.org>**Assunto:** RE: article**Para:** regina8jul@yahoo.com.br**Data:** Segunda-feira, 27 de Outubro de 2008, 3:31

Dear Regina,

I attach the article in .pdf. The article is from 1994 so it is about 14 years old – a bit dated. However, as not many people are interested in the indexing of images I'm convinced that it can still be useful.

Best Regards

Susanne Ornager

From: Regina de Sá [<mailto:regina8jul@yahoo.com.br>]**Sent:** Wednesday, October 15, 2008 4:51 AM**To:** s.ornager@unesco.org**Subject:** article

Dear Mrs. Ornager,

My name is Regina de Sá. I'm a Brazilian student. I live in Bahia, Salvador city. I'm studying about Information Science, information retrieval, and I would like to read an article that you wrote - "The image database: a need for innovative indexing and retrieval".

I'm reading "Indexing and abstracting in theory and practice", by F. W. Lancaster, and the author mentions your work.

If it possible, would like to read the full article.

Best regards,

Regina



Enc: Seguem as respostas - te mandei outro e-mail com o endereço do pessoal do Estado.

Domingo, 15 de Agosto de 2010 23:43

De: "Regina de Sá" <regina8jul@yahoo.com.br>

Para: regina8jul@yahoo.com.br

--- Em sex, 24/4/09, Joice Cardoso <joice.cardoso@gmail.com> escreveu:

1. qual o seu nome e profissao?

Me chamo Joice Cardoso e sou museóloga e historiadora, com pós-graduação em Arquivologia e mestrado em Ciência da Informação.

2. como começou o trabalho de digitalização de imagens do acervo fotográfico? qual material foi priorizado (fotos em papel, negativos, cromos etc)

A digitalização do acervo fotográfico do Globo não possui um projeto específico. Desde 1999, são usadas câmeras digitais, sendo que a partir de 2003 estamos gravando a produção digital em DVDs.

O acervo com data anterior é digitalizada sob demanda, ou seja, mediante uma solicitação dos usuários, seja os jornalistas das redações do Globo, Extra, Expresso, Diário de S.Paulo, Globo Online, ou pesquisas solicitadas pela Agência O Globo, para comercialização; ou mesmo projetos do CDI.

Dessa forma, a priorização é o atendimento ao usuário, qualquer que seja o suporte.

As exceção foi uma iniciativa pessoal de um funcionário que digitalizou todos os cromos de desfile de escolas de samba do Rio de Janeiro.

3. quantas fotos já foram digitalizadas? qual a quantidade de fotos em cores e em P&B?

Atualmente são 26.000 imagens digitalizadas. Não temos o levantamento do fotos em cores ou em P&B.

4. quantos softwares são utilizados atualmente para o trabalho de dgitalização?

A digitalização tanto é feita pela Editoria de Fotografia da

Infoglobo como pelo CDI.

No CDI usamos: Photoshop para tratamento, Fotostation para legendamento e os programas dois dois 2 scanners Nikon.

5. quantas pessoas estão envolvidas no processo/

Dependendo da urgência do pedido, um funcionário faz a pesquisa, outro digitaliza e trata e o terceiro legenda.

Essas imagens são posteriormente gravadas em DVD para preservação e uso.

6. quantas fotos foram mapeadas para o trabalho de digitalização?

Não fizemos um mapeamento, apesar de identificar 72.000 envelopes de negativos da década de 50 e 60 com potencial para serem digitalizados.

7. existe algum tema que carecia de mais urgência na digitalização, dado o volume de fotos?

Os cromos de Carnaval foi uma escolha pessoal do funcionário. Focamos fotos antigas, a partir da década de 50, com destaque para o Rio de Janeiro, cotidiano da cidade, arquitetura. Paralelamente, há as demandas já mencionadas.

8, qual o estado do acervo fotografico quando começou a digitalização?

Nosso acervo fotográfico encontra-se em bom estado apesar das condições precárias dos invólucros (envelopes). O acervo apresenta uma classificação que permite sua localização. Após a digitalização observamos rapidez no atendimento ao usuário e o fato de não haver mais a necessidade de retornarmos ao negativo.

9. o processo facilitou a empresa em que sentido primeiramente? financeiramente.

A digitalização favoreceu à empresa no tocante à velocidade no atendimento, no oferecimento de um menu variado de temas aos clientes da Agência O Globo, e a descoberta de assuntos que antes

não eram pesquisados por serem desconhecidos ao pesquisador.

Prof. Aldo Barreto escreveu em um artigo que a informação possui uma dinâmica diferenciada de outros "serviços" ou "produtos": a informação só cria demanda quando revelada, ou seja, exemplificando no caso do Globo, a pesquisa a fotos antigas aumentou a partir do momento que começamos a digitalizar e dar uma mostra do potencial do acervo. Antes tal procura era pequena.

10 . teria disponível algum material sobre o trabalho do globo que possa sere divulgado, a título de contextualização?
gostaria também de enviar as perguntas como pré-teste e ouvir tua opiniao a respeito.

Você gostaria de trabalho científico ou livros publicados a partir do acervo do Globo? No segundo caso posso citar dois livros:

Esculturas de uma ópera popular - livro sobre alegorias (carros alegóricos) feito em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, com imagens antigas e atuais do acervo do Globo.

O livro de 80 anos do Globo - livro comemorativo com páginas e fotos de acontecimentos representativos no período de 1925-2005.

Também organizamos suas exposições com nosso acervo: uma sobre os 80 anos e outra sobre anúncios. Mais detalhes, veja no meu Lattes.

Fora isso, não temos nenhum trabalho que formalize o projeto de digitalização da Infoglobo.

Não sei se respondi exatamente o que você queria. Qualquer dúvida, me retorne.

Questionário

Nº questionário _____

1. Qual a sua função na Redação?

- 1- Editor
- 2- Repórter
- 3- Diagramador
- 4- Repórter fotográfico
- 5- Pesquisador
- 6- Outros _____

2. Você faz uso do arquivo de fotografias?

- 1- Sim, utilizo tanto o arquivo analógico quanto o digital
- 2- Apenas o arquivo de fotos digitais
- 3- Solicito pesquisa somente no arquivo de fotos analógicas
- 4- Nunca solicito pesquisa nos arquivos

3. Com que frequência solicita fotos no arquivo analógico?

- 1- Todos os dias
- 2- Uma vez por semana
- 3- Duas vezes por semana
- 4- Quantas? _____

4. Como classificaria sua solicitação de fotos nos arquivos?

- 1- Sempre encontro o que procuro
- 2- Quase sempre encontro o que procuro
- 3- Quase nunca encontro o que procuro
- 4- Nunca encontro o que procuro

5. Qual a maior dificuldade que apontaria no arquivo analógico?

- 1- Organização das fotos
- 2- Identificação incorreta das fotos
- 3- Tipo de pastas onde estão armazenadas as fotos
- 4- Identificação errada das pastas
- 5- Outra. 5.1 Qual? _____

6. Ao encaminhar solicitação para o arquivo analógico, você precisa escrever o nome do tema/pessoa que busca ou apenas diz ao funcionário do arquivo?

- 1- Sempre escrevo
- 2- Nunca escrevo
- 3- Apenas digo o que preciso ao funcionário

7. Em qual arquivo é mais fácil e rápido encontrar uma foto?

- 1- Analógico
- 2- Digital
- 3- Indiferente
- 4- Não sei

8. No arquivo analógico, quando o funcionário entrega a pasta de fotos, quais as dificuldades encontradas?

- 1- Fotos que estavam fora da pasta correta
- 2- Foto cujo nome da pessoa/lugar/objeto estava escrito errado
- 3- Fotos sem data ou identificação
- 4- Fotos sem a autoria (nome do fotógrafo)
- 5- Outras _____

9. Costuma procurar/tem acesso a fotos já publicadas em qual sistema?

- 1- PhotoStation
- 3- Arquivo do GN3 (Tark)
- 4- Agências contratadas pelo jornal
- 5- Internet

10. Quando acessa o sistema de armazenamento Tark:

- 1- Encontro o que procuro
- 2- Faço uma ou mais tentativas de busca por palavra-chave

3- Não pesquiso com mais de uma palavra/nome

4- Outros _____

11. Quanto ao uso no sistema digital Tark:

- 1- Tenho conhecimento de filtros para melhorar a pesquisa e encontrar a foto rapidamente
- 2- Quando solicito uma foto ao funcionário da pesquisa, obtenho resultados rapidamente
- 3- Só obtenho resultados quando indico uma foto que está no Tark
- 4- Outros _____

12. Ao solicitar a foto ao funcionário da pesquisa, fica satisfeito com o resultado ou solicita nova pesquisa?

- 1- Nunca
- 2- Quase sempre
- 3- Às vezes
- 4- Sempre

13. O que você acha do sistema de solicitação de pesquisa de fotos?

- 1- Ótimo
- 2- Bom
- 3- Regular
- 4- Ruim

14. Já encontrou fotos que nada tinham a ver com o que procurava?

- 1- Nunca
- 2- Quase sempre
- 3- Às vezes
- 4- Sempre

15. No programa disponível para armazenamento das fotos, as informações anexas (índice/legenda/resumo) são completas?

- 1- Sim
- 2- Não

16. O que precisaria melhorar para que a foto digital fosse encontrada mais rapidamente?

- 1- Legendas mais detalhadas
- 2- Data
- 3- Padronização na descrição das informações
- 4- Sistemas de filtros mais eficazes
- 5- Outros _____

17. Tem conhecimento de base de dados de fotos de outro jornal?

- 1- Sim
- 2- Não
- 3- Qual? _____

18. Caso conheça, o que achou de modelo de identificação da fotografia nos arquivos?

- 1- Bom
- 2- Regular
- 3- Eficiente
- 4- Igual ao sistema deste jornal
- 5- Outros _____